

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LEANDRO JOSÉ MARIA SILVA

A SUBLIMAÇÃO COMO FORMA DE LIDAR COM O MAL-ESTAR NA CULTURA
NA OBRA “ANGÚSTIA” DE GRACILIANO RAMOS

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LEANDRO JOSÉ MARIA SILVA

A SUBLIMAÇÃO COMO FORMA DE LIDAR COM O MAL-ESTAR NA CULTURA
NA OBRA “ANGÚSTIA” DE GRACILIANO RAMOS

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Fundamentos Teóricos e Filosóficos da Psicologia

Orientador(a): Pedro Sobrino Laureano

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB) e
Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ, com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

S58
6
Silva, Leandro José Maria.
A sublimação como forma de lidar com o mal-estar
na cultura na obra "Angústia" de Graciliano Ramos
/ Leandro José Maria Silva ; orientador Pedro
Sobrino Laureano. -- São João del-Rei, 2021.
105 p.

Dissertação (Mestrado - Psicologia) --
Universidade Federal de São João del-Rei, 2021.

1. Mal-estar. 2. Sublimação. 3. Pulsão. 4.
Psicanálise Freudiana. 5. Graciliano Ramos. I.
Laureano, Pedro Sobrino, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DA COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO E DESFAZIMENTO DE BENS N° 1 / 2021 - PPGPSI (13.24)

N° do Protocolo: 23122.028979/2021-32

São João del-Rei-MG, 18 de agosto de 2021.

A Dissertação "**A sublimação como forma de lidar com o mal-estar na cultura na obra "Angústia" de Graciliano Ramos**"

elaborada por **Leandro José Maria Silva**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Léa Carneiro Silveira (UFLA)

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por
videoconferência

Profa. Dra. Magali Milene Silva
(UNIFENAS)

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por
videoconferência

(Assinado digitalmente em 18/08/2021 17:03)

PEDRO SOBRINO LAUREANO
PROFESSOR DO MAG!STERIO SUPERIOR
DPSiC (12.25)
Matrícula: 1027403

(Assinado digitalmente em 18/08/2021 11 :36)

WILSON CAMILO CHAVES PROFESSOR
DO MAG!STERIO SUPERIOR DPSiC (12.2!fi)
Matrícula: 1352910

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 1, ano: 2021, tipo:
ATA DA COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO E DESFAZIMENTO DE BENS,
data de emissão: 18/08/2021 e o código de verificação: 883d4a4a62

À minha família, companheiros fiéis dessa existência:

Sr. João, meu pai, minha inspiração;

D. Cidinha, mãe carinhosa e mulher de fé;

Daniele, que chamo de “Éia” desde criança,

irmã, que tem um coração de ouro,

e presenteou-nos com o pequeno João Marcelo!

AGRADECIMENTOS

À UFSJ, Universidade pública, gratuita e de qualidade, que me proporcionou essa oportunidade, mesmo em tempos de ataques, cortes financeiros e negacionismo científico;

Ao Programa de Pós-graduação (PPG Psi-UFSJ), da Universidade Federal de São João del Rei, professores e colaboradores;

À CAPES e ao Programa Institucional de Bolsas da UFSJ, pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual esta não teria acontecido.

Ao meu orientador, Pedro Sobrino Laureano, grande profissional e que tornou-se grande parceiro e amigo durante esse tempo de pesquisa, pelas suas orientações, sua compreensão e seu compromisso em estar sempre presente, auxiliando-me;

Aos membros da banca, Magali Milene Silva, Léa Carneiro Silva, Wilson Camilo Chaves, por terem aceitado o convite e darem valiosas sugestões, pertinentes e construtivas críticas, enriquecendo este trabalho de pesquisa;

À minha família: meu pai João Cândido da Silva, *in memoriam*, que derramou suor e lágrimas para que eu tivesse acesso aos estudos e, que, fazia tudo de novo, se necessário; à minha mãe, Aparecida das Graças Silva, colo consolador, apoio incondicional e fé, muitas vezes quando nem eu mais tinha; à minha irmã Daniele Aparecida Silva, parceira de vida, e de luta; ao meu sobrinho João Marcelo Silva Pereira, que trouxe cor e alegrias às nossas casas;

Aos meus companheiros de mestrado: Marina, Thaís, Vinícius, Gustavo, Max, Isacar, Jéssica e Isabela. Pessoas que, desde o início do mestrado, despertaram-me afeição gratuita e tornaram-se grandes amigos, companheiros de jornada, parceiros de angústia e de uma boa mesa de bar;

Aos amigos que fiz em São João del Rei, Lúcia, Pablo, Lidiane, Carla, Angélica, Isaac, que foram para mim aconchego, acolhimento e carinho nessa terra que me acolheu;

Às amigas Jéssica Felizardo e Claudete Correa, amigas de vida, que entraram no mestrado na mesma época em universidades diferentes, mas, mesmo assim, foram minhas companheiras nesse processo, doloroso e delicioso, da construção de uma dissertação de mestrado;

Aos amigos companheiros da docência na escola pública, Washington, Kesley, Cláudia, Gabriel, Anicléudia, Fabrícia, Marco Antônio, Neide, Mayara, Luciana, Reisilane, e outros que não caberiam nessa lista; pelo apoio, amizade e carinho;

Aos amigos que a vida me deu e que tornaram-se irmãos: em ordem alfabética, Claudete, Cláudio, Edson Pablo, Jéssica Felizardo, Jéssica Kellen, Jéssica Soares, José Eduardo, Juliana,

Larissa, Lays, Leandro Ramos, Lucas, Mirna; Thiago Naves, Rosana, Rodrigo; Silmara, Sylvia;

Aos familiares, por acreditarem e apoiarem meu percurso;

Ao Weverton Andrade, mesmo que seguimos por trilhas diferentes na vida, foi de grande apoio e companheirismo no processo seletivo do mestrado;

Ao Núcleo de Psicanálise Laço Analítico, lugar em que fiz grandes amizades e que me ensina as sutilezas da clínica na psicanálise;

À Universidade Federal de Lavras, minha primeira casa, e ao curso de Filosofia da UFLA, que me despertou para a pesquisa;

Ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes, lugar que mostrou que eu era capaz, que explorou meus potenciais e me preparou para os desafios vindouros da universidade;

À Maria Inês Rodrigues Silveira, *in memoriam*, primeira e inesquecível professora, que me ajudou a dar os primeiros passos na leitura e na escrita e que me inspirou a carreira de professor;

À Escola Estadual Cristiano de Souza, escola pública, que na sua simplicidade me acolheu, me apresentou ao mundo dos livros e da leitura e me ensinou a ser ‘rato de biblioteca’. Essa mesma biblioteca de nome “Olavi Bilac” foi onde tive o primeiro contato com o livro “Angústia”, na oitava série.;

“Deve-se escrever da mesma maneira
como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício.

Elas começam com uma primeira lavada,
molham a roupa suja na beira da lagoa
ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente,
voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma,
duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada,
agora jogando a água com a mão.

Batem o pano na laje ou na pedra limpa,
e dão mais uma torcida e mais outra,
torcem até não pingar do pano uma só gota.

Somente depois de feito tudo isso
é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa.
A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso;
a palavra foi feita para dizer.”

Graciliano Ramos

“Entendo e quase invejo a gentil e inocente alegria dos comuns,
mas amo a angústia de ser incomum.”

Voltaire

RESUMO

Na obra “O mal estar na cultura”, de 1930, Sigmund Freud trabalha a relação conturbada que o indivíduo possui com a existência, o que ele denomina de mal-estar. Em relação a isso o autor aponta que existem formas de lidar: a religião, o amor, o uso de entorpecentes, a arte e a sublimação, sendo esse último o foco do presente estudo. Sabemos que a sublimação foi definida como o deslocamento da libido, além do recalque, para fins mais elevados socialmente, como o trabalho, a atividade científica, a criação artística e literária, por exemplo. A partir de então, das ideias de Freud sobre a sublimação, e da sua utilidade para elaborar sobre o mal estar, vamos investigar as vicissitudes da obra “Angústia” de Graciliano Ramos que é especial para o propósito da nossa investigação, digamos que Luís da Silva, narrador e personagem principal, sente na pele o mal estar de sua época, ao contar sua história vivida. Ao fazer uso de um relato, criação literária do autor, revelam-se elaborações de espécies de conflitos pulsionais. Após assassinar Julião Tavares, seu oponente, cai em um processo de definhamento causado pela culpa pelo ato realizado. Sua última tentativa de se haver com seus complexos é escrever e elaborar sobre os acontecimentos. O objetivo desta pesquisa será trabalhar os conceitos de mal-estar e sublimação como modo de compreender a vivência narrada pelo personagem principal, levantando em conta possíveis aproximações e distanciamentos entre psicanálise e literatura.

Palavras-chave: Mal estar, sublimação, pulsão, psicanálise freudiana, Graciliano Ramos.

ABSTRACT

In the literary work “Civilization and Its Discontents”, from 1930, Sigmund Freud works on the disturbed relationship that the individual has with the culture, which he calls discontent. In this book Freud brings ways to deal with this discontent: religion, love, the use of narcotics, art, and sublimation, being the last one the focus of this study. Roughly speaking, the sublimation is the libido displacement for more socially elevated purposes, such as, for example, work, science, artistic and literary creation. It's from the idea of discontent, the concept sublimation and its application to make out the discontent, that we will investigate the vicissitudes of the novel “Anguish” by Graciliano Ramos. This work has a special feature because, in it, Luís da Silva, who is the narrator and the main character, after feeling the discontent of his era, tells the story that he lived and makes use of this narrative, which is a literary creation, to elaborate his drive caused conflicts. After murdering Julião Tavares, his rival, Luís falls into a wasting process caused by the guilt for the act. His last attempt at dealing with his thoughts is to write and try to work out his problems through his story. The result is a novel that was written and narrated by him. Saying that, the goal of this research is to work the concepts of discontent and sublimation as a way to deal with this sensation and to understand how we can apply this theme in Graciliano Ramos' literary work, bringing its similarities and differences.

Keywords: Discontent, sublimation, drive, Freudian psychoanalysis, Graciliano Ramos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - O mal-estar cultural na obra de Freud.....	19
1.1.1 – Cultura e suas vicissitudes.....	19
1.1.2 Características e falhas da cultura.....	21
1.1.3 - Desamparo, angústia e mal estar.....	22
1.2 – O mal - estar, a agressividade e a pulsão de morte.....	28
1.3 – Supereu, culpa e o mal estar.....	33
1.3.1. A instância Eu e o eu ideal.....	33
1.3.2 Dostoiévski e a culpa anterior ao crime.....	36
1.3.3 - A formação do Supereu.....	37
1.3.4 - Supereu e Mal-estar.....	41
1.4 – Formas de lidar com o mal-estar.....	43
CAPÍTULO 2 – Sublimação, arte e psicanálise.....	47
2.1 – Arte, literatura e psicanálise.....	47
2.2 - Sublimação na psicanálise.....	51
2.2.1 – Primeiro dualismo pulsional e textos iniciais: sublimação e mecanismos de defesa.....	51
2.2.2 - A sublimação após o segundo dualismo pulsional.....	66
CAPÍTULO 3 - A obra “Angústia” de Graciliano Ramos e a sublimação pela escrita.....	72
3.1 – O modernismo e o contexto da obra.....	72
3.2 – A obra e a psicanálise.....	77
3.2.1 - O mal-estar do sujeito dividido: o cangaceiros <i>versus</i> o urbano letrado.....	77
3.2.2 - O crime, suas consequências psíquicas e a escrita.....	86
3.3 – Luís da Silva e a sublimação através da escrita.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS... ..	96

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
---------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa nasce de uma questão. Para tentar responder nossa questão partimos da premissa freudiana de que os escritores têm acesso privilegiado ao inconsciente e podemos buscar nos escritos do fundador da psicanálise os conceitos com os quais trabalharemos nesta pesquisa. A obra literária a ser analisada sob o viés psicanalítico é o livro “Angústia” (1920) do escritor brasileiro Graciliano Ramos. Buscaremos construir uma trajetória a respeito do conceito de sublimação na psicanálise e investigaremos se a atividade sublimatória faz-se presente no relato autobiográfico de Luís da Silva, narrador e protagonista da obra. O relato descrito é carregado de profundas emoções negativas, ressentimentos, abjeção de si, sentimentos de inferioridade, etc..É a expressão do mal-estar, seja ele individual e/ou social, de um indivíduo que está dentro de uma cultura, de um grupo social e não é capaz de adequar-se a ele.

A obra “Angústia (1920) de Graciliano Ramos é um romance regionalista que se passa em Maceió, capital do estado de Alagoas na década de 1920. O protagonista Luís da Silva relata através dos seus escritos o percurso de sua vida, destacamos o seu romance com Marina, uma moça jovem filha de seus vizinhos, que acabou despertando seus desejos. De início ele não havia cogitado a ideia de um casamento. Um dos motivos era a sua condição financeira para isso e também a sua timidez. Outro ponto importante da sua história é a relação com seu avô, Trajano Cavalcante de Aquino e Silva, dono de uma próspera fazenda na zona rural de Maceió, senhor de escravos, rico, influente e respeitado.

Ao longo da narrativa aparecem dificuldades na família de Luís da Silva. A família ficou pobre ao ponto de Camilo Pereira da Silva, pai de Luis e filho de Trajano, parar de investir e abandonar a fazenda, depois disso levou o filho para morar em uma casa simples na vila. Com a morte do pai Luis se viu sozinho no mundo. Em seguida os credores do pai apareceram para cobrar as dívidas, levaram móveis e outros pertences como pagamento e o filho viu-se arruinado. Luís passa parte de sua infância, adolescência e juventude vivendo de favores em pensões e lugares insalubres, essas condições formam fundamentais na formação da sua personalidade as condições dos ambientes onde morou.

Mais tarde, após passar por vários tipos de trabalho, tornou-se funcionário público, escrevendo de uma repartição estadual. Esse trabalho deu-lhe condição de ter uma casa de aluguel, ter uma empregada, Vitória, e manter uma vida mediana. Algumas vezes escreveu textos para outros, para que esses publiquem, como se a autoria fosse deles em troca de algum dinheiro. Porém não é só a vida financeira que afeta a personalidade de Luís. Este já tem uma autoestima muito baixa. Considera-se um homem chucro, do mato, bruto, invisível. Tinha poucos amigos e a relação dele com esses amigos é muito superficial. A pessoa com quem mantém mais diálogo é

Vitória, a empregada que tem comportamentos estranhos. Seu tipo físico também interfere em sua autoestima. Se considera feio, magro, com nariz grosso, etc.

[...] tenho a impressão de que me faltam peças do vestuário. Assaltam-me dúvidas idiotas. Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer (RAMOS, 2005, p. 25-26).

Voltando a falar de Marina. Esta jovem moça, de não mais que vinte anos, tornou-se sua vizinha. Luís costumava deitar-se na rede em seu quintal para ler romances ruins, como ele mesmo dizia e o quintal vizinho até certo momento não chamava-lhe atenção. Ali morava uma senhora mais velha que ficava mexendo com as flores do jardim. Com a morte da idosa outra família ocupou o imóvel, a família de Marina. A moça diferentemente da senhora despertou o olhar do protagonista. Passaram a ter conversas triviais e tornaram-se amigos.

Nasceu ali uma paixão. Tiveram alguns encontros debaixo da mangueira, no escuro e Luís resolveu tomar uma atitude, pediu a mão de Marina para sua família em casamento. Os preparativos do casamento aos poucos foram tornando-se incômodos para Luís. O dinheiro que possuía era pouco para comprar o enxoval nas condições desejadas pela noiva. Além disso, outro empecilho apareceu. Um figurão burguês, que tinha dinheiro e influência na cidade começou a rodear Marina. Julião Tavares era o oposto de Luís. Era rico, conhecido, falava bem, tinha boa retórica, talvez até poderíamos dizer que era o ideal que Luis almejava. Luis passa boa parte do livro falando da personalidade de Julião. Esse costumava seduzir as moças bonitas da cidade, prometia casamento a elas e depois as abandonava.

Julião passou a frequentar a casa de Marina, seduzindo-a e conquistando a sua família. Marina deixou Luís de lado e por causa de insegurança ele também não tomou nenhuma atitude para conseguir recuperar o interesse da moça de volta. Logo algo já previsto aconteceu: Mariana engravidada, o filho é dela com Julião, mas posteriormente é abandonada por ele. A mãe de Marina, idosa e de pouca instrução, levou a moça a uma mulher que fazia aborto clandestino. Marina abortou a criança e Luís revoltou-se com o que aconteceu.

Os acontecimentos pontuados afetaram significativamente a visão que Luis da Silva tinha de si mesmo ou até mesmo confirmaram o que ele sentia. Sentia impotência. Surgiu, então, em Luis da Silva a vontade de se vingar de Julião Tavares, esse não deveria mais cruzar o seu caminho. Luís decide que Julião Tavares deveria morrer e em uma noite quando vê um rolo de corda no canto de sua sala, deixado de presente por Seu Ivo, saiu andando sem rumo e viu ao

longe o seu inimigo. Atacou-o pelas costas, enforcou-o, matou-o. Pra que outras pessoas não o denunciasses, ele decidiu simular um suicídio, amarrando a corda no galho de uma árvore deixando o corpo de Julião suspenso com a corda que o enforcou amarrada ao seu pescoço. E assim foi feito.

O protagonista seguiu para a sua casa. Intercalou vários caminhos diferentes para que ninguém o visse. Havia assassinado Julião Tavares. Matara uma das pessoas mais influentes da cidade. Tirara do caminho a pessoa que o impedira de ser quem ele queria ser. Tirara do caminho aquele que seduziu e abandonou Marina, a quem amava. Esse ato, porém, trouxe consequências:

Apareceram vozes na estrada. Vozes? Ou seria que eu estava tresvariando? Alucinação. Não queria acreditar que pessoas normais se avizinhassem de mim sossegadamente. Agarrava-me com desespero à corda.

- Trinta anos de prisão, tinta anos de prisão.

As grades que a gente não pode tocar, tão nojentas são elas, as esteiras, as cortinas de pucumã, os muros grossos, fome, sede [...] (RAMOS, 2005, p. 243).

Depois disso Luís extremamente perturbado com toda a situação trancou-se em seu quarto acreditando que poderiam buscá-lo e levá-lo à prisão, tem medo de que alguém teria o visto e o denunciado. Essa angústia passou a assombrá-lo. Talvez ela já estivesse há muito tempo dentro de si, latente, porém, agora manifestava-se sem amarras. Luís segue com essas *autoacusações* num profundo mal-estar. Isso, porém, não se deve somente à rejeição de Marina e ao crime cometido contra a vida de Julião. Luís desde a infância mostra-nos nos seus relatos situações que influenciaram na sua condição.

Ademais, esse mal-estar, na visão da psicanálise, é algo inerente a todos os indivíduos. Somos sujeitos, seres divididos, cindidos psiquicamente. Temos desejos, pulsões que não coadunam com a cultura em que vivemos e, muito menos com os ideais e fantasias que possuímos em nossa vida. Tudo isso gera mal-estar. O protagonista, segundo seu relato na obra, não era nem o sertanejo valente, que não permitia que o fizessem desaforos e nem o cidadão respeitável, literato, funcionário público polido da cidade. Não partilhava mais do sucesso econômico do avô senhor de engenho e nem tinha uma vida econômica satisfatória, fruto da economia burguesa que estava se estabelecendo na época no nordeste brasileiro. Era apenas um Luís da Silva.

Perguntamo-nos se Luís da Silva em uma situação de profundo mal-estar, ao escrever no livro “Angústia” de Graciliano Ramos sua trajetória, realizou uma atividade sublimatória. A escrita desse relato possibilitou a ele dar um novo caminho menos sintomático e menos desprazeroso para o seu conflito psíquico? Será escrita literária como atividade artística, uma alternativa prazerosa para que o indivíduo possa expressar e trabalhar as suas angústias? Será a

obra de arte uma expressão da psique do ser humano, do seu autor, do seu contexto e das questões trazidas por ele? É possível obter um conhecimento da psique humana através da análise de um personagem literário? Tentaremos, nessa pesquisa, dar uma contribuição a essas questões, bem como levantar outras novas.

Propomo-nos a investigar, segundo o viés da psicanálise freudiana, as vicissitudes do mal-estar na cultura a partir da obra. Como esse mal-estar se expressa nos sujeitos, seja em nível individual ou coletivo. Como o conceito de pulsão de morte e os ideais paternos que cada indivíduo toma para si interferem nas vicissitudes desse mal-estar. Veremos também quais serão os métodos alternativos à “satisfação completa”, que é impossível, pois não existe um remédio definitivo para lidar com o mal-estar, pois somos e sempre seremos sujeitos fraturados, de acordo com a psicanálise. Um desses métodos alternativos terá por nós uma atenção especial: a sublimação, que é o deslocamento da energia de um conteúdo sexual para um alvo que não é sexual, ao invés de ser deslocada para o recalque, para um sintoma. O processo sublimatório possui uma valorização social.

Perguntamo-nos se Luís da Silva em uma situação de profundo mal-estar, ao escrever no livro “Angústia” de Graciliano Ramos sua trajetória, realizou uma atividade sublimatória. A escrita desse relato possibilitou a ele dar um novo caminho menos sintomático e menos desprazeroso para o seu conflito psíquico? Será a escrita literária uma atividade artística, alternativa prazerosa para que o indivíduo possa expressar e trabalhar as suas angústias? Será a obra de arte uma expressão da psique do ser humano, do seu autor, do seu contexto e das questões trazidas por ele? É possível obter um conhecimento da psique humana através da análise de um personagem literário? Tentaremos, nessa pesquisa, dar uma contribuição a essas questões, bem como levantar outras novas.

A nossa metodologia será bibliográfica. Buscaremos realizar uma investigação da psicanálise aplicada à literatura. Analisaremos a obra “Angústia” (1920) de Graciliano Ramos e outros autores também fornecerão auxílio para a nossa investigação.

Discutiremos também sobre o contexto da obra, um romance regionalista dos anos 1930 e em que medida o contexto político, social e econômico influenciou a trajetória da personagem e as questões que ele traz em seu relato. A obra em questão faz parte do Modernismo, escola literária brasileira. Nesse sentido veremos como o autor foi influenciado pelas características trazidas por esse período em que a literatura prevaleceu como crítica e denúncia social. Os modernos propuseram uma revisão da cultura brasileira, do individualismo como expressão fragmentada dos afetos através da arte e da escrita. Discutiremos ainda no contexto da arte moderna, se o romance “Angústia” (1920), possui características de um realismo e de um expressionismo, ao mesmo tempo.

Faremos uma discussão, a respeito da obra de arte e sobre seu papel, entrelaçada com a psicanálise. Discutiremos em que medida a arte pode ser uma leitura e/ou representação da realidade possuidora de aspectos que são muitas das vezes vistos como pertencente ao campo do não-sentido. Pode a arte ser uma tradução daquilo que é ignorado como da ordem do “não pensamento”? Para relacionar a arte e a psicanálise, mais especificamente para o nosso foco: usaremos o conceito de sublimação percorrendo as vicissitudes do conceito em alguns textos de Freud.

Para isso antes de respondermos a questão principal que é se Luís da Silva sublima ou não na obra “Angústia” (1920) de Graciliano Ramos, faremos uma fundamentação do conceito de mal-estar na obra de Freud. A base para a nossa discussão é o texto “Mal estar na civilização” de 1930, porém, faremos uma viagem desde algumas obras iniciais de Freud, que já traziam questões relacionadas: “*Moral sexual cultural e doença nervosa moderna*”(1908), “*Projeto para uma psicologia*”(1905), “*Inibição, Sintomas e Angústia*”(1906), dentre outros.

Portanto, analisaremos se e como a sublimação pode ser um bálsamo para lidar com o mal-estar do sujeito e se isso acontece no caso de Luís da Silva, narrador e personagem principal do romance “Angústia” de Graciliano Ramos.

CAPÍTULO 1

O mal-estar cultural na obra de Freud.

1.1.1 – Cultura e suas vicissitudes

Para a discussão proposta neste capítulo em um primeiro momento explicitaremos o conceito de cultura em Freud, pois, traz elementos importantes para o nosso problema. Para o autor a palavra cultura¹ designa: a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (Freud, 1930/2010, pp. 48-49). Nessa direção Freud pressupõe que os seres humanos agem naturalmente de maneira selvagem, tendo como parâmetro: a lei do mais forte e a luta pela sobrevivência, e seriam a busca de alimentos e os objetos sexuais e a própria estrutura cultural, os principais motivos para que o homem entre em conflito. Para além dessas condições, nota-se também que os seres humanos dispõem de uma agressividade gratuita, podem ser agressivos mesmo sem motivo específico contra os seus semelhantes.

É preciso, então, para Freud, que as relações entre os indivíduos sejam reguladas. Já que os humanos são totalmente vulneráveis aos ataques da natureza: as catástrofes, o envelhecimento do corpo, as doenças e pestes, a morte, etc.. Considera-se assim, a cultura e seus aparatos como forma de auxiliar em questões nas quais a humanidade se posiciona impotente, ainda que essa não seja sua única função. Através dos avanços dos aparatos da cultura, por exemplo, podemos prever catástrofes ambientais, preparamo-nos para o acontecimento delas, prevenimos doenças, cuidamos dos corpos e da saúde, retardamos a morte e lidamos psiquicamente com ela. A cultura, então, permite aos homens regular o vínculo dos indivíduos entre si e os bens para a satisfação de suas necessidades, bem como a sua divisão.

Já que explicitamos brevemente a concepção freudiana de cultura no passo seguinte pretendemos explicitar seus fundamentos e como foi o surgimento da ideia de função dela. Para fazermos este percurso será necessário que recorramos à outra obra de Freud, chamada “Totem e tabu” (1913), nela encontram-se outros elementos fundamentais para pensar a cultura ao longo da história e também para a atualidade através de uma hipótese ou de um mito, uma construção usada pelo autor para poder explicar a origem da cultura. Vejamos a seguir:

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente.

1 Não está dentro dos nossos propósitos aqui discutir sobre a problemática da tradução para a língua portuguesa cultura *versus* civilização. Traduziremos o termo *kultur*, por cultura.

(Talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado um sentimento de superioridade.) O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. (Totem e Tabu, 1913/2012, p. 216).

A citação ilustra um estado de coisas que vigora entre os humanos a partir da lei do mais forte: no caso o pai. A lógica explicitada no texto seria a de uma civilização que se estrutura na ordem patriarcal e totêmica, em que os indivíduos estão ligados pela obediência a um pai tirano e mais forte que todos. Como detentor de todo o poder, o pai coloca sobre os outros uma proibição: as mulheres são sua propriedade, constituindo-se uma horda paterna. Nela os filhos deveriam manter-se como castrados ou sair da horda. Isso gera descontentamento e eles arquitetam uma maneira de combater o pai, autoritário e agressivo.

O texto não traz os detalhes de como a derrubada do pai aconteceu, mas sabemos que os filhos, todos juntos, atacaram o pai, assassinaram e comeram a sua carne e os seus ossos. Começaria daí em diante, um tempo de liberdade. O caso é que, por mais que o pai já estivesse morto e eles tivessem incorporado a sua força e seu poder através da ingestão de sua carne e de seus ossos, surgiu o remorso, o sentimento de culpa pelo assassinato. O pai era tirano, porém, também era alvo de sentimentos ternos vindos dos filhos, pois ele os protegia na horda. Havia uma ambivalência de sentimentos. Após esgotar toda a agressividade que tinham contra ele, os sentimentos de ternura vieram à tona.

Essa culpa pensada de uma forma mais ampla, talvez revele um compromisso ético entre os membros da horda, já que foi transformada em promessa: de não mais matar o pai e de manter o cumprimento de sua lei. Ou seja, esse compromisso estabelece o acordo de não cometer o incesto, ou de não ter relações sexuais com as mulheres da horda, propriedades do pai. A lei que antes era ditada pelo pai passou a ser determinada de forma horizontal pelos irmãos da horda e a partir daí surgiram as instituições culturais. O sentimento de culpa presente em cada indivíduo pela morte do pai é o mantenedor da ordem cultural. Se a agressividade for permitida, a cultura não se perpetuará. É necessário recalá-la, desviá-la para dentro.

É importante salientar que esse assassinato do pai da horda primitiva em “Totem e tabu” como mito, por isso ligado ao campo da fantasia, tem inúmeras implicações na teoria psicanalítica. É o que vemos em “O mal-estar na civilização” (1930), obra em que Freud dá continuação às hipóteses que fundamentam a respeito da formação de uma organização social

dos filhos da horda e como a partir dela advém à necessidade do trabalho, para a sobrevivência. A família, unida por *Eros*, em que o homem tomou a mulher, não apenas como objeto sexual, mas também como companheira de trabalho, junto com os filhos que surgem dessa relação. Para Freud, então, amor e necessidade (*Eros e Ananké*), são as bases da comunidade humana. (Cf. Freud 1930/2010, p. 63).

1.1.2 Características e falhas da cultura

O advento da cultura possibilitou avanços e muitas realizações humanas foram possíveis para prever e controlar as forças da natureza com o aperfeiçoamento do domínio do fogo, a construção de moradias, e vários outros instrumentos que facilitam a vida. (Cf. Freud, 1930/2010, pp 49 e ss.) Conquistas intelectuais, científicas, artísticas e outras. Algumas outras questões o homem deslocou para os deuses, que são os seus ideais culturais. Na cultura os homens avançam, porém, ela se mostra como uma faca de dois gumes, no que diz respeito ao relacionamento entre os indivíduos. A cultura passou a ser a responsável por regulá-los, houve um avanço, pois a lei do mais forte da horda primitiva não era suficiente para isso. No entanto, essa regulamentação tornou-se a raiz de mal estar. Segundo Le Rider (2002):

A *Kultur* se revela assim edificada sobre a renúncia pulsional, sobre a não-satisfação, sobre a repressão (*Unterdrückung*) e o recalçamento (*Verdrängung*) das pulsões. Compreende-se que o “mal estar” e mesmo as formas mais graves de conflito entre o indivíduo e a cultura sejam sempre possíveis. (Le Rider, 2002, p. 109. Grifos do autor).

Dessa forma, os conflitos entre os indivíduos não são mais resolvidos entre eles por meio da força bruta, mas sim por uma lei que pretende ter um status de igualdade para todos. Essa lei é a da justiça. Para viver em uma comunidade é necessário frear as pulsões e perceber que, acima do direito individual, existe um direito comunitário. A liberdade individual é cerceada, o que provoca grandes conflitos e mal-estar entre os indivíduos. E não é apenas esse mal-estar da privação da liberdade que a cultura carrega consigo. Parece que o projeto cultural falhou, de acordo com Freud, naquilo que era para nos trazer felicidade, pois também nos deparamos com uma grande cota de sofrimento. Observamos de modo processual que grande parte da natureza não foi dominada pela cultura. O nosso corpo tem um prazo de validade e temos que conviver com o seu processo de depreciação. Existem produtos e medicamentos para o cuidado com o corpo, porém, são apenas “paliativos”, que apenas retardam o envelhecimento.

Uma outra faceta do mal-estar é o social, justamente o relacionamento com o outro, do qual falamos acima. Tivemos que, para poder viver em comunidade, abdicar de parte de nossa

liberdade e renunciar às nossas pulsões e tivemos assim, que lidar com a privação e a frustração. Não é possível transgredir a necessidade de renúncia sem lidar com o mal estar, em consequência desse movimento. Estão aí as falhas do projeto cultural. Dizemos falhas, pois, a cultura é um projeto incompleto, nela os indivíduos estão sujeitos há várias impossibilidades, porém, não há como pensar algo fora da cultura. Ela é indispensável para a existência.

Sobre esses pontos da obra freudiana existem muitos questionamentos, busca-se inclusive nesse sentido o motivo do “teor pessimista” da formulação, avaliação dada por muitos a respeito do artigo de 1930. Alguns críticos afirmam que esse pessimismo estaria ligado às condições do tempo e das vivências de Freud. Rey-Flaud (2002), por exemplo, afirma que a crítica erudita busca explicar a obra pelo homem e aponta que há impacto das contingências da história individual e contextual do autor para a formulação: “a marca duradoura do traumatismo causado pela Grande Guerra, os lutos familiares que sofreu, o abandono dos seus melhores discípulos, sua luta cotidiana contra o câncer, o conjunto como pano de fundo da crise europeia e da ascensão fulgurante do nazismo”. (Rey-Flaud, 2002, pp. 6-7).

1.1.3 - Desamparo, angústia e mal estar

O conceito de desamparo psíquico é de suma importância para a nossa pesquisa. Este é um dos pilares para o entendimento do conceito de mal-estar na obra de Freud. Trata-se de um estado de vulnerabilidade do ser humano que o obriga à comunicação, à convivência com os outros. Pode ser tanto físico, quanto psíquico. Possui as suas duas facetas. O desamparo é responsável pelo sentimento de impotência do indivíduo diante de suas necessidades fisiológicas e psicológicas. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o desamparo é um:

(...) termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana. Estado do lactente, que dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para por fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia.” (Laplanche e Pontalis 1982/2001, p. 156).

Avancemos a partir daqui a um movimento regressivo de investigação da obra freudiana para analisarmos a origem do conceito de desamparo psíquico, cuja importância é inestimável para o estudo das ideias religiosas na obra de Freud. Em 1895, no *Projeto para uma psicologia*, Freud descreve a vivência de satisfação da criança. Para esta empreitada é fundamental termos uma noção de como funciona o aparelho psíquico, ou aparelho neuronal, de acordo com Freud,

nos moldes de 1895. Nesse contexto é explicado como uma rede de neurônios que se ligam entre si. Em rede os neurônios (Φ) circulam em quantidades “Q”, que recebem os estímulos do mundo externo, e já que são permeáveis, executam a função primária, ou seja, quando os estímulos externos aumentam, o aparelho tende a empreender a fuga. Essas energias “Q” partem das vias de condução ou dos processos celulares em direção rumo à descarga. Desse modo, o aparelho psíquico tem a função de lidar com os estímulos, ou seja, mantê-los em um nível mais baixo possível.

Fazem parte também do aparelho psíquico os neurônios (Ψ), que oferecem resistência, em especial, à passagem dos estímulos internos, endógenos. Os estímulos internos não podem ser driblados por meio da fuga, são irremovíveis, pois não é possível fugir de um acúmulo interno de tensão, um acúmulo de energia. Os neurônios (Ψ), diferentemente dos (Φ), têm em sua estrutura barreiras de contato que fazem resistência à descarga nas vias de condução. Essas são responsáveis pela impermeabilidade dos neurônios em questão. Fazem parte do aparelho psíquico também os neurônios (ω), que são relacionados à consciência; são diferentemente dos dois anteriores os responsáveis por converter a quantidade em qualidade. Eles são neurônios sensoriais que tendem a sinalizar para a consciência o prazer (quando há diminuição dos estímulos em (Φ) e (Ψ)) e o desprazer, que ocorre quando a quantidade de estímulos nos mesmos neurônios aumenta. Segundo Silva (2016):

O caso é que, quando o aparelho está diante de uma situação com grande intensidade de estímulos (Q_n)², ele tem que empreender uma ação específica para haver descarga. Essa ação específica, que é realizada no mundo externo, fica gravada nas barreiras de contato de (Ψ), formando trilhas ou facilitações. Como os estímulos internos (fome, respiração, sexualidade) são irremovíveis, a próxima descarga sempre tenderá a seguir por essas trilhas facilitadas pela memória nas barreiras de contato. (Silva 2016, p. 52) .

Qual será, então, a maneira de lidar com esses estímulos? De acordo com Freud, a criança logo após o seu nascimento, empreende atos motores, gritos e expressão de emoções, porém, não são suficientes para diminuir a tensão, que só pode ser saciada por uma ação específica, uma ação que altere o mundo externo, como o fornecimento de alimento, por exemplo, cancelando momentaneamente a tensão. Essa ação tem que ser realizada inicialmente por outro indivíduo, devido à incapacidade do recém-nascido para realizar tal ato.

O organismo humano é no início incapaz de levar a cabo a ação específica. Ela efetua-se por ajuda externa, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. (...) Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado,

2 Qn – quantidade de pulsional energia, afeto, que circula pelos neurônios no aparelho psíquico. É de origem interna.

então este foi capaz, por meio de dispositivos reflexos, de executar sem demora o desempenho necessário no interior do corpo para cancelar o estímulo endógeno. (Freud, 1895, traduzido por Gabbi Jr, 2003, p. 196).

A criança está assim à mercê do outro, que lhe protege e sacia as suas necessidades básicas. O recém-nascido apresenta-se como desamparado e incapaz de realizar solitariamente a ação específica capaz de aquietar os estímulos endógenos, internos, que mais tarde serão chamados por Freud de pulsão. Após a primeira experiência da vivência de satisfação que a criança armazena em sua memória, são criadas trilhas que facilitarão o percurso dos estímulos endógenos. Na próxima ocasião que sentir fome, ela saberá que, ao se colocar novamente em gritos, choro, movimentação do seu corpo, acionará novamente esse auxílio de um adulto, que novamente saciará as suas necessidades. De acordo com Conte (2015):

Executada tal ação[ação específica], iniciar-se-á, então um novo processo de somação, somente possível pelo restabelecimento da atuação das barreiras de contato, mas com um diferencial: estas barreiras atravessadas no processo anterior pelas quantidades endógenas apresentarão alterações, reduções de valência que possibilitarão que, em uma próxima exigência, Qn's menores ultrapassem as suas resistências. Isto significará a criação de uma trilha preferencial para a qual um novo fluxo tenderá fluir. Eis o processo de facilitação (*Bahnung*), possível em todo o sistema (Ψ) e cuja consequência será a formação de uma memória neurônica, indispensável no momento da vivência de satisfação (...).(Conte, 2015, p. 89).

Essa primeira experiência de desamparo que a criança vive dá margens também para a percepção de que existe um outro. Até então o indivíduo não consegue satisfazer seus impulsos sozinho. Após esta experiência, impõe-se a necessidade de um outro para auxiliá-lo. A presença deste outro é necessária para que ele sobreviva e não padeça por causa da alucinação, ou seja, a criança após fazer investimentos na imagem mnemônica do indivíduo que satisfaz as suas primeiras necessidades, pode ainda não ter condições de detectar sua presença ou ausência. Nisso alucina seu objeto de desejo, como exemplo temos o chuchar, que dá uma sensação de prazer, porém, não sacia a fome. É necessário, então, que a criança desenvolva uma melhor percepção da realidade. Ainda citando Conte (2015):

(...) é no momento em que se estabelece o desamparo que pela primeira vez, ao que tudo indica, há a possibilidade de um indivíduo se abrir para a existência de outro, e de perceber esta existência configurando-a de uma maneira particular, qual seja: há aquilo que não sou eu, sendo este poder demonstrado pela sua capacidade de me retirar de situações nas quais me sinto desamparado. Ora, temos aqui algo que podemos ligar diretamente à questão religiosa. (Conte, 2015, p. 93).

Relacionamos, então, o desamparo à questão do mal-estar e entendemos que por mais que esse desamparo presente no texto do *Projeto para uma psicologia, de 1905*, ainda seja um desamparo apenas físico, fala-se sobre a vulnerabilidade do ser humano na infância. Sabemos que a vulnerabilidade terá apenas um grau alterado quando abordarmos o desamparo psíquico, apontado por Freud no texto *Inibição, sintomas e Angústia (1926)*, posteriormente analisado. Vulnerabilidade, portanto, mostra-se diretamente ligada à angústia, ao sentimento de impotência do homem diante do mundo, da morte, da natureza e dos seus próprios estímulos, e em síntese isso caracteriza o mal-estar. Essa é a primeira imagem do desamparo que Freud nos traz.

Percorreremos agora, o modo como ele aborda este mesmo conceito trinta e um anos depois em um texto intitulado “Inibições, sintomas e angústia” (1924). Nesse texto, Freud traz à luz novamente o desamparo psíquico no quadro da sua segunda teoria da angústia.

Para situarmos melhor a discussão, vamos trazer à luz rapidamente a primeira teoria freudiana da angústia. Em um primeiro momento para Freud a angústia se dá no indivíduo por consequência do recalque, ou seja, por causa de uma representação que fora recalcada e o seu impulso que está agora separado no inconsciente pressiona para a descarga. A angústia aqui seria a libido represada desse impulso que agora transformou-se em desprazer, e conseqüentemente, na sensação de angústia. Vejamos o que diz Pisetta (2008):

(...) Assim, a angústia seria aqui uma amostra de que houve recalque, um anúncio e uma denúncia de que o eu negara acesso alguma representação inconsciente. Dessa forma, ao mesmo tempo em que ela velava uma realidade, a da castração, ela a exibia. Havia ali ocorrido algo que não devia ocorrer novamente: a entrada de uma representação inconciliável, que denunciava a castração. (Pisetta, 2008, p. 406).

Diferentemente da primeira, que afirmava que a angústia era o resultado de uma libido transformada após o recalque, a segunda teoria traz dois tipos: um deles é o sinal de angústia e o outro é a angústia automática. Esses dois tipos são derivados do desamparo psíquico, de acordo com Freud, ou seja, provêm de uma situação de perigo para o Eu. Em Freud temos que:

Nos dois aspectos, como fenômeno automático e como sinal salvador, a angústia revela-se produto do desamparo psíquico do bebê, que é a contrapartida evidente de seu desamparo biológico. Não requer interpretação psicológica a notável coincidência de que tanto a angústia do nascimento como a angústia do bebê são determinadas pela separação da mãe; explica-se biologicamente de forma simples, pelo fato de a mãe, que antes atendera todas as necessidades do feto mediante os mecanismos de seu corpo, prosseguir com esta função também após o nascimento, em parte com outros meios.” (Freud, 1926/2014, p. 59).

No caso do sinal de angústia, o Eu envia um sinal de desprazer diante de uma potencial situação de perigo, situação traumática, que pode ser interna ou externa. Esse tipo de angústia é análoga à angústia do nascimento, e de acordo com Freud, envolve a separação da mãe, aquela que na nossa cultura costuma ser responsável por satisfazer as necessidades da criança, lidando com seu desamparo. Outros perigos vão surgindo de acordo com o período de vida, mas estão sempre nessa linha de perda de um objeto amado ou perda do seu amor. Segundo James Strachey, tradutor das obras de Freud para o inglês, são eles: “(...) o nascimento, a perda da mãe como um objeto, a perda do pênis, a perda do amor do objeto, a perda do amor do supereu.” (Strachey, 1996, p. 81).

Já para um segundo tipo, que é a angústia automática, também ligada ao desamparo psíquico, é determinante para a erupção dela a ocorrência de uma situação traumática, não apenas um sinal, mas a ocorrência em si. Mas, como esse desamparo se manifestaria? Ele estaria presente através de um acúmulo de excitação, de origem interna ou externa, com o qual o Eu não pode lidar. Esse acúmulo de excitação pode ser devido a moções pulsionais não satisfeitas, como, no caso das neuroses atuais, que envolvem abstinências sexuais, por exemplo. Essas duas novas faces da angústia mostram uma transformação na noção de defesa e de recalque na obra freudiana. Com a segunda tópica, a angústia passa a ter um estatuto diferente na obra freudiana. Segundo Laplanche (1986):

A segunda teoria [da angústia] é apresentada no estudo de 1924 intitulado *Inibições, sintomas e ansiedade*. É muito mais complexa e difícil de definir numa palavra. Suas coordenadas essenciais são, por um lado, a noção de perigo: a angústia é colocada na perspectiva da reação ou da preparação para o perigo; por outro lado, a noção de ego, reenfatizada por Freud com o que se convencionou chamar a sua segunda teoria do aparelho psíquico ou sua segunda tópica. (Laplanche, J, 1986, pp. 42-43).

Vemos que um dos paradigmas da teoria freudiana é mudado a partir de “Inibições, sintomas e ansiedade” (1924) a angústia anteriormente era produto do recalque, ou seja, era a libido que fora impedida de circular e estava à deriva no aparelho psíquico. A partir de 1926 essa questão é transformada. Segundo Silva (2016), a partir deste momento da obra de Freud, “a angústia é o motivo para que o recalque seja realizado. Esse é feito para evitá-la. O Eu, que é agora, no nível da segunda tópica, a sede da angústia, efetua um sinal para que se proceda ao recalque, que é feito para lidar com uma situação de perigo, um grande montante de libido, uma forte tensão.” (Silva 2016, p. 57). Mas, o que mais nos interessa aqui, após indicar brevemente a segunda teoria da angústia fornecida por Freud em 1926, é o entendimento do que vem a ser, nesse ponto da sua obra, o desamparo psíquico.

Somos seres desamparados biologicamente, nascemos prematuramente e somos frágeis diante da natureza, do mundo externo e também diante de nossos próprios estímulos internos, pois, inicialmente, não sabemos e não temos condições de lidar com eles. Isso, segundo Freud, nos causa angústia. Outro indivíduo é necessário para fornecer a proteção contra os perigos externos. Perigos que podem prejudicar a integridade do corpo, essa proteção também se manifesta contra os estímulos internos, como a fome, por exemplo. Vejamos mais detalhes neste trecho de “Inibições, Sintomas e Angústia” (1924) que versa sobre o fator biológico na etiologia das neuroses:

[O fator biológico], diz Freud, é a longa fase de desamparo e dependência do bebê humano. A existência intrauterina do ser humano mostra-se relativamente breve, com parada à da maioria dos animais; ele é trazido ao mundo menos “pronto” do que eles. Por isso a influência do mundo real externo é reforçada, a diferenciação do Eu em relação ao Id é logo promovida, os perigos do mundo externo têm sua importância elevada, e o valor do único objeto capaz de proteger contra esses perigos e tomar o lugar da vida intrauterina perdida é bastante aumentado. Portanto, o fator biológico dá origem às primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano. (Freud, S. 1926/2014, p. 75)

É esse desamparo biológico dos seres humanos, e, mais tarde, psíquico, que explica a sua necessidade de proteção, sua necessidade de amor, de ser amado, de acordo com Freud o desamparo é essa sensação que temos quando nos damos conta da nossa fragilidade diante da força e a grandeza, a magnitude dos perigos, tanto internos, quanto externos, aos quais estamos sujeitos durante toda a vida.

Qual é o núcleo, o significado da situação de perigo? É claramente a avaliação de nossa força em comparação com sua grandeza, a admissão de nosso desamparo em relação a ela: do desamparo material, no caso do perigo real; do desamparo psíquico, no caso do perigo pulsional. (Freud, 1926/2014, p. 86).

Daí então, partimos dos alicerces da tese freudiana do mal-estar na cultura para a noção de desamparo, seja ele físico ou psíquico, para pensarmos sobre a impossibilidade da completude na qual estamos inseridos. O que Freud chamará de mal-estar é a não satisfação completa, portanto, não podemos falar de plenitude na cultura. A faceta biológica do desamparo mostra a nossa impotência em relação à realidade terrena, física, seja a natureza, a morte, fome, sede, etc.. A faceta psíquica, que é apenas outro lado da moeda, mostra-nos a nossa dificuldade de lidar com os estímulos endógenos do nosso corpo, que não são controláveis por meio da fuga e nos causam sentimentos de angústia. Em ambos os casos, estamos desamparados fisicamente na infância ou

psiquicamente na vida adulta, estamos inseridos nesse campo do mal-estar estrutural no qual é constituída a cultura. Parte de nossos desejos e pulsões não é passível de ser satisfeita se quisermos ser membros da cultura e temos que lidar com essas privações e frustrações.

1.2 – O mal - estar, a agressividade e a pulsão de morte

Freud em “O mal-estar na cultura” faz uma crítica ao mandamento cristão “amar o próximo como a ti mesmo”. Segundo ele, essa máxima não é nada razoável e seu cumprimento é impossível ao ser humano. Essa máxima seria assim, tão visada pelas religiões e tão veiculada culturalmente justamente por causa de sua impossibilidade. Pensamos que a imposição aos indivíduos de amar aos outros como a si mesmo pressupõe que eles têm uma cota de agressividade que impede que esse amor aconteça naturalmente, sem um imperativo cultural e/ou religioso. O homem, para Freud, tem uma natureza semelhante à natureza que Thomas Hobbes descreveu. É agressivo, ganancioso, quer destruir o seu semelhante, principalmente quando este toma seu objeto sexual ou o seu alimento, seus objetos pessoais, etc. Para Freud:

A civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem, para manter em xeque suas manifestações através de formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, daí as restrições à vida sexual e também o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, que verdadeiramente se justifica pelo fato de nada ser mais contrário à natureza humana original. Com todas as suas lidas, esse empenho da civilização não alcançou muito até agora. Ela espera prevenir os excessos mais grosseiros da violência, conferindo a si mesma o direito de praticar a violência contra os infratores, mas a lei não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana. (Freud, S. 1930/2010, p. 78).

Como vimos na citação acima, esse mecanismo da cultura é, por si só, contraditório, pois, ela inibe os seus membros de liberar sua agressividade e resguarda para si mesma o seu. No caso a agressividade é fundamental para compreendermos a noção do mal-estar presente na cultura de acordo com Freud. São as vicissitudes dessa agressividade, ou seja, seus destinos e suas possibilidades que serão decisivos para provocar nos indivíduos as neuroses culturais. Vejamos adiante como essa questão da agressividade se organiza metapsicologicamente aliada aos conceitos de supereu e de pulsão de morte.

Até o texto “Além do princípio de prazer” vigoravam, na teoria psicanalítica, dois paradigmas: o do primeiro dualismo pulsional e o do princípio de prazer. Após surgem novas questões a respeito da teoria das pulsões e da forma com o que o ser humano lida com o prazer e

o desprazer. Para entendermos o primeiro: o dualismo pulsional, partiremos do conceito de pulsão. Segundo Laplanche & Pontalis (1982/2001, p. 394), “a pulsão é um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo”, possui alguns aspectos que aprofundaremos no capítulo 3 quando trataremos do conceito de sublimação. Inicialmente, na clínica, Freud constatou a existência das pulsões sexuais, cuja energia é a libido. Como método de trabalho, já que percebeu que seus pacientes traziam em si um conflito psíquico, postulou a existência das pulsões do Eu, ou de autoconservação. Essas estariam em oposição à sexualidade e se manifestariam quando o indivíduo se colocasse em uma atitude de defesa contra ela.

A autopreservação do indivíduo seria a função das pulsões do eu como saciar a fome, a sede, por exemplo. O primeiro dualismo pulsional proposto por Freud seria, então, forjado pelas pulsões sexuais *versus* pulsões do eu, ou de autoconservação, esse paradigma se modifica. Sobre o segundo paradigma, o do princípio de prazer, os processos psíquicos funcionam com base nessa tendência do aparelho psíquico que consiste basicamente em manter em um nível mais baixo possível os estímulos psíquicos. Nesse sentido, quando os estímulos extrapolam um limite, um sinal seria dado para o Eu que o entende como desprazer. Seria preciso, então, diante no caso dos estímulos externos, realizar uma fuga, ou, no caso de estímulos internos, empreender uma ação específica que atue sobre a quantidade dos estímulos, reduzindo o desprazer para o Eu.

A questão que se instaura inicialmente no texto de 1920, e que dá margens para Freud iniciar as especulações sobre a pulsão de morte, é que foram observados nesse período alguns processos psíquicos nos indivíduos que contradizem o princípio de prazer, ou seja, que conduzem ao desprazer. Vejamos esse fenômeno no caso da repetição das vivências traumáticas nos sonhos:

Podemos considerar o estudo dos sonhos o caminho mais seguro para a investigação dos processos psíquicos profundos. Ora, os sonhos que ocorrem numa neurose traumática têm a característica de que o doente sempre retorna à situação do acidente, da qual desperta com renovado terror. As pessoas não se surpreendem o bastante com isso. Achar que é justamente uma prova de como foi forte a impressão deixada pela vivência traumática, que até no sonho volta a se impor ao doente. Este se acha, então, psiquicamente fixado ao trauma, por assim dizer. (Freud, S. 1920/2010, p. 126).

Em relação aos sonhos, temos a tese fundamental do fundador da psicanálise de que eles são pura realização de desejo. No texto da “Interpretação dos sonhos”, Freud diz que, mesmo em sonhos conturbados, que chamamos de pesadelos, a realização de desejo ainda é a regra fundamental, de modo que esses pesadelos são sonhos punitivos, ou seja, sonhos em que o indivíduo traz um sentimento de culpa, por exemplo, e pune-se, inconscientemente, através do trabalho onírico. Partindo desse pressuposto, instaura-se um problema: após um trauma, as

peças passam a repetir a vivência traumática nos sonhos, ou seja, buscam repetidamente reviver o desprazer ao qual vivenciaram em um acidente ou outra ocasião traumática, por exemplo.

A situação já é desprazerosa por si mesma. Mesmo assim, busca-se a repetição da mesma. Qual o sentido de repetir incessantemente uma vivência desprazerosa? Não seria totalmente contraditório ao princípio de prazer? Existiria outra tendência no psíquico que funcionaria para além do princípio do prazer? Na obra que estamos revisitando, Freud aponta outros dois argumentos que destacamos: compulsão a repetição. Ele afirma que existe uma compulsão inconsciente a repetir incessantemente situações que causam desprazer. Segundo Robert (1991):

(...) deste automatismo [repetição], que qualifica de demoníaco, (*demonisch*), Freud passa em seguida, com um salto audacioso, à principal ideia do ensaio: a de que existe em todas as coisas animadas uma tendência para voltar a um estado anterior ou, por outras palavras, à morte, uma vez que o não-vivo precede sempre a vida. Sendo assim, a finalidade da vida é a morte e a própria vida uma curva mais ou menos longa na marcha universal para o nada. (Robert, 1969/1991, pp. 342-343).

Essa compulsão à repetição, alheia ao princípio de prazer seria uma parte da pulsão que visa restabelecer estados anteriores do organismo. Partindo dessa constatação, Freud leva ao limite essa premissa conservadora das pulsões, afirma que o último estágio da pulsão seria o retorno ao inanimado, ou seja, à destruição do próprio indivíduo, à morte. Desse modo afirma que a finalidade do organismo seria sua autodestruição. As pulsões teriam um papel conservador de constante retorno a estados anteriores até o ponto final que é a morte. A redução dos estímulos ao nível mais baixo possível estaria a esse serviço.

Contudo, é necessário algo que entre em conflito com essa tendência, um entrave a essa pulsão de morte. Para o autor, seriam as pulsões que ele chamará de pulsões de vida, aquelas que irão constituir-se pelas pulsões sexuais e, também pelas pulsões do eu. Sobre isso perguntamos aqui como as pulsões de vida atuariam para retardar o efeito das pulsões de morte? Segundo Freud, a pulsão de vida atuaria na conservação da espécie, ou seja, na reprodução, multiplicando as células germinativas dos indivíduos, unindo-os. Sobre as células germinativas, Freud diz:

Em condições favoráveis começam a desenvolver-se, isto é, a repetir o jogo a que devem sua gênese, e afinal uma parte de sua substância prossegue o desenvolvimento até o fim, enquanto outra parte retorna ao início do desenvolvimento, como novo resíduo germinal. Assim, tais células germinativas trabalham contra a morte da substância viva e conseguem obter para ela o que deve nos parecer uma imortalidade potencial, embora

talvez signifique apenas um alongamento do caminho para a morte. (Freud, S. 1920/2010, p. 151).

As pulsões de vida seriam os impulsos que fazem com que o caminho do organismo em direção a morte torne-se mais longo. Sua energia é a libido. O Eu seria o reservatório dessa libido que pode ser destinada aos objetos ou a si mesmo. Freud chamará as pulsões de vida de “Eros”, que tem o intuito de multiplicar e juntar os indivíduos em porções cada vez maiores. A pulsão de morte ele chamará de “Thanatos”. Segundo Robert (1991), “Thanatos tem por único objetivo reconduzir toda a matéria viva ao estado inorgânico; Eros, por seu lado, trabalha pacientemente na formação de grupos cada vez mais vastos, até abraçar a vida na sua totalidade.” (Robert, 1968/1991, p. 343).

Diante dessas definições algumas questões importantes apresentam-se: qual seria o elemento fundamental da pulsão de morte? Como ela agiria sobre o indivíduo? Qual seria a sua energia? E qual é a relação da pulsão de morte com o mal-estar na cultura?

Ao retomar o texto “O Mal-estar na cultura” (1930) temos em discussão o segundo dualismo de pulsões, que fundamenta metapsicologicamente a tese do mal-estar. Freud já havia postulado a existência de uma agressividade presente nos seres humanos. Agora é interessante notar que foi necessário articular agressividade ao novo dualismo pulsional pós 1920.

O passo seguinte foi dado em Além do princípio do prazer (1920), quando tive a ideia da compulsão de repetição e do caráter conservador da vida instintual. Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que deveria haver, além do instinto para conservar a substância vivente e juntá-la em unidades cada vez maiores, um outro, a ele contrário, que busca dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico. Ou seja, ao lado de Eros, um instinto de morte. (Freud, 1930/2010, pp. 85-86).

As pulsões de vida, constituídas pelas pulsões sexuais e pelas pulsões do eu, têm a libido como energia e possuem, de acordo com Freud, um caráter mais ruidoso. São mais fáceis de serem visualizadas e mais fáceis, em consequência de terem sua existência provada. Um desafio, porém, se instaura no caso das pulsões de morte. Sabe-se que elas atuam silenciosamente amalgamadas às pulsões de vida no sadismo e no masoquismo, porém, isso não se constitui como prova para a sua existência. O autor afirma que, nesse momento é necessário admitir a existência de uma agressividade não erótica, autônoma e originária nos indivíduos:

Portanto, em tudo o que segue me ateno ao ponto de vista de que o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, e retorno ao que afirmei antes, que a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo. No curso desta

investigação, impôs-se-nos a ideia de que a cultura é um processo especial que se desenrola na humanidade, e nós continuamos sob o influxo dessa ideia. Acrescentemos que é um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade. (Freud, 1930/2010, pp. 90-91).

Então, de acordo com o pensamento freudiano a partir dos anos de 1930, podemos afirmar alguns pontos importantes capazes de clarear aspectos do mal-estar cultural. Nessa direção, existem dois tipos de pulsões opostas: um deles é a pulsão de vida, com teor libidinal, que quer unir os indivíduos em cultura, liga uns aos outros e prolonga a existência e funciona a serviço da cultura. Em contraposição temos outro tipo de pulsão, a pulsão de morte, que tem um caráter de agressividade e destruição. Essa agressão pode ser deslocada para o mundo externo ou para si mesmo.

O propósito presente na cultura é unir os indivíduos fazendo com que uma cota da agressividade seja direcionada para dentro deles mesmos, pois se for totalmente dispensada externamente, a vida em comunidade ou em grupo não seria possível. De acordo com Freud a luta entre *Eros* (pulsões de vida) e *Thanatos* (pulsão de morte) é o conteúdo essencial da vida e é o segredo para a nossa evolução cultural. É importante ainda sobre esse ponto salientar uma questão a respeito da pulsão de morte. Ela caracteriza-se como “não ligação” da energia em representações. Quando falamos em um tom destrutivo da pulsão, falamos também de um tom criador. Pulsões que estavam ligadas a uma representação podem sofrer um corte e fluir livremente, e serem ligadas, novamente, a outra representação no trabalho de análise, por exemplo.

Existe, porém, outro fator que é necessário ser pontuado. Como foi dito, a agressividade e vontade de destruição são um traço originário e autônomo do ser humano, impossível de ser suprimido. Elas podem, no máximo, e em determinadas quantidades, serem direcionadas para dentro. É uma luta constante, uma vez que ambas as pulsões, de vida e de morte, são irremovíveis, permanentes. Esse processo de fazer parte da cultura, que é necessário à sobrevivência dos seres humanos, traz junto de si uma grande parcela de mal-estar para os indivíduos.

Pensando nisso, é preciso que nos debruçemos mais um pouco para entender como funciona esse processo de redirecionamento da agressividade para dentro de si que os indivíduos necessitam realizar para viverem em grupo. Serviremos-nos muito ainda do texto “O mal-estar na cultura” (1920). Alguns outros textos também serão trabalhados, pois constituem pré-requisitos para o nosso estudo, como: “O Eu e o Isso” (1923). Vamos a eles para entendermos o mecanismo da culpa e a instância psíquica do Supereu, que são indispensáveis para a nossa análise.

1.3 – Supereu, culpa e o mal estar

Para entrarmos nos pormenores do conceito de supereu na teoria freudiana, passaremos por alguns textos anteriores do autor que nos trarão luz à formação deste conceito.

1.3.1. A instância Eu e o eu ideal

No texto “Introdução ao Narcisismo” (1914), Freud trabalha o fenômeno do narcisismo. No início do texto é interessante notar que o autor caracteriza o modo como um indivíduo trata seu próprio corpo como se este fosse um objeto sexual, apesar de também existirem outras manifestações, como veremos mais a frente. Ele observa esse fato em fenômenos como na homossexualidade, na hipocondria, em doenças orgânicas, no sono, etc.. A questão é que o narcisismo nem sempre é patológico. O trabalho de Freud nesse artigo é justamente despatologizar o termo narcisismo. Existe, de acordo com Freud, o narcisismo primário e o narcisismo secundário.

O primário é um modo de a criança reivindicar para o adulto que cuida dela as suas necessidades de se alimentar, etc., a criança investe a libido no seu Eu, resultando também em uma organização das zonas erógenas que estavam dispersas anteriormente no autoerotismo. “Nesse sentido, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.” (Freud, 1914/2010, p. 10)

Já o narcisismo secundário acontece no seguinte processo: a libido que inicialmente estava investida no Eu no narcisismo primário, é deslocada para outros objetos. Uma parte, dela, porém, retorna dos objetos ao próprio Eu. De acordo com Garcia-Roza (1995/2008, p. 48), aquilo que Freud chamará de Eu Ideal (Ideal Ich), que seria formado pela intervenção dos pais:

A constituição desse eu efetiva-se com o concurso da revivescência do narcisismo dos pais que atribuem ao filho todas as perfeições, além de concederem a ele privilégios que eles próprios foram obrigados a abandonar. O eu que surge da confluência da imagem unificada que a criança faz de seu próprio corpo e dessa revivescência do narcisismo paterno é o eu ideal (Ideal Ich), que corresponde ao narcisismo primário. Garcia-Roza (1995/2008, p. 48).

Ou seja, o Eu ideal é formado por um conjunto de representações geralmente atribuídas pelos pais que destinam ao filho toda uma sorte de elogios e considerações de perfeição. Antes de

explorarmos mais essa questão do Eu, é importante dizer sobre a libido. Vimos antes que Freud faz uso da sua teoria da libido para postular e supor os dois tipos de pulsão: as do eu e as sexuais. O problema é que esse primeiro dualismo, ou seja, esses dois tipos opostos de pulsões foram pressupostos derrubados com o descobrimento do fenômeno do narcisismo quando Freud percebe que a pulsão que o indivíduo destinava ao eu é também de conteúdo sexual, libidinoso. Reposicionando a libido, que pode ser destinada ao eu e ao mundo externo. Vejamos com mais detalhes:

(...) Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. A mais elevada fase de desenvolvimento a que chega esta última aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranoicos. 5 Por fim concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia dos instintos do Eu”. (Freud, 1914/2010, p. 12).

Quando o eu é “alimentado”, ele se torna forte e o indivíduo volta-se mais para o seu mundo interno. Quando o eu é desinvestido, se torna empobrecido e o indivíduo se volta ao mundo externo, como no caso do enamoramento, por exemplo, onde o indivíduo abandona a sua própria personalidade para investir na personalidade do amado. O narcisismo secundário acontece quando essa porção da libido que era destinada ao mundo externo, retorna para o eu, fazendo com que o indivíduo perca o interesse nos objetos.

Essa nova posição da teoria da libido obrigará Freud a fazer mudanças a respeito da teoria das pulsões, a qual pode ser vista com mais detalhes na obra “Além do princípio de prazer” (2010). Se o Eu também é alvo da libido e esta apresenta conteúdo sexual, é a energia das pulsões sexuais, o Eu também deve ser enquadrado no contexto das pulsões sexuais. Um dos motivos para que se estabeleça um novo dualismo pulsional é, portanto, o conflito psíquico. Observando as neuroses descritas por Freud na clínica, será preciso encontrar um novo tipo de pulsões opostas às pulsões sexuais. Esta será a pulsão de morte.

Nosso percurso demanda entender também o conceito de supereu, necessário para a nossa discussão neste projeto de pesquisa. Antes de chegarmos ao Supereu, é preciso que falemos sobre um conceito que Freud chamará de Ideal do Eu. Para entrarmos nessa questão, é importante retomarmos o que Freud diz a respeito da vivência de satisfação da criança. Esta não pode

alimentar-se e nem se cuidar de si mesma, visto que não está totalmente formada quando é retirada do útero. É um indivíduo desamparado.

Chamaremos, por convenção, a pessoa que a alimenta: de mãe. Esta lhe possibilita a saciação da fome, sede e outras necessidades. Freud vai dizer que esse indivíduo que sacia as necessidades da criança é também o seu primeiro objeto de amor. Existem duas maneiras pelas quais o indivíduo pode amar, segundo ele, esse primeiro tipo é o tipo de apoio. Ele amará aquele (a) que a (o) alimenta e protege:

(...) Assim como a libido de objeto escondeu primeiramente da nossa observação a libido do Eu, também na escolha de objeto pela criança (e o adolescente) vimos primeiro que ela toma seus objetos sexuais de suas vivências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui.(...)” (Freud, S. 1914/2010, p. 22).

O segundo tipo seria de acordo com Freud, o tipo narcísico. Baseado nesse tipo narcísico, a pessoa não amará aquele que a nutriu ou a protegeu, mas ela mesma. Os modos de “amar a si mesmo” passam por algumas variações como: o que ela mesma foi, alguém que já foi parte dela, e o que ela mesma gostaria de ser. Esse último é de grande relevância para a nossa pesquisa, pois nos dará notícia daquilo que chamaremos de Ideal do Eu e que será muito importante para caracterizarmos o supereu e, conseqüentemente, o sentimento inconsciente de culpa.

Na infância, de acordo com Freud, o indivíduo é alvo de todo o seu amor narcísico, de todo o seu amor a si mesmo. Com o tempo as coisas mudam, ele percebe que seu eu real, atual, é diferente de seu eu infantil, que foi alvo de todo amor e perfeição. Quando ele cresce, ele busca desviar o seu amor de si para um eu ideal, que é substituto desse eu infantil. O ser humano, acostumado às primeiras satisfações da infância, tem a dificuldade de abrir mão delas, então tenta reviver essas satisfações. Vejamos a seguir:

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como

seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (Freud, 1914/2010, pp. 27-28).

Esse Ideal do Eu é derivado de leis externas, como afirma García-Roza (1995/2008, p. 58): “O ideal do eu” (Ich ideal), essa “nova forma”, que toma a libido narcísica, é algo externo ao sujeito, exigências que ele terá que satisfazer e que o situam no lugar da lei. (...)” Instala-se uma polarização entre o Eu *versus* o Eu ideal. Dessa polarização derivam noções como autoestima e sentimento de culpa, tratando-se do eu está distante daquilo que o eu ideal afirma que é melhor. Mas como o indivíduo sabe que está perto ou longe de agir de acordo com o eu ideal para atingir satisfação narcísica? De acordo com Freud, existe um dispositivo regulador, que acusa se esse Eu ideal está sendo satisfeito. Esse agente censor é a consciência de culpa que se apresenta quando o indivíduo cede aos impulsos ou se atém aos apelos de seu Eu ideal. Veremos adiante manifestações desse sentimento inconsciente de culpa em dois outros textos freudianos.

1.3.2 Dostoiévski e a culpa anterior ao crime

Em dois pequenos textos da sua obra, Freud fala a respeito de pessoas que já carregam um sentimento de culpa sem nem mesmo ter feito algo que pudesse acarretar esse sentimento. Os textos são “Criminosos em consequência do sentimento de culpa” e “Dostoiévski e o parricídio”. No primeiro texto ele fala sobre a descoberta do fenômeno e no segundo faz um estudo, uma análise psicológica, do grande escritor russo Dostoiévski, tratando do mesmo tema:

Por paradoxal que isso talvez pareça, devo afirmar que a consciência de culpa estava presente antes do delito, que não se originou deste, pelo contrário, foi o delito que procedeu da consciência de culpa. Tais pessoas podem ser justificadamente chamadas de criminosos por consciência de culpa. A preexistência do sentimento de culpa fora naturalmente demonstrada por toda uma série de outros efeitos e manifestações. (Freud, 1916/2010, p. 213).

Essas pessoas, mesmo sem cometer nenhum delito, carregavam um sentimento de culpa e cometiam delitos para que, de certa maneira, pudessem justificar essa culpabilidade. Ao cometer esses pequenos delitos, obtinham alívio, mesmo sendo alvos de punição após esse delito. É um fato curioso e Freud relaciona-o ao Complexo de Édipo na infância do indivíduo. O desejo de se livrar do pai, entrave na relação incestuosa do menino com a mãe, é recalado por causa do sentimento de identificação e amor que ele também tem com o pai.

Esse desejo da morte do pai permanece latente no inconsciente do indivíduo e justifica o seu sentimento de culpa. Já no segundo texto, no caso de Dostoiévski, esse sofria crises de epilepsia e, quando criança, brincava imaginando estar morto. Mais tarde, quando se casou,

passou a jogar. Apostava, perdia todo seu dinheiro nos jogos, voltava pra casa e passava um período de lamentações e recriminações, de autopunição. Sua mulher estava acostumada com esse processo por causa da grande quantidade de vezes em que isso se repetiu. O fato curioso é que após esse período de lamentações, a escrita de Dostoiévski fluía de uma maneira excepcional.

(...) A contradição se resolve ao percebermos que o fortíssimo impulso destrutivo [Destruktionstrieb] de Dostoiévski, que facilmente o teria tornado um criminoso, foi orientado, na vida real, principalmente contra sua própria pessoa (para dentro, em vez de para fora), expressando-se como masoquismo e sentimento de culpa. (Freud, 1928/2010, p. 277).

Freud, na análise psicológica da vida do autor russo fala de sua relação com o pai e também da maneira com que confessou seu desejo de matar o genitor em sua obra “Os Irmãos Karamazov”. Mesmo ele não tendo sido responsável diretamente pela morte do pai, ele tomou sobre si a culpa do fato. Suas epilepsias afetivas³ eram uma maneira de punir-se pelo desejo latente de matar o pai, bem como as suas jogatinas em que perdia todo seu dinheiro e ficava lamentando por causa disso. Para finalizar, é interessante mencionar que, de acordo com Freud, Dostoiévski tinha em suas obras certa admiração pela figura do criminoso. Vê o criminoso como um redentor, que assume para si a culpa que deveria ser carregada por outros. Ao invés de todos matarem, o criminoso toma para si a responsabilidade e ele sozinho mata para livrar todos os outros.

Após vermos essas manifestações do sentimento de culpa, passaremos a falar especificamente do conceito de supereu, inicialmente na obra “O Eu e o Isso” (1923) e, posteriormente, no “mal-estar na cultura”. Entenderemos melhor como se conceitua o mal-estar na obra de Freud, para trabalharmos a sublimação que é a finalidade da nossa pesquisa.

1.3.3 - A formação do Supereu

Faremos uma investigação na obra “O eu e o isso” (1923) sobre como Freud conceitua a segunda tópica, ou seja, o Eu, o Isso e o Supereu. Antes, porém, vamos apenas contextualizar a primeira tópica freudiana. De acordo com Laplanche & Pontalis (1982/2001, p. 506), “ela distingue três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente, cada um com a sua função, o seu tipo de processo e a sua energia de investimento, e que se especificam por seus conteúdos

3 Tipo de epilepsia que Freud chama de afetiva por não se tratar de causas orgânicas no cérebro, mas de ter suas raízes nos conflitos psicológicos do indivíduo. Freud comenta ainda que Dostoiévski se sentia realizado, ou seja, tinha satisfação após suas crises epiléticas, como se estivesse sofrendo por algo de que era culpado.

representativos.” O inconsciente consiste aqui não mais como um adjetivo daquilo que está fora da consciência, mas é um sistema psíquico. E, de acordo com Garcia– Roza:

(...) pela posição que ocupa no interior do aparelho, o sistema Ics só pode ter acesso à consciência através do sistema Pcs/Cs, sendo que nessa passagem seus conteúdos se submetem às exigências deste último sistema. Qualquer que seja o conteúdo do Ics, ele só poderá ser conhecido se transcrito — e portanto modificado e distorcido — pela sintaxe do Pcs/Cs. Garcia– Roza (1994/2008, p.. 80-81).

O pré-consciente seria um sistema intermediário, possuidor de uma censura, que impediria determinados conteúdos que são considerados pela moralidade do indivíduo inadequados de vir à luz da consciência. Na segunda tópica, veremos que Freud vai considerar sobre o eu sua parte inconsciente, propõe uma nova configuração, com as instâncias do Eu, Isso e Supereu.

O Supereu é o conceito que mais nos interessa, mas é preciso que tenhamos noção dos outros conceitos que são correlativos a ele. Para Freud, inicialmente todo indivíduo é um Isso psíquico, desconhecido e inconsciente. Segundo Monzani (1989):

o id, desse ângulo, seria uma espécie de inconsciente primitivo, originário, a partir do qual certos elementos tentariam irromper e se dirigir no sentido da ação motora, sendo, secundariamente recalçados. É assim pelo menos que Freud descreve o id, esse caldeirão que é fervilhante, agitado, aberto no seu extremo às influências somáticas, que as recebe e as dirige no sentido da descarga. (Monzani, 1989, pp. 266-267).

Fundido ao Isso estão o recalçado e o Eu. O recalçado se comunica somente com o Eu através do Isso por causa das resistências do recalque. Mas se o Isso encobre todo o psíquico do indivíduo, de onde surge o eu? A psicanálise afirma que ele é a parte do Isso que foi modificada por ter acesso ao mundo externo. Depois de formado, o Eu corresponderá à instância psíquica que recebe influência direta do mundo externo. Obviamente, por estar o tempo todo influenciado pelo mundo externo, o Eu faz algumas alterações no psíquico do indivíduo. Como se dariam essas alterações?:

(...) Ele (o Eu) também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id. A percepção tem, para o Eu, o papel que no Id cabe ao instinto.” (Freud, 1923/2011, pp. 22-23).

De acordo com Freud, temos que os processos no Isso⁴ são regidos pelo princípio de prazer, ou seja, é um lugar onde as paixões fluem livremente, é um reservatório de pulsões. Já o Eu, por ter contato com o mundo externo, funciona sob outro princípio, o princípio da realidade.

4 Usaremos livremente as duas terminologias, Isso e a versão latina Id.

O eu tenta dominar o Isso. Ele representa a razão e o senso comum enquanto o Isso, as paixões. Podemos dizer que a função do eu, então, é conciliar, ou seja, gerenciar os impulsos do isso de uma maneira que eles estejam adequados ao mundo externo. Freud o compara a um cavaleiro que tenta controlar o cavalo, porém, para isso, ele usa as forças do próprio cavalo. Para ter o controle que deseja, o eu precisa ceder algumas vezes às forças do isso, deixá-lo ir até certo ponto, senão ele não daria conta de lidar com as suas forças poderosas. O eu tenta controlar o isso, pois este é o seu próprio veículo:

A importância funcional do Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim, em relação ao Id ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria.” (Freud, 1923/2011, p. 23).

Passaremos agora a compreender o Supereu. Qual instância seria essa? Qual o seu papel no aparelho psíquico? Como ela surgiu? Vamos buscar entender o caminho argumentativo que Freud usa para mostrar-nos a existência do supereu. Ele vai dizer que observou em alguns pacientes uma dificuldade em querer se restabelecer das neuroses mesmo após um tempo com o tratamento. Em certos casos inclusive quando afirmava para os indivíduos que eles evoluíram, alguns expressavam descontentamento e/ou até abandonavam o tratamento. Freud chamava esse fenômeno de reação terapêutica negativa, ou seja, a pessoa não queria melhorar. Todavia, o que estaria por trás disso? Culpa.

Mas como pode haver uma culpa que o próprio indivíduo não sabe que tem? Freud vai dizer que existe um sentimento de culpa que é inconsciente. E esse sentimento inconsciente de culpa desempenha um fator econômico de tão grande relevância que o indivíduo não quer se restabelecer das suas moléstias. Veremos mais a frente que não só a reação terapêutica negativa é um produto desse sentimento, mas existem também outros fenômenos igualmente curiosos. Qual seria a origem desse sentimento inconsciente de culpa? Já podemos adiantar que ele provém da instância que o autor chamará de supereu. Freud dirá que ele é uma gradação no eu, uma diferenciação dentro dele, que poderá também ser chamado de *ideal do eu*. Porém temos uma interrogação. Como essa gradação acontece no psíquico?

Para entendermos esse processo é preciso que tenhamos em mente como funciona o complexo de Édipo na infância da criança. Resumidamente, acontece da seguinte forma: a mãe é o primeiro objeto de amor do filho, pois esta o satisfaz nas suas demandas biológicas de fome e proteção. O pai torna-se a terceira pessoa nesse envolvimento entre mãe e filho. O Édipo se

instala quando a criança tem a visão do pai como seu rival na sua relação com sua mãe. Instala-se um conflito na criança, pois ela deseja a morte do pai, para ter seu caminho livre com a mãe, mas ela também necessita da proteção dele. O pai é um agente castrador, de autoridade para o filho. A criança tem sentimentos ambivalentes, ou seja, de amor e ódio para com o pai. O supereu nasce a partir desse processo, ou seja, após a superação do Édipo, o eu do filho introjeta o pai, ou seja, identifica-se com ele. Descreveremos a seguir em pormenores esse percurso nas palavras do próprio Freud:

(...) Como os pais, em especial o pai, foram percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si. Em certa medida tomou emprestada ao pai a força para isso, e esse empréstimo é um ato pleno de consequências. O Supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (...) (Freud, 1923/2011, pp. 31-32).

A lei do pai que estava presente junto com a sua presença, passa a atuar de outra forma. Passa a fazer-se presente sem a presença do pai, ou seja, dentro do próprio indivíduo na moralidade. Mas segundo Gérez-Ambertín, não é apenas sob a influência dos pais terrenos que o supereu se forma, mas também pela herança do Isso e do pai primevo, tirânico e perverso. O que explica a fúria com que o supereu age no indivíduo e gera uma crítica moral causada pelos desejos inconscientes. Essa herança do Isso suplementa as falhas da lei paterna terrena, dando um teor tirânico e independente da lei terrena à moralidade supereuóica. Segundo a comentadora: “(...) o supereu é herdeiro do isso pela sua ligação com o pai terrível-perverso-demoníaco, que instiga a partir do cerne pulsional, mas também é herdeiro do complexo de Édipo no que diz respeito à suplência do pai ante a falha da lei.” (Gérez Ambertín, 2009, p. 108).

E não basta que os indivíduos renunciem aos seus desejos para serem alvo da tirania do supereu. A simples existência dos desejos que não coadunam com a sua lei imperativa no inconsciente faz com que ele ative a sua fúria. De acordo com Mezan, “(...) Frente ao Supereu não se pode ocultar a existência do desejo, que é motivo de reprovação independentemente de ele se realizar ou não. “(Mezan, 2006, p. 508). Essa moralidade foi adquirida, não apenas pelos ensinamentos paternos, mas também por todas as outras formações de caráter pelos quais o indivíduo atravessa como escola, religião, grupos culturais, etc..

Vejam no próximo tópico, como se instaura essa dinâmica do supereu nos indivíduos, na vida em sociedade. Veremos como se articula o supereu com o sentimento de culpa (causado

pela introjeção da agressividade que deveria ser direcionada para o externo); com a luta entre as pulsões de vida e de morte; e como produto dessas manifestações no mal-estar.

1.3.4 - Supereu e Mal-estar

Retornaremos ao texto freudiano de 1930, veremos no capítulo VII que o autor articula conceitos como agressividade, supereu, sentimento inconsciente de culpa, pulsão de morte, costurados e apresentados aqui aos leitores para pensarmos sobre engrenagens do funcionamento cultural, da moralidade e as consequências desses processos.

Freud toma como ponto pacífico nesse texto que a agressividade é algo inerente aos seres humanos. Não é uma agressividade para se defender de um ataque, mas uma agressividade gratuita, uma vontade que o ser humano possui em destruir e satisfazer seus ímpetos. Uma parte dessa agressividade, que é derivada da pulsão de morte é dirigida para fora por meio da sexualidade, ou seja, por esses impulsos destrutivos. Essa agressividade, porém, é um ponto nodal quando se trata de viver em sociedade. Seria impossível a sobrevivência se os indivíduos não freassem esses estímulos de destruição. Qual seria o papel do Supereu no tocante à agressividade da pulsão de morte? Ele seria como um processador ou metabolizador da pulsão de morte, de acordo com Nakasu. O indivíduo, a partir do medo da perda do amor do Supereu seria capaz de fazer com que essa agressividade que é naturalmente destinada ao exterior, retornasse para o interior do Eu:

Diferentemente, em O mal-estar na civilização o Supereu inibe a pulsão de morte, não por um acontecimento anterior que exige isso, mas porque é obrigado a metabolizar uma energia inata e inerente ao ser humano, e por estar a serviço das exigências culturais e da sobrevivência da cultura.” (Nakasu, 2007, p.233).

No declínio do Complexo de Édipo o Supereu é a introjeção dessa autoridade que foi amalgamada com outras identificações. Essa lei abstrata proveniente agora do Supereu torna-se a consciência moral dos indivíduos. A agressividade que antes estava destinada ao externo é dirigida para o eu por meio das exigências de punição que o Supereu faz ao Eu. Direcionar a pulsão de morte para si mesmo dispensa o indivíduo de destiná-las ao outro e à cultura, da qual o Supereu é defensor:

Em linhas gerais, O mal-estar na civilização situa o papel de Eros, Ananké e da pulsão de morte na esfera cultural, retomando as premissas da segunda teoria das pulsões. Eros é o

grande responsável pela união das pessoas e pelos vínculos amorosos de meta inibida, os vínculos “fraternos”. Limita a vida sexual exigindo a monogamia e a heterossexualidade. As pulsões de morte constituem a maior ameaça à civilização.” (Nakasu, 2007, p. 223).

Para realizar uma costura desses conceitos vale pensarmos sobre o projeto cultural, um projeto de Eros e/ou das pulsões de vida. Esse é um projeto libidinal de fazer com que os indivíduos vivam juntos e em harmonia e perpetuando a espécie através da sexualidade. Para isso a cultura impele os indivíduos a serem monogâmicos, controla para que um não tome posse do objeto sexual de outro e a serem heterossexuais, possibilita a reprodução dos seres e a imortalidade da espécie, em contraposição com a pulsão de morte (Thanatos). Para que Eros e a cultura tenham sucesso é preciso que a ânsia de destruição, agressividade e a separação de *Thanatos* sejam contidas:

De fato, no dia seguinte do assassinato alguns “irmãos” sem dúvida pensaram, cada qual em seu foro interior, que haviam feito um péssimo cálculo, que cada um poderia ter conquistado para si só o lugar do pai e o gozo exclusivo das mulheres. Assim é introduzido *in illo tempore* o princípio dialético que vai comandar o desenvolvimento da civilização, a saber, que o homem é cindido entre duas tendências: de um lado, a de se constituir “como eu” (formar comunidade) e, de outro, a de manter os privilégios de Um. Em virtude desse conflito que posteriormente os atos de autoridade da sociedade serão vividos como evocações da castração mítica primitiva e ultrajes ao narcisismo. (...) (Rey-Flaud, 2002, p. 11).

Esse narcisismo do indivíduo que é ultrajado pela autoridade da cultura de que fala Rey-Flaud (2002) seria fruto da pulsão de morte ou pulsão de autodestruição. De acordo com Eugène Enriquez, a pulsão de morte ou de destruição seria uma ameaça à cultura, pois ela traz em si a megalomania do indivíduo. Para fazer valer o seu narcisismo, o indivíduo pode levar ao limite a sua agressividade ou a sua pulsão de destruição, eliminando todos os seres e todas as coisas passíveis da sua agressividade, não restando possibilidade de vida em comunidade:

A pulsão de destruição revela as características megalomaniacas do indivíduo. Ela não se satisfaz com a destruição de alguns poucos, ela só pode desejar a destruição definitiva de todos os seres e de todas as coisas; a presença irreduzível de um único ser seria o sinal da existência de um outro pensamento, de um outro corpo (que nada deve ao que se pretende onipotente), que marcaria a realização de seu sonho. É por isso que o herói de Sade (o libertino) não consegue deixar de destruir, mesmo se ele não tira disso nenhum prazer erótico. (Enriquez, 1990/1983, p. 113).

Essa luta entre *Eros* e *Thanatos*, além de cultural, é individual. Cada indivíduo carrega em si mesmo uma porção desse conflito. O ódio e a agressividade, aspectos permanentes da natureza do indivíduo, estão como torrentes de água presas por uma barragem interna, prestes a ruir. É necessária uma renovação constante dessa proteção para que as pulsões agressivas permaneçam “domadas”. O sucesso total desse empreendimento é impossível. Segundo Rey-Flaud, “(...) Esse empreendimento deve ser incansavelmente recolocado em funcionamento, pois o ódio reprimido, alimentado pela fonte inextinguível da pulsão, está sempre ameaçando arrebentar as barragens encarregadas de contê-lo.” (Rey-Flaud, 2002, p. 36).

Existe sempre um pêndulo entre satisfazer os seus impulsos agressivos e adequar-se ao ambiente cultural. Para que essa adequação aconteça, é preciso a introjeção dessa pulsão de morte para si mesmo. A privação em realizar os impulsos, a frustração, a culpa, a necessidade de punição, a angústia são as consequências desse processo. Vejamos no próximo tópico algumas maneiras que Freud traz para lidar com essas consequências que são o mal-estar.

1.4 – Formas de lidar com o mal-estar

Depois de percorrer conceitos metapsicológicos que dão base à tese freudiana do mal-estar na cultura trabalharemos as possíveis saídas que os indivíduos têm para lidar com a realidade da vida em cultura. Desde já podemos adiantar que essas saídas são todas paliativas, o que não diminui a necessidade delas, a partir dos dizeres de Freud, a vida na realidade cultural traz dores e desprazeres insuportáveis. Se não houver recursos ou construções auxiliares para atenuar os efeitos, a vida em cultura não seria possível:

A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos. ("Sem 'construções auxiliares' não é possível", disse Theodor Fontane.) Existem três desses recursos, talvez : poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível.” (Freud, 1930/2010, p. 28).

Uma questão importante para todos os indivíduos seria a necessidade de um propósito ou uma finalidade para a vida e sabemos que uma síntese desse propósito tão almejada é a felicidade, baseada no princípio de prazer, pode ser pensada de duas formas possíveis: uma negativa e outra positiva. O lado positivo seria o das vivências de fortes prazeres e o lado negativo seria o da ausência de desprazer. Os indivíduos permanecem entre esses dois lados. Freud afirma em “O Mal-estar da cultura” (1930) que é impossível de se concretizar a felicidade “plenamente”, isso está em desacordo com a realidade, o autor afirma que todo o arranjo do

universo contraria esse ideal de felicidade. Vale ressaltar em seu texto sobre esse programa de felicidade:

(...) é absolutamente inexecutável, todo o arranjo do Universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja "feliz" não se acha no plano da "Criação". Aquilo a que chamamos "felicidade", no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico. (Freud, 1930/2010, pp. 30-31).

No passo seguinte veremos algumas formas apontadas por Freud, que são maneiras possíveis de satisfações e que substituem o ideal de felicidade regido pelo princípio de prazer, inexecutável. Vale salientar novamente que esses métodos são todos paliativos e que eles buscam apenas um ganho imediato e episódico de prazer. Ao almejar uma parcela de independência do mundo externo diminui-se a sensibilidade a ele, o uso dessas formas paliativas de satisfação traz consequências. O primeiro item da lista são os narcóticos. Neles podemos enquadrar o álcool, tabaco e/ou outras substâncias químicas.

Eles são amplamente usados pelos indivíduos e seu uso é grandemente valorizado culturalmente. Eles ajudam os indivíduos a se subtraírem à pressão da realidade e a se refugiarem em outro mundo com melhores condições de sensibilidade, de acordo com o autor. O perigo dessas substâncias, de acordo com Freud, está na grande quantidade de energia drenada, que poderia ser usada na melhoria das condições da vida humana.

Outra técnica listada são as técnicas derivadas da sabedoria oriental, como a *yoga*, por exemplo, que consiste de acordo com o autor em agir sobre a fonte dos nossos estímulos internos, faz com que diminuamos as nossas necessidades, buscando certa quietude, adaptando parte do nosso organismo à realidade. Haveria, então, certa proteção contra o sofrimento atuando na nossa independência em relação ao mundo externo. Uma não-satisfação não seria sentida tão dolorosamente. O malefício desta técnica seria uma diminuição das potencialidades de fruição.

Outra possibilidade seria a satisfação pela arte. O artista tem uma satisfação por fazer uma obra de arte, porém, essa satisfação não está restrita somente a ele. Aquele que desfruta da contemplação dos objetos artísticos também se beneficia por uma suave narcose. Esse alheamento, porém, é bem passageiro, não sendo suficiente para esquecer as misérias da realidade.

O modo eremítico de vida também é uma possível saída. Essa forma de vida seria uma maneira de abandono desse mundo e construir outro que seja mais aceitável e de acordo com os próprios desejos.

O amor seria também uma das técnicas de vida para lidar com o mal-estar. Amar e ser amado são formas de grande proteção contra o desamparo psíquico. Outro lado da questão é a

manifestação sexual do amor, que proporciona sensações avassaladoras de prazer, de acordo com Freud. O lado negativo é que, nos caminhos do amor, estamos à mercê do outro, ou seja, à mercê do objeto amado. No caso de perda desse objeto, lidaremos com altas doses de infelicidade.

Para finalizar essa descrição das técnicas da vida para lidar com o mal-estar na cultura, vamos falar em duas de grande importância. São elas a religião e a fuga para a doença neurótica. Sobre a primeira, Freud aponta-nos que ela é uma delirante modificação da realidade, um delírio de massa:

(...) Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço, pela veemente fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa, a religião consegue poupar a muitos homens a neurose individual. Mas pouco mais que isso. (Freud, 1930/2010, p. 42).

A técnica religiosa consiste em crer que existe um pai todo poderoso e benevolente, que é Deus, que ama o ser humano e auxilia o seu desamparo psíquico. A crença religiosa faz com que o fiel se resigne ante as frustrações impostas pela realidade e aposta que haverá uma recompensa em outra vida após a morte. Essa vida prometida após a morte é também um sistema de punição e recompensa que leva o fiel a moderar as suas ações sob pena de ser condenado a um juízo superior por seus atos. Por último, vejamos sobre a técnica de afastamento do mundo por meio da doença neurótica:

A última técnica de vida, que ao menos lhe promete satisfações substitutivas, é a fuga para a doença neurótica, que em geral ele empreende ainda jovem. O indivíduo que numa idade posterior fracassa nos esforços pela felicidade, encontra ainda consolo no prazer obtido por meio da intoxicação crônica, ou faz a desesperada tentativa de rebelião que é a psicose. (Freud, 1930/2010, p. 42).

Na doença neurótica a realidade para o indivíduo é organizada pelo seu delírio para que ele não tenha que suportar as durezas da vida imersa na cultura. Restará uma técnica que não será falada aqui neste capítulo, que é a da sublimação. Esta será explicitada no segundo capítulo onde será objeto de um estudo mais detalhado por ser de grande importância para o estudo nessa pesquisa.

Vemos assim, a partir dos apontamentos do fundador da psicanálise na obra “O mal-estar na civilização” (1920) que existem várias formas ou tentativas de lidar com o mal-estar na cultura, que é estrutural. Como consequência da irreversibilidade desse quadro é preciso concluir que a felicidade é impossível. Apenas as satisfações substitutivas e/ou paliativas são possíveis. Freud ainda esclarece um ponto importante: é aconselhável não se apoiar apenas em uma técnica de vida, mas em várias delas, pois ambas são falíveis, não podem trazer satisfação completa.

Outra alternativa além dessas explicitadas, para a psicanálise é a experiência analítica, onde o indivíduo pode trabalhar o seu desejo.

CAPÍTULO 2

Arte, sublimação e psicanálise

2.1 – Arte, literatura e psicanálise

Nesta seção do trabalho, nos propomos a tratar das relações entre a literatura e a psicanálise. Relação necessária para que possamos analisar na trama do romance “Angústia” de Graciliano Ramos implicações do conceito de sublimação, pertencente à psicanálise, com a obra literária. Nessa direção para pensarmos a arte através das contribuições da psicanálise, precisamos antes pensar a arte, não como campo do sem sentido, mas como campo que possui uma lógica própria, que possui pensamento.

Jacques Rancière, em seu livro “O inconsciente estético” afirma que a estética é a ciência que se ocupa da arte e que a estética é também “um regime histórico específico de pensamento da arte, de uma ideia do pensamento segundo a qual as coisas da arte são coisas de pensamento.” (Rancière, 2009, p. 12). Quando consideramos arte como coisas de pensamento, isso nos dá uma possibilidade de enxergá-la como algo que possui uma inteligibilidade, aquilo que pode dizer algo e não apenas “embeleza”.

Vemos a partir desse autor uma mudança no estatuto da arte, essa como representante de algo que pode estar relacionado ao seu autor, ao contexto desse autor, ao tempo em que viveu e ao pensamento de sua época. Outro ponto que ele levanta é que esse modo específico de pensamento presente na arte tem um peso importante para a noção de inconsciente na psicanálise freudiana. Segundo ele, “(...) A psicanálise é inventada nesse ponto em que filosofia e medicina se colocam reciprocamente em causa para fazer do pensamento uma questão de doença e da doença uma questão de pensamento.” (Rancière, 2009, p. 26).

Como se deu o processo dito pelo autor em que a medicina e a filosofia se colocaram em causa, o que possibilitou o nascimento da psicanálise? Podemos pensar em dois impasses. O primeiro impasse é o da medicina e no qual Freud lidou diretamente após tornar-se médico neurologista. Freud questionou sobre a existência de determinadas doenças nervosas que faziam com que as pessoas tivessem paralisias, contraturas, dores e outros males físicos. Como essas eram possíveis sem que houvesse alguma lesão fisiológica ou alguma explicação desse mesmo ponto de vista a partir dos exames feitos no cérebro ou em outras partes do corpo? Parece que a medicina nesse ponto se defrontou com o não-saber da histeria, e, ao invés de pensar que poderia haver uma significação psicológica para tal, preferiu desprezá-lo. Mesmo assim a pergunta sobre

o que seria a causa da doença histérica ficou pendente de respostas. A medicina da época não acreditou que poderia existir um saber presente nesse não-saber.

O segundo impasse, de caráter filosófico, é o impasse da consciência. Admitir que o indivíduo possui um lado outro de seu ser que não está dentro dos contornos e do controle da sua consciência coloca em questão muitos paradigmas estabelecidos. Como lidar com a identidade do indivíduo? Como lidar com a liberdade, já que existe uma instância da qual o indivíduo não tem domínio? E como pensar a responsabilidade já que as pessoas não têm controle sobre si mesmas? A psicanálise nasce com o conceito de inconsciente no meio destas discussões, tentando mostrar que em meio a essa gama de incertezas, pode existir algo que não é o pensamento, mas se coloca como tal, ainda que de maneira diferente.

A psicanálise mostrou que o sintoma histérico, mesmo parecendo irracional para a medicina da época do Freud, é pensamento. O padecer é carregado de pensamento e, quando este pensamento é decifrado como um enigma no contexto da história do indivíduo, esse padecer pode ser de algum modo abreviado ou encontrar um sentido. Segundo Rancière, a arte, assim como o padecimento, é pensamento. É uma identidade de contrários, saber e não saber ao mesmo tempo. “No regime estético, essa identidade de um saber e de um não-saber, de um agir e de um padecer, que radicaliza em identidade de contrários a "claridade confusa" de Baumgarten, constitui-se no próprio modo de ser da arte.” (Rancière, 2009, p. 27). A arte diz, diz de outra forma, mas diz, é pensamento.

Rancière fala especificamente da escrita literária que: “(...) Cada uma [coisa] traz consigo, inscritas em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação. A escrita literária estabelece-se como decifração e reescrita dos signos de histórias, escritos nas coisas.” O autor afirma que tudo é capaz de falar, de se expressar, por meio mesmo das características mais banais. Não existe nada desprezível, assim como no método da associação livre na análise. A escrita, de acordo com Rancière, é uma decifração e reescrita dos signos que as coisas portam e o escritor literário tem a partir daí o papel de decifrador, geólogo, arqueólogo que recompõe, ordena e restaura os signos daquilo que foi dito pelas coisas.

O escritor é o geólogo ou o arqueólogo que viaja pelos labirintos do mundo social e, mais tarde, pelos labirintos do eu. Ele recolhe os vestígios, exuma os fósseis, transcreve os signos que dão testemunho de um mundo e escrevem uma história. A escrita muda das coisas revela, na sua prosa, a verdade de uma civilização ou de um tempo, verdade que recobre a cena outrora gloriosa da "palavra viva". (Rancière, 2009, p. 39).

Tudo é composto pela potência da linguagem, segundo Rancière. E o artista/escritor é o decodificador do inconsciente estético. Assim há uma proximidade entre o trabalho do

psicanalista, que media a decodificação dos significantes presentes no inconsciente psicanalítico do analisante, e o trabalho do escritor, que “viaja” nos labirintos e subsolos do mundo social, nas histórias verdadeiras de uma sociedade, em um tempo de uma coletividade. O artista/escritor consegue penetrar nos significantes do mundo interior, como veremos abaixo, nas palavras do fundador da psicanálise.

Freud, na obra do início do século XX chamada: “O Escritor e o Fantasiar” (1907) faz uma comparação do escritor com a criança que brinca. Ambos, segundo ele, fantasiam. A criança cria para si no brincar um mundo de fantasias e segundo o autor, ela leva isso bem a sério. Esse mundo que a criança cria tem toda uma organização, estrutura, mesmo sendo diferente da realidade. E, geralmente, os conteúdos do mundo da criança são relacionados aos desejos dela de ser adulto, ela imita a vida adulta. A criança não oculta de ninguém esse mundo, ao contrário, tem júbilo em apresentá-lo aos outros que lhe dão atenção. Com o tempo ela cresce e deixa de brincar, aparentando ter renunciado àquele prazer do brincar, porém, diz Freud, “(...) na verdade, não podemos renunciar a nada, apenas trocamos uma coisa por outra; o que parece ser uma renúncia é, na realidade, uma formação substitutiva ou um sucedâneo. (...)” (Freud, 1908, p. 229).

Qual será o meio substituto que o indivíduo encontra para o prazer da brincadeira infantil? De acordo com o autor são os devaneios, os sonhos diurnos. Nós, todos como adultos neuróticos fantasiamos para lidar com nossos desejos insatisfeitos. Esses mecanismos do fantasiar são meios de correção da realidade, um ajuste, ligado ao princípio do prazer. Dissemos aqui princípio do prazer porque na época da publicação deste texto Freud ainda não tinha postulado a pulsão de morte.

Sobre esse fantasiar ou devaneios perguntamo-nos se eles têm o mesmo estatuto dos sonhos noturnos? “(...) Depois que o trabalho científico logrou esclarecer a deformação onírica, já não foi difícil perceber que os sonhos noturnos são realizações de desejos exatamente como os sonhos diurnos, as nossas conhecidas fantasias.” (Freud, 1908, p. 232, grifo do autor). Freud afirma que sim. Ele atribui a semelhança entre os conteúdos dos sonhos noturnos, que são realizações disfarçadas de desejo, aos sonhos diurnos ou devaneios, aos castelos no ar que construímos durante a nossa vida para lidar com a realidade de uma forma um pouco mais satisfatória.

Partindo das formulações freudianas sobre o fantasiar, o que podemos retirar de importância para tratar do papel do escritor? Para Freud, o escritor realiza o mesmo que o sonhador ao compor uma obra literária. A análise que Freud realiza de obras literárias como a “Gradiva” de Jensen segue essa direção, na “(...) premissa de que tanto a obra literária como o devaneio são prosseguimento e substituição do que um dia foi brincadeira infantil.” (Freud, 1908,

p. 234). Segundo ele, muitas vezes vivências do presente despertam lembranças infantis. É destas lembranças que vêm o desejo que se realiza na criação literária. É possível, segundo Freud, por meio da análise de sua obra ter a percepção dos elementos da infância, assim como dos elementos atuais que impulsionam a criação literária. Freud dá vários exemplos no texto de como essas fantasias infantis aparecem nas criações dos artistas.

Por exemplo, o caso do protagonista da história, que goza de uma providência benevolente a seu favor, que sempre se recupera das feridas, acidentes e batalhas, chega à beira da morte, mas mesmo assim, se recupera para que a história continue e tenha um final feliz. O autor diz que no protagonista está projetado o narcisismo do indivíduo, sua majestade, o eu, que não pode ser abalado. Outro exemplo de projeção narcísica do indivíduo é aquele personagem que tem o amor de todas as mulheres.

Especificamente um tipo, que a nosso ver, é de grande importância para o propósito da pesquisa, que tem o intuito de trabalhar a obra “Angústia”, de Graciliano Ramos, é o dos romances psicológicos:

Notei que em muitos dos chamados “romances psicológicos” somente uma personagem — o herói, mais uma vez — é retratada do interior; o autor como que se coloca em sua alma e olha as outras personagens de fora. Em geral, o romance psicológico deve sua peculiaridade à tendência de o escritor moderno cindir seu Eu em Eus parciais, mediante a auto-observação, e, em consequência, personificar em vários heróis as correntes conflitantes de sua vida psíquica. (Freud, 1908, p. 233-234).

Trazendo aqui um pequeno *spoiler* do capítulo seguinte. Poderíamos adiantar que a obra literária analisada se encaixa nesse gênero de um romance psicológico. A personagem principal, Luís da Silva, que também é o narrador, descreve o mundo ao seu redor, seus relacionamentos, sua condição social, seu mal estar, em uma mescla de vivências de sua infância que vêm e voltam no relato, através da sua percepção, de sua vivência de mundo. Os valores de cada personagem são reflexos de como ele se vê psicologicamente e que apontam influências das vivências de sua infância, que ele também retrata. Essas questões mais específicas da obra serão aprofundadas no próximo capítulo.

Para terminarmos essa exposição do que Freud diz a respeito do escritor e da criação literária vale ressaltar que um ano antes da publicação do texto em que estamos analisando, o autor afirmou, no texto “O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen” (1907), que os escritores são grandes conhecedores da alma humana, que a conhecem mais do que nós, pois têm acesso privilegiado a fontes que não estão disponíveis para nós e nem para a ciência:

(...) Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (...) (Freud, 1907, p. 12).

Sob essa premissa, dos escritores terem acesso privilegiado ao inconsciente, Freud diz sobre a habilidade do escritor, mostra através da obra características importantes a respeito do recalque e dos sonhos na psique humana. Nas palavras de Freud, as fantasias do brincar infantil são uma forma de corrigir a realidade.

Ponto que traz aberturas interessantes para pensarmos, sobretudo sobre a realidade material e a realidade psíquica, se essas são opostas entre si ou se entrelaçam por meio da fantasia. A fantasia é o modo como se tem acesso à realidade? Como Freud lida com essa questão nos textos subsequentes? Como o escritor consegue, através da escrita, esconder e revelar, ao mesmo tempo, suas fantasias na obra literária? São pontos que nos questionamos, porém, acreditamos que não seja possível no escopo desse trabalho obter todas as respostas.

De acordo com Freud e com Ranciére, a arte é feita através das nossas fantasias, dos nossos sentidos e isso é o que a racionalidade positivista ignora. Mesmo assim, apesar de ser ignorado, todo esse material vindo das profundezas do inconsciente é pensamento, é linguagem e pode trazer importantes contribuições sobre a natureza psíquica do ser humano e da sociedade.

Para prosseguir sobre essa relação arte e psicanálise será ainda necessária uma articulação entre literatura e conceito de sublimação, esse desenvolvimento nos permitirá analisar a obra literária de Graciliano Ramos que faremos no terceiro capítulo. Vale dizer que será também necessário falar a respeito da arte moderna, para contextualizar a obra proposta para a investigação.

2.2 - Sublimação na psicanálise

2.2.1 - Primeiro dualismo pulsional nos textos iniciais: sublimação e mecanismos de defesa

Para iniciarmos o estudo acerca do tema da sublimação na psicanálise, faremos um breve percurso em alguns textos de Freud. Em um primeiro momento o conceito de sublimação aparece no âmbito do primeiro dualismo pulsional. Uma das primeiras menções de Freud sobre o assunto aparece no caso clínico chamado de “Caso Dora”, publicado por Freud em 1905:

As perversões não constituem nem bestialidades nem degenerações no sentido passional do termo. São desenvolvimentos de germens que se acham todos na indiferenciada predisposição sexual da criança, cuja repressão ou direcionamento para metas mais elevadas, assexuais – sublimação - destina-se a fornecer a energia para bom número de nossas realizações culturais. (Freud, 1905/2016, p. 229).

Nesse sentido o autor mostra que nós possuímos tendências ou predisposições sexuais perversas desde a infância, mas estas tendências não são compatíveis com a vida em cultura. Seria preciso que estas predisposições fossem recalçadas ou desviadas para o que ele vai chamar de metas mais elevadas culturalmente, dessa forma, essa energia investida nessas tendências perversas seria redirecionada para a manutenção das metas mais elevadas. Seria a sublimação nesse momento da obra de Freud, um processo de dessexualização? Nakasu (2007) aponta-nos que sim. Ela afirma que “(...) a transposição de uma meta sexual por uma meta assexual implica, necessariamente, uma dessexualização da meta.(...)” (Nakasu, 2007, p. 13). A sublimação seria uma terceira via entre o recalque e a descarga sexual direta, fazendo com que essa meta sexual seja desinvestida e passe a ser “assexual” e destinada para outros fins, mais elevados. Sobre essa dessexualização promovida pela sublimação temos o que Freud diz nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). No primeiro ensaio ele trata dos desvios da sexualidade em relação à norma, ao falar do olhar, ele aponta uma possibilidade de sublimação, que faz com que o indivíduo ao estar diante do prazer de olhar, desvie seu interesse dos genitais para todo o corpo:

(...) A ocultação do corpo, que cresce juntamente com a civilização, mantém desperta a curiosidade sexual, que busca completar para si o objeto sexual desvelando suas partes ocultas, mas que pode ser desviada ("sublimada") para o âmbito artístico, quando se consegue retirar seu interesse dos genitais e dirigi-lo para a formado corpo em seu conjunto.(...) (Freud, 1905/2016, p. 50).

Esse prazer de olhar dos indivíduos não é apenas voltado para o corpo, mas para vestimentas e adereços. O prazer ligado ao olhar para os genitais pode ser substituído pelo prazer estético considerado mais elevado. Essa questão da visão abre espaço para pensar o campo da arte como satisfação voltada para a apreciação. Essa satisfação, inicialmente de ordem sexual, é deslocada para o “belo”, para a obra de arte, para propósitos mais elevados culturalmente.

No segundo ensaio sobre a sexualidade infantil também existem algumas menções importantes de Freud acerca do tema da sublimação. Fala-se no texto a respeito do contexto que é o período de latência pelo qual passa a criança. Esse período de latência caracteriza-se por uma suspensão ou “supressão” progressiva das moções pulsionais sexuais da criança. Para conter essas moções sexuais, são feitos determinados diques que são o asco, a vergonha, os ideais estéticos e morais.

O autor afirma que, inicialmente, acreditava-se que a educação seria o vetor para esses processos nas crianças, como foi visto por ele em crianças ditas civilizadas, porém, foi observado que esses diques psíquicos acontecem em crianças que tiveram diferentes formações culturais. Qual seria a causa desses processos? Freud afirma que “(...) esse desenvolvimento é organicamente condicionado, fixado hereditariamente (...)”, ou seja, é algo constitucional, independente de formação cultural, educacional, etc.. A partir dessa contextualização vejamos abaixo o que ele traz sobre a sublimação:

(...) Os historiadores da civilização parecem concordes em supor que, desviando-se as forças instintuais sexuais das metas sexuais para novas metas - um processo que merece o nome de sublimação - adquirem-se fortes componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos que o mesmo processo ocorre no desenvolvimento do indivíduo, e situaríamos o seu começo no período de latência sexual da infância.” (Freud, 1905/2016, pp. 80-81).

Freud situa no período de latência da sexualidade infantil, o início das possibilidades do processo sublimatório do indivíduo. Como sabemos, os indivíduos podem sublimar em outros momentos da vida, mas é importante vermos quando esse processo pode ter seu início e a causa dele. Outra questão que se coloca: por que motivo as moções sexuais da criança são interditadas nesse período e são contrabalanceadas com vergonha, asco, etc.? Segundo Freud, essas moções são perversas, e, dada a influência do período de latência e a formação cultural e moral da criança, seriam nesse momento, inibidas pelo recalque, ou poderiam assumir o destino sublimatório.

Ainda no segundo ensaio sobre a sexualidade infantil encontramos a respeito: da excitação sexual, do trabalho intelectual, das situações de assombro e de dor, do sadismo e do masoquismo, etc.. Essas situações são consideradas fonte indireta da excitação sexual e cada indivíduo, de acordo com a sua constituição, possuem uma variabilidade de zonas erógenas, como oral, anal, uretral, entre outras e que essas características não são anormalidades sexuais.

Aparece aqui a noção de apoio. No contexto do primeiro dualismo pulsional, as pulsões sexuais para proporcionar satisfação precisam se apoiar em funções das pulsões do eu ou de autoconservação. Um exemplo é a boca usada para nutrição, uma função de autoconservação. A boca, porém, pode ser também usada para a satisfação sexual oral. Várias partes do corpo, então, possuem uma dupla finalidade, uma de manutenção das necessidades do corpo e outra de satisfação sexual. Freud afirma a existência das vias de influência recíproca, que são vias de ligação entre as funções do eu e da sexualidade. Eu e sexualidade estão interligados por essas

vias de modo que, por exemplo, há uma satisfação sexual na alimentação, na visão, na atividade muscular entre outras.

O autor aponta a existência de casos de perturbação da excitação sexual em determinadas zonas erógenas, por exemplo, pode haver perturbação simultaneamente na função do eu, como no caso da anorexia, em que há uma perturbação na zona erógena oral e o indivíduo se recusa a comer. Essas vias de ligação explicariam todos os casos de sintomas neuróticos, por exemplo, onde a satisfação sexual passa a ser vivida pelo indivíduo por meio da somatização corporal. Nesse sentido é válido questionar o que essas vias de influência recíproca nos acrescentam a respeito do tema da sublimação que estamos estudando?

Freud diz que “(...) todas as vias de ligação, que conduzem de outras funções à sexualidade, devem ser transitáveis também no sentido contrário. (...)” (Freud, 1905/2016, p. 119). O que podemos perceber a respeito disso é que essas vias de ligação entre as funções do eu e da sexualidade possuem um duplo sentido. Não apenas explicam como funções do Eu ou de autoconservação passam a serem funções que levam a excitação, mas podem também indicar que o movimento contrário também pode ser realizado, ou seja, que satisfações sexuais podem passar a satisfações de outra ordem, não sexuais, e seriam elas: “(...) Por elas [as vias de influência recíproca] as forças instintuais sexuais se veriam conduzidas a metas outras que não as sexuais, ou seja, ocorreria a sublimação da sexualidade. (...)” (Freud, 1905/2016, pp. 119-120). E por mais que ainda sabe-se pouco sobre essas vias de ligação, elas são percorríveis em ambas as direções, e, por meio delas, é possível que ocorra o processo sublimatório, onde uma pulsão sexual possa ser deslocada para um alvo não sexual.

Sobre essas predisposições perversas, Freud se demorará mais sobre o assunto no texto “Moral sexual cultural e o nervosismo moderno” (1908). Texto com importantes contribuições acerca do conceito de sublimação. Nele Freud fala a respeito das doenças nervosas que os indivíduos de sua época eram vítimas. Ele aponta que a peça chave para essas doenças nervosas é o recalçamento nocivo da vida sexual dos povos por causa da moral sexual:

(...) Se deixamos de lado as formas mais vagas de ser “nervoso” e consideramos aquelas específicas da doença nervosa, a influência danosa da civilização se reduz essencialmente à repressão nociva da vida sexual das populações (ou camadas) civilizadas, devido à moral sexual “cultural” nelas vigente. (Freud 1908/ 2015, p.142).

As neuroses de causação sexual, Freud, chamará de psiconeuroses e sobre elas diz que são de um teor diferente das neurastenias. Essas últimas ocorrem por excesso ou escassez de determinadas substâncias tóxicas. Já as primeiras são satisfações substitutivas de conteúdos sexuais que tem suas representações recalçadas no inconsciente. Mas que conteúdos sexuais recalçados são esses? De acordo com Freud, esses conteúdos são as excitações sexuais tidas

como “inúteis” pela moral sexual cultural. Para esclarecimento é importante mencionar que as excitações perversas não o são apenas por estarem em desacordo com a moral cultural. Esse é um problema que falaremos mais à frente, mas cabe aqui acrescentar que a causa principal para que elas sejam consideradas perversas é o recalque à que são submetidas no período de latência na sexualidade infantil, adiciona-se depois a influência da moral sexual cultural. Feita essa observação retomamos nosso questionamento anterior: mas que excitações são essas?

Freud vai dizer que a sexualidade humana originalmente é autoerótica e não está ligada aos fins de reprodução, mas à obtenção de prazer. Essa fase autoerótica da sexualidade passa a ser controlada pela educação cultural que o indivíduo recebe, com o intuito de fazer com que ele passe do autoerotismo para um investimento em objetos, um amor objetal. “(...) Portanto, o desenvolvimento do instinto sexual vai do autoerotismo ao amor objetal e da autonomia das zonas erógenas à sua subordinação, sob o primado dos genitais postos a serviço da procriação. (...)” (Freud, 1908/2015, p. 144).

As excitações, então, que dão origem aos sintomas patológicos são aquelas que não são condizentes com a finalidade da reprodução sexual, mas que visam à obtenção de prazer. Essas excitações são aquelas chamadas pela moral cultural da época de excitações “pervertidas”.

Como essas excitações consideradas pervertidas dão origens às psiconeuroses? Freud nos diz que essas pulsões perversas podem seguir no indivíduo dois caminhos possíveis. O primeiro deles é quando se mantém perversos, ou seja, fruem livremente de sua satisfação contrária aos ditames da moral sexual e, assumem as consequências de seu “desvio”. O segundo caminho é o recalque das pulsões perversas que, de acordo com o autor, é sempre fracassado, pois é exigido ao indivíduo um investimento grande de energia para manter esse recalque

Os instintos sexuais inibidos não se manifestam como tais; nisso consiste o êxito — mas se manifestam de outras formas, que para o indivíduo são igualmente nocivas e que o tornam tão inutilizável para a sociedade como ele ficaria com a satisfação inalterada dos instintos reprimidos; nisso está o malogro do processo, que, a longo prazo, mais que contrabalança o êxito. Os fenômenos substitutivos que surgem devido à repressão instintual são o que descrevemos como nervosismo ou, mais precisamente, psiconeuroses. (...) (Freud, 1908/2015, p. 144-145).

Para a psicanálise, nós recalamos a sexualidade. Deste modo, não são apenas as excitações sexuais consideradas perversas que podem ser recalçadas pelo indivíduo, mas também as subordinadas ao primado da genitalidade podem sofrer o processo de recalque no contexto da moral sexual cultural, como no caso de jovens que não podem ter relações sexuais antes do casamento. Esse recalque fracassa, justamente, porque as pulsões sexuais perversas, no contexto

de Freud, que não são úteis para fins reprodutivos, acabam por se manifestar de outras maneiras no indivíduo. Essa manifestação substitutiva é o sintoma neurótico, as psiconeuroses, que tornam o indivíduo, da mesma maneira, inútil à cultura por causa de suas doenças nervosas, pois o esforço de energia psíquica de que necessitam para realizar o recalque das pulsões perversas causa em grande empobrecimento interno que leva ao adoecimento.

Passada então essa contextualização inicial vamos à discussão do conceito de sublimação. Freud diz-nos que a sublimação é a “(...) capacidade de trocar a meta originalmente sexual por outra, não mais sexual (...)” (Freud, 1908/2015, p. 143). Ou seja, a sublimação seria uma alternativa que poderia ser realizada para além da descarga sexual direta. E nessa direção questionamos: como a moral sexual cultural institui outras formas de satisfação? Seria a sublimação uma alternativa eficaz para que os indivíduos consigam suportar o peso de tal mandamento da cultura?

É no contexto destas ideias que Freud refere-se à sublimação. Ela aparece, em certo sentido, como uma alternativa à neurose e também à satisfação dita da pulsão. A constância da pulsão sexual, uma vez tendo o homem superado a periodicidade existente na sexualidade dos demais animais, coloca uma grande quantidade de energia à sua disposição. Isso se deve principalmente a uma característica da pulsão, enunciada novamente no artigo de 1915, Pulsões e destinos da pulsão: a pulsão tem a capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente sua intensidade – é dotada de flexibilidade.” (...) (Metzger, 2008, pp. 40-41).

Conforme diz-nos Metzger (2008), a pulsão sexual é algo constante fazendo com que os indivíduos tenham um grande potencial de energia à disposição. Outra característica da pulsão seria sua flexibilidade. Por causa da flexibilidade seria possível realizar um deslocamento da sua meta para outra que não tivesse um teor sexual. Mais detalhes dessa flexibilidade e outras características da pulsão veremos quando formos tratar do artigo de 1915.

A princípio observamos que Freud traz a sublimação como alternativa e a trata como algo semelhante à dessexualização. Seria a sublimação, então, uma dessexualização? Se hipoteticamente admitirmos que o processo sublimatório assim fosse, seria possível, por exemplo, no âmbito da moral cultural descrita por Freud, incentivar os jovens que não eram casados a sublimarem a sua pulsão sexual para suportarem a abstinência até o casamento sem cair na neurose? Tendemos a acreditar que não.

Conforme Metzger (2008), só é possível sublimar as pulsões que Freud denominou acima de pulsões perversas, ou seja, aquelas que não se destinam à reprodução. Vejamos: “(...) Encontramos no artigo que ora discutimos pontos de vista presentes também em outros de seus trabalhos, como o entendimento de elementos da sexualidade perversa como aquilo que pode ser

sublimado (...)” (Metzger, 2008, p. 40). A sublimação não poderia ser um instrumento eficaz para conter ou deslocar aquela porção de libido direcionada para descarga sexual direta.

A possibilidade poderia ser pensar na sublimação como forma de lidar com as excitações caracterizadas como perversas pela cultura. Isso nos faz questionar se todos os indivíduos poderiam ter a possibilidade de realizar tal processo, produzirem na cultura, sem necessitar infringir as regras desta última nem cair na enfermidade nervosa. Tendemos novamente a uma resposta negativa. Freud afirma-nos que essa questão esbarra na constituição inata de cada indivíduo, conforme vimos anteriormente:

Contrastando com essa possibilidade de deslocamento, na qual reside seu valor cultural, o instinto sexual é também suscetível de tenazes fixações, que o tornam inaproveitável e ocasionalmente o fazem degenerar nas assim chamadas anormalidades. A força original do instinto sexual provavelmente varia conforme o indivíduo; certamente oscila o montante que dele se presta à sublimação.” (Freud, 1908/2015, p. 143).

Nesse sentido de acordo com a constituição singular de cada indivíduo, há uma maior ou menor dispersão dessa libido dita “perversa”, alguns dispensam quantidades bem pequenas para o processo sublimatório. Como dito acima, há maneiras diferentes de usar libido na satisfação perversa, de modo que alguns desprezam as regras sociais/culturais. Ressalta-se aqui que aqueles que destinam pouca energia para a sublimação são os que parte da sua libido encontra-se fixada em alguma representação, fazendo com que essa parte seja inaproveitável para o deslocamento sublimatório.

Outro ponto importante acerca da constituição de cada um é que cada indivíduo terá uma quantidade possível de libido que pode ser sublimada, cada indivíduo pode deslocar apenas uma parcela para tal processo. Sublimação é um processo no qual cada pessoa tem um limite que pode realizar. É um limite variável de cada um. Freud diz que, se esse limite for ultrapassado, isso pode acarretar grande quantidade de desprazer e até gerar uma doença. Para exemplificar, ele fala da máquina a vapor, que não é possível transformar toda o calor em energia mecânica. Metzger diz-nos:

(...) As pulsões passíveis de sublimação são as pulsões perversas. No entanto, uma parte das pulsões da sexualidade infantil, originalmente perversas, cairá sob o primado da genitalidade: a partir daí, teoricamente não poderiam mais ser sublimadas. Portanto, a satisfação desta sexualidade genital não deveria diminuir a capacidade de sublimação do indivíduo, que continua se dando às expensas das pulsões perversas que restaram. (Metzger, 2008, p. 51).

As pulsões que podem ser sublimadas são aquelas perversas que estão livres, que não estão ligadas às representações. Aquelas que estão ligadas a formações substitutivas e sintomas

neuróticos não podem ser destinadas à sublimação. Do mesmo modo, as pulsões que não são perversas, ou seja, aquelas que estão ligadas ao primado da genitalidade, e impulsionam para a descarga sexual direta, também não podem ser sublimadas. Daí podemos inferir que não há uma relação direta entre abstinência sexual e sublimação. Nos casos em que há essa tentativa, a descarga sexual acaba impondo-se novamente.

Vemos a partir disso que a sublimação é limitada e a sua possibilidade varia de indivíduo para indivíduo.

Para finalizar, é importante salientarmos que a liberdade sexual em alternativa a essa moral cultural seria a solução para os indivíduos que sofrem de psiconeuroses. O caso é que a questão da moral cultural não é o ponto nodal da neurose. Existem outras questões envolvidas na sexualidade do indivíduo na infância. A moral cultural seria, de acordo com Metzger, apenas um incremento à neurose. “(...) Há algo da neurose cuja origem não está na cultura e, portanto, podemos concluir que o problema central da neurose não será resolvido caso se faça uma “reforma da moral social”, por assim dizer.” (Metzger, 2008, p. 53). Aquilo da neurose que não corresponde totalmente à moral cultural é a etiologia sexual.

Outro importante texto do período da primeira tópica freudiana que estamos trabalhando para tratar do conceito de sublimação é o texto “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (1910). No texto, Freud faz um relato biográfico do artista levando em conta questões psicanalíticas relacionadas à sua infância, relação com os seus pais, sua atividade artística e intelectual. Desse material, o fundador da psicanálise retira importantes conclusões que podem acrescentar ao nosso estudo do conceito de sublimação. Leonardo era um filho bastardo que passou parte de sua infância apenas com a mãe. A sua atividade artística na pintura é atribuída à sua curiosidade sexual infantil que escapou à interdição paterna.

Na atividade artística, Leonardo não teve pulsão de ver recalcada, essa pode ser deslocada para algo mais nobre, no caso a pintura. Após uma inibição da sua atividade pictórica, de acordo com Freud, Leonardo passou a se identificar com a atividade científica, onde, mais uma vez, estaria em jogo a pulsão de ver, também relacionada à pesquisa sexual infantil. Sobre essa pulsão de saber que proporciona a pesquisa sexual infantil, Freud aponta nos *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”* (1905) que entre os três e cinco anos de idade há um cruzamento do prazer de olhar, que proporciona uma satisfação de cunho sexual com um desejo de dominação da natureza que a criança também possui. Segundo o texto em questão, “(...) o instinto de saber das crianças é atraído, inopinadamente cedo e com imprevista intensidade, pelos problemas sexuais, e talvez seja inclusive despertado por eles.” (Freud, 1905/2016, p. 104.)

Tendo como base a afirmação sobre a pulsão de ver, podemos pensar sobre o destino que Leonardo deu a ela, no caso, um destino sublimatório, ao invés de um recalçamento, já que não

teve que se defrontar com a intimidação paterna, edípica, na infância vivida apenas com a mãe, sem o pai para interditar a relação dos dois. “No entanto, se a imitação do pai o prejudicou como artista, a revolta contra o pai foi a precondição infantil de suas realizações como pesquisador da ciência, talvez tão admiráveis quanto as artísticas.”(Freud, 1910/2013, p. 139).

Uma questão interessante se coloca quanto à inibição de Leonardo em relação à pintura, Freud conta que ele aos poucos foi desinteressando-se pelos seus trabalhos artísticos, deixou obras inacabadas, não entregou encomendas, como no caso do quadro da Mona Lisa. Ao invés de pintar, passava dias inteiros trabalhando em retoques de obras já finalizadas ou observando e analisando outras, manifestando assim um desdém, uma indiferença em relação aos seus trabalhos. Cruxen diz sobre isso que “um criador não deixa de ser pai de sua obra. Leonardo repetiu a carência paterna ao se ater ao inacabado de sua produção. Seu desdém por seus trabalhos foi um reflexo do próprio desinteresse do pai em relação a ele nos primeiros anos da infância. (...)” (Cruxên, 2004, p. 28).

Há também um fato curioso após a inibição do processo sublimatório por meio da pintura, Leonardo construiu outra sublimação, ou apenas fez um deslocamento da primeira? Não sabemos. Leonardo investiu na investigação científica da natureza. Essa investigação científica também está ligada à sublimação da pulsão de ver, conforme vimos acima. Nos aspectos que influenciaram a investigação científica de Leonardo está a ausência da intimidação paterna. Cruxen diz em seu livro que, por mais que a mãe de Leonardo não fosse capaz de fazer referência a uma autoridade paterna, “seu pai fora um cavalheiro para a pobre Catarina, possibilitando ao artista uma identificação nesse sentido e impulsionando a rivalidade e a rebeldia.” (Cruxên, 2004, p. 29)

De acordo com o comentador fica a questão, após Leonardo passar a viver com o pai e a madrasta, ele pode ter tido percepções da relação entre seu pai e sua mãe, dona Catarina, acrescentando à visão ausente que teve do pai anteriormente quando morava apenas com sua mãe, um processo de identificação e rivalidade. E, ainda de acordo com Cruxên, foi esse processo de rivalidade, de destronar esse pai um dos fatores que influenciaram Leonardo no seu processo de investigação científica. Mas de que maneira se deu essa rebeldia?

Se, geralmente, as pessoas se apoiam na autoridade paterna em busca de reconhecimento, encontram também nela forças inibidoras. Nosso personagem prescindiu do freio paterno, o que tornou sua ulterior investigação científica livre, excluindo o elemento sexual. (Cruxên, 2004, p. 29.).

Poderíamos nos arriscar a pensar que, como a autoridade paterna de Leonardo não foi sustentada pela sua mãe na primeira infância, os freios paternos posteriores como a religião, por

exemplo, não tiveram força de inibir a sua pesquisa científica na natureza, ou não foram determinantes o suficiente para que ele os levasse em conta. Suas pesquisas e descobertas extrapolaram a influência da igreja e ele foi acusado de ser herege. Outro problema relacionado à sublimação em Freud é a questão da homossexualidade, que merece aqui o nosso destaque por aparecer nos dois dos textos que estamos percorrendo. Freud afirma em *“Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”* (1908), que os homossexuais são indivíduos predispostos à sublimação. Como poderíamos interpretar isso?

Uma primeira resposta poderia ser que, por não se encaixarem no padrão sexual reprodutivo da moral sexual cultural, onde o sexo é baseado na penetração do pênis na vagina, os homossexuais são automaticamente considerados perversos e, por meio disso, podem deslocar sua libido para outros objetos que não seja a relação sexual direta. Porém a questão aponta maior complexidade. Tendemos a pensar que essa homossexualidade predisposta à sublimação que Freud menciona está diretamente relacionada a uma homossexualidade ideal, presente no caso específico de Leonardo da Vinci. Freud dá mais detalhes desse caso específico no texto escrito sobre o autor.

Como dissemos acima, por Leonardo ter passado os primeiros cinco anos de sua vida ao lado apenas da mãe excessivamente carinhosa que não fez referência à pessoa do seu pai, fez com que Leonardo crescesse sem uma referência masculina de identificação e se identificasse com a própria mãe. “Esses elementos contribuiram para o estabelecimento de um homossexualismo ideal ou platônico. Ou seja, a posição de Leonardo foi homossexual, mas bastante inibida quanto à realização sexual concreta.”(Cruxên, 2004, pp. 21-22).

Ainda segundo Cruxên, Leonardo ascendeu a um tipo de sublimação rara em que toda a sua libido foi deslocada para a criação e para a produção. Esses são alguns pontos do trajeto sublimatório vivido por Leonardo da Vinci, um destino alternativo ao recalque. Vemos que o destino sublimatório não é possível sem que a libido esteja disponível, esta não pode estar recalçada. Nos casos em que ela está recalçada, o destino do indivíduo é a neurose, o retorno do recalçado. “(...) A maior parte das necessidades do instinto sexual pôde ser sublimada em ímpeto geral de saber, devido ao precoce favorecimento da curiosidade sexual, escapando assim à repressão. (...)” (Freud, 1910/2013, p. 148).

Fechando essa sessão destinada a discutirmos o estatuto da sublimação nos textos do primeiro dualismo pulsional na obra freudiana ficamos às voltas com um problema: a sublimação seria um mecanismo de defesa ou, como dito anteriormente, uma dessexualização? A princípio diríamos que seria um mecanismo de defesa, mas, como veremos mais a frente, no próximo tópico, a sublimação tem um caráter mais complexo que um mecanismo de defesa e tentaremos esmiuçar detalhadamente suas características.

Continuaremos nosso trajeto pelos textos freudianos a respeito da sublimação, seguimos por essa via de demonstrar as diferenças entre a sublimação e um mecanismo de defesa, como o recalque, por exemplo. Passaremos pelo texto “Introdução ao Narcisismo”, (1914). Nesse texto Freud descreve as vicissitudes desse conceito, em que explicita os seus desdobramentos e traz consequências importantes para a psicanálise. Pontos importantes tratados no texto são: a respeito da libido que tem um único reservatório, que é o Eu, essa pode se deslocar para os objetos, transformando-se em libido objetal e pode, novamente, retornar ao Eu, como libido narcísica.

Outra questão importante é a respeito da vida amorosa dos sexos. Há indivíduos que têm como objeto de desejo o sexo oposto, em consequência de sua ligação edípica com o genitor do sexo oposto, que o alimenta e protege, etc. Por outro lado, há indivíduos que têm uma escolha de objeto que é narcísica, amando quem ele mesmo foi, quem ele é ou quem ele busca ser, como um amor ideal. Discutindo a via do ideal encontramos no texto questões que contribuem para a análise. Freud afirma que existe uma diferença entre aquelas pessoas que se entregam a seus impulsos pulsionais para obter satisfação de forma livre e aqueles que não se permitem determinados modos de satisfação libidinal.

Essa diferença entre esses dois tipos de indivíduo é justamente o ideal, que o autor chamará de Ideal do Eu. “(...) A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição.” (...) (Freud, 1914, p. 27) A libido que tem satisfação livre em uma descarga direta em alguns indivíduos, em outros é redirecionada para outro destino, justamente por causa desse ideal do Eu que é buscado e sustentado. Identificando apenas esse trecho do texto, poderíamos julgar que esse ideal do Eu estaria intimamente ligado ao processo de sublimação, ou até mesmo, seria a causa desse processo. Porém a literatura psicanalítica mostrar-nos-á que ideal do Eu e sublimação não são a mesma coisa, mas processos bem distintos.

O primeiro ponto que diferencia esses dois conceitos é que o ideal do Eu tem uma finalidade diferente da sublimação, ou seja, por mais que o indivíduo busque uma posição que aparentemente esteja relacionada a um objeto externo, como ser reconhecido em determinada profissão, fazer um trabalho filantrópico ou algo do tipo, ou simplesmente não se entregar à satisfação dos seus impulsos libidinais, se essa busca estiver baseada na busca do ideal de um Eu satisfatório a determinados padrões, cumprindo determinadas exigências para isso, não estamos falando de sublimação, mas sim de um processo baseado em satisfação narcísica. “(...) Como vimos, a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a

sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão.(...)” (Freud, 1914, 28).

Para dizer da ideia de outro modo: para satisfazer determinadas exigências do Eu e alimentá-lo ou alinhá-lo à sua fantasia, do Eu ideal da infância, é necessário que o indivíduo recalque determinados impulsos e desejos. O ideal do Eu para se manter necessita de recalques, pois determinados impulsos e desejos, como dito acima, não são compatíveis com suas exigências. Grande parte da libido precisa estar recalcada e não estará disponível para ser sublimada.

Nota-se ainda que a sublimação, além de não estar ligada à libido do Eu, e sim estar ligada à libido objetal, apresenta nessa direção uma característica de ser um deslocamento da pulsão sexual. Mais especificamente da meta da pulsão sexual. “(...) A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual.” (...) (Freud, 1914, p. 28). A idealização, diferente da sublimação, se serve tanto da libido objetal, quanto da libido narcísica. Aqui é importante mencionar que essa diferenciação entre libido objetal e libido do Eu se baseia apenas no local onde ela está investida, essa distinção mostra-se no contexto do primeiro dualismo pulsional. Com o advento do segundo dualismo, essa distinção entre as duas libidos cai por terra, pois ambas estarão no rol das pulsões de vida. Mas esse problema é assunto para os próximos textos que vamos percorrer. Retomando a articulação, podemos pensar que deslocamento na sublimação é diferente do recalçamento.

No recalçamento, a libido que antes estava ligada a determinada representação desagradável separa-se e torna-se represada, passa a se satisfazer por meio de sintomas neuróticos que são desconfortáveis aos indivíduos, apesar de o indivíduo mesmo assim ter dificuldades em se desenlaçar desses sintomas, que proporcionam um determinado tipo de satisfação, ao mesmo tempo provocam desprazer. Essa satisfação do ideal é sintomática. Essa determinada porção de libido não consegue ser deslocada para outros e está condenada a satisfazer somente àquele determinado sintoma para o qual ela foi designada, ou outros sintomas derivados dele. No caso da sublimação, essa libido sexual que será desviada para um determinado fim não sexual precisa ser uma libido que esteja livre, ou seja, que não esteja recalcada e que possa escoar livremente tanto para uma descarga direta ou para um fim sublimatório.

É necessário pontuar aqui, como vimos no texto “Moral sexual cultural e o nervosismo moderno” (1908), que não é toda libido livre no aparelho psíquico que pode ser sublimada. Certa parte da libido necessita obter uma descarga direta sob pena de adoecimento do indivíduo. Portanto, para a formação do ideal é necessário que haja recalques, já que a libido que está

recalcada não pode ser sublimada e permanece represada. Na sublimação acontece o processo de deslocamento da pulsão sexual que nos parece ser mais espontâneo do que o processo de recalque. Nem toda a pulsão sexual pode ser sublimada como sabemos, todavia toda a pulsão disponível para sublimação poderia obter descarga sexual direta? Arriscar-nos-íamos a pensar que sim. A pulsão sexual é inerente ao homem e busca incessantemente a satisfação. Inicialmente essa busca é pela satisfação direta.

Um terceiro ponto para diferenciarmos sublimação e idealização diz respeito ao lugar onde tais processos ocorrem. “(...) Na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede ao instinto, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-las conceitualmente. (...)” (Freud, 1914, p 28). A idealização acontece no objeto. E esse objeto é o Eu. O Eu, a partir de determinadas exigências necessárias, precisa ser elevado, para que se assemelhe cada vez mais ao Ideal do Eu. Ele precisa se diferenciar daquilo que é para transformar-se no seu Ideal que é altamente investido. O processo se realiza nele tendo algumas consequências sobre outros processos, como o recalque de determinadas representações que não coadunam com este intento.

Na sublimação, o lugar é outro, daí o posicionamento de Freud de que são processos diferentes. O lugar onde a sublimação ocorre é na pulsão. Na pulsão sexual. A pulsão sexual se desliza para outro tipo de satisfação além da descarga direta. “(...) É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação. (...)” (Freud, 1914, p. 28). Como dito, O ideal pode até instigar uma sublimação, mas a execução de tal processo acontece independente dele e segue outros moldes.

É importante para nosso estudo diferenciarmos a sublimação do processo de idealização, porque ambos implicam em um processo de elevação, ambos apontam para uma forma de fazer com que o indivíduo viva em uma cultura, não sucumbindo a todos os impulsos e desejos, porém, são processos essencialmente diferentes. Vale ressaltar que esclarecemos as características do processo de sublimação, no sentido de que ela ocorre na pulsão, para seguirmos para outro texto freudiano, que será “A pulsão e seus destinos”, de (1915).

Nesse texto teremos mais contribuições a respeito do conceito de sublimação para o nosso objetivo em que Freud detalha as características das pulsões e sobre o estatuto da noção de sublimação. O autor usa o termo alemão *Trieb* para denominar aquilo que chamamos aqui de pulsão. Optaremos por seguir nesse trabalho essa escolha de tradução, mesmo que a edição da companhia das Letras que estamos usando traduza o termo *Trieb* por “instinto”, sem nos debruçarmos sobre a argumentação envolvida sobre as traduções da obra freudiana para a língua portuguesa. A seguir o modo como o fundador da psicanálise problematiza o conceito de pulsão:

Voltando-nos agora para a consideração da vida psíquica do ângulo da biologia, o “instinto” nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo.” (Freud, 1915, p. 39).

É importante notar que Freud trata da noção de pulsão de um ponto de vista fisiológico, como estímulo para o psíquico, porém, foi necessário ressaltar que, ao tratar a pulsão como estímulo, seria ele proveniente do interno e não do externo, não podemos fugir dela, mas efetuar determinadas ações específicas para que se possa lidar com ela e reduzir o desprazer no aparelho psíquico. A pulsão aparece, então, como um conceito limite, fronteiro, que está entre o somático e o psíquico, algo que perpassa entre a instância corporal e a mental, porém, não está presente especificamente em nenhum dos dois. Estão presentes nessas duas instâncias apenas os seus representantes. Freud vai dizer sobre a “medida de trabalho”, ou seja, a pulsão é algo que imprime movimento, impulsiona. Veremos mais detalhes a frente quando aprofundaremos sobre as características das pulsões.

São eles meta (Drang), meta (Ziel), objeto (Objekt) e fonte (Quelle) da pulsão. A pressão, de acordo com Freud, é o “(...) elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho que ele representa. (...)” (Freud 1915, p. 42), ou seja, como dito acima, a pulsão sempre imprime movimento, e o aspecto responsável por esse movimento da pulsão é a pressão. Essa pressão pode ser inclusive relacionada às pulsões com uma meta passiva.

A meta de uma pulsão “(...) é sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte (...)” (Freud, 1915, p. 43). Essa satisfação pode acontecer através de diversos modos e caminhos e existem pulsões que são inibidas quanto à meta, no qual Freud dirá que, mesmo inibidas ou desviadas, no indivíduo a satisfação acontece por desvio de sua meta. O objeto da pulsão “(...) é aquele com o qual ou pelo qual o instinto pode alcançar a sua meta (...)” (Freud 1915, p. 43) Poderíamos dizer que é o instrumento pelo qual a pulsão realiza a sua meta e obtém a satisfação. Esse é o objeto, é o que há de mais variável na pulsão. Ela pode satisfazer-se com inúmeros objetos diferentes. Um mesmo objeto pode satisfazer a várias pulsões, assim como uma pulsão pode ser satisfeita através de vários objetos diferentes. Assim como, há pulsões que se entrelaçam a um determinado objeto, produzindo o que Freud chamou de fixação. E o último aspecto é a fonte. De acordo com o autor, ela é “(...) o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo. (...)” (Freud 1915, p. 43) Não há muito a se dizer da fonte da pulsão. Freud diz não

saber se ela é composta especificamente de natureza química ou mecânica e diz que os estudos a respeito das fontes pulsionais não são de interesse da psicologia neste momento.

Sobre os grupos de pulsões, Freud estabelece neste texto que são dois. As pulsões sexuais e as pulsões do Eu, ou de autoconservação. Segundo ele, essa diferenciação, que já falamos anteriormente, ela é baseada nas afecções encontradas em seus pacientes na clínica, que traziam em seus relatos conflitos relacionados entre o Eu e a sexualidade. Ele deixa o caminho aberto, porém, no caso de estudos de novas afecções e neuroses, pode haver uma nova configuração desses grupos de pulsões. Continuando a classificação geral, ele afirma que as pulsões são múltiplas, sua meta é sempre “(...) atingir é o prazer do órgão (...)” (Freud, 1915, p. 46) e somente depois de uma síntese é que elas desempenham a função reprodutiva. Freud nesse momento do texto sinaliza sobre o apoio. Vejamos:

Ao aparecer, apoiam-se inicialmente nos instintos de conservação, dos quais se desligam apenas aos poucos, e seguem também na busca de objeto os caminhos que lhes mostram os instintos do Eu. Uma parte deles permanece a vida inteira associada aos instintos do Eu, dotando-os de componentes libidinais, que na função normal são facilmente ignorados, e apenas quando há doença surgem claramente. (Freud, 1915, p. 46).

Sobre essa questão do apoio, Freud afirma inicialmente que as pulsões sexuais aparecem ligadas às do Eu, às funções corporais, por exemplo. Apenas mais tarde elas desligam-se e ligam-se às suas próprias metas. Algumas, como dito na citação acima, permanecem ainda ligadas a elas. Essa noção de apoio em Freud será de grande importância para autores como Laplanche, por exemplo, que contribuirão a respeito do conceito de sublimação. O autor referido acima explora bastante essa noção de apoio e das vias de influência recíproca apresentadas por Freud nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) para tratar da sublimação.

Em Freud, a partir do texto citado acima, essas aparecem como vias que têm uma circulação dupla, o que faz com que a meta de uma pulsão possa ser deslocada da descarga sexual para uma meta não sexual e vice-versa. Não trataremos detalhadamente aqui neste momento sobre essa questão, mas é importante que ela seja aqui sinalizada⁵.

Para finalizar nossa busca vejamos agora os destinos possíveis da pulsão. Segundo Freud, a pulsão pode reverter-se em seu contrário, voltar-se contra a própria pessoa, ser recalçada e ser sublimada. Sobre a parcela da pulsão que segue o destino do recalque, Freud trata em um texto específico. Basicamente, o recalque, nesse momento da obra de Freud, é separação entre a energia e a representação de uma pulsão. A representação, por ter um conteúdo que é intolerável ao Eu, é recalçada ao inconsciente e a energia libidinal permanece desligada no aparelho

psíquico, buscando a satisfação por meio de processos substitutivos como o sintoma, causa do mal estar do indivíduo.

Já a reversão é outro destino da pulsão referente à meta que transformar-se de ativa para passiva e vice-versa, como no sadismo, no masoquismo, no ver e ser visto e na inversão de conteúdo, ou no caso da transformação de amor em ódio e vice-versa. O retorno contra a própria pessoa acontece na concepção de sadismo e masoquismo de Freud, nesse momento de sua obra ele acredita que o masoquismo é o sadomasoquismo voltado contra o próprio Eu. O *voyerismo* é a pulsão de ver também voltada ao próprio Eu, porém, sabemos que em textos posteriores, esses conceitos passarão por algumas transformações, Freud após a conceituação da pulsão de morte, passa a considerar a existência de um masoquismo primário, por exemplo.

Para além das informações apresentadas no nosso percurso sabemos que Freud elabora um texto específico destinado à sublimação, no entanto esse trabalho não foi encontrado, existem algumas especulações a respeito de sua possível perda ou que foi destruído. O caso é que precisamos buscar mais informações sobre a sublimação.

Nesse sentido passaremos a ver como esse conceito se transforma. A partir do momento em que Freud postula a existência da pulsão de morte há uma reformulação do seu dualismo pulsional no texto de 1920, denominado “Além do princípio de prazer” (1920).

2.2.2 - A sublimação após o segundo dualismo pulsional

Esse tópico pretende situar a sublimação em Freud a partir do segundo dualismo pulsional a partir da obra: “O Eu e o Id” (1923). Esta obra também representa um ponto de virada como um todo para as formulações freudianas. É no segundo dualismo pulsional que se articulam as pulsões de vida e as pulsões de morte, ele percebe que alguns mecanismos do aparelho psíquico não se comportam da mesma maneira que antes. Com a pulsão de morte vê-se que existe algo que está além do princípio do prazer, o que vigora até. Faz-se, então, necessário pensar de que maneira o indivíduo busca um desprazer ao invés do prazer.

Freud lançou mão da pulsão de morte, mas foi necessário desenvolver por meio de argumentos metapsicológicos seu funcionamento. Para isso questiona se existiria uma instância responsável pela autopunição. Nessa direção vai apostar em duas instâncias importantes: o Ideal do Eu e o Supereu. Não são somente elas que fazem parte desse arcabouço da segunda tópica, mas também, o Eu e o Id (ou Isso). Vejamos resumidamente como essa trama da segunda tópica se desenrola.

Inicialmente esclareceremos sobre a noção do Id ou Isso. Ele é a instância sede das pulsões e é totalmente inconsciente no sentido adjetivo da palavra. Freud dirá sobre isso, que o

indivíduo em um primeiro momento é inteiramente um Id psíquico. Junto ao Id serão incluídos outros conteúdos recalçados, tanto do recalque originário, quanto aquilo que virá a ser recalçado depois. Além do recalçado, uma parte desse Id, que está localizada no aparelho psíquico, transforma-se em Eu, em contato com o mundo externo.

O Eu, parte inconsciente e parte consciente, inicialmente tem a função de lidar com os estímulos pulsionais do Id e com as demandas do mundo externo, busca uma possível conciliação entre o princípio do prazer que vigora sem reservas no Id e a realidade. O Eu tenta impor-se aos estímulos internos, ou pelo menos negociar. Temos a relação Id e Eu. E o Supereu? Como ele se forma no indivíduo?

A formação do Supereu é uma das consequências da passagem pelo Complexo de Édipo. Antes, porém, de falarmos deste conceito precisamos dizer mais sobre os conceitos de Eu Ideal e de Ideal do Eu. O primeiro é consequência do narcisismo primário. A criança é tratada pela mãe e por outras pessoas em torno dela como um ser especial, merecedora de todo o amor e carinho. Torna-se, como diz Freud, “sua majestade, o bebê”. Ela acredita ser uma com o corpo da mãe, uma só criatura com ela, objeto único e exclusivo do desejo dela. Esse Eu desejado, especial, amado, é o Eu Ideal. Com o tempo, a criança percebe que a mãe não tem olhos apenas para ela, mas também para o pai. Algo dessa idealização de si é quebrado.

A criança percebe que esse Eu anterior já não mais se sustenta, tem furos. Ela percebe que o pai é desejado pela mãe e passa a idealizá-lo, a buscar uma identificação com esse pai, com seus atributos, com a imagem dele. Essa imagem do pai criada a partir das fantasias da criança, que são nada mais do que a maneira como ela o enxerga formam o Ideal do Eu. Esse Ideal do Eu formado a partir do externo. A criança não é pai, a mãe não pertence a ela, mas ela pode tentar assintoticamente ser parecida com o pai, para que ela seja novamente desejada como objeto único e exclusivo de desejo pela mãe como ela pensava ser anteriormente em suas fantasias.

O Supereu é uma instância crítica, que se forma a partir do Eu, mas a partir da parte inconsciente do Eu, próximo ao Id. Possui, por consequência, a mesma ferocidade do Id em cumprir as demandas. Ele é responsável por medir a aproximação ou distanciamento do Eu em relação ao Ideal do Eu. Quanto mais o Eu se distancia do Ideal do Eu, de forma mais feroz o Supereu irá punir o indivíduo com o sentimento de culpa inconsciente. Uma questão importante a ser pontuada aqui é que por mais que na descrição do Complexo de Édipo em Freud pareça que o pai se comporta como o “vilão da história”, que é odiado pela criança, ele também é amado por ela.

O pai também é objeto de amor e desejo da criança. A criança, porém, não sabe como processar bem essa ambivalência de sentimentos pelo pai e, como uma saída, faz a escolha de buscar identificar-se como foi dito acima. É a partir dessa identificação com o pai que

aprofundaremos a noção de sublimação. O Eu, para ser amado, assume os traços do objeto, assume os traços do pai. Vejamos como são, para Freud, as consequências desse processo:

(...) Se o Eu assume os traços do objeto, como que se oferece ele próprio ao Id como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda, dizendo: "Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto". A transformação da libido objetual em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação. E surge mesmo a questão, digna de um tratamento mais aprofundado, de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetual sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta.(...) (Freud, 1923, p.37).

A partir daí, da identificação paterna, podemos em Freud falar a respeito da sublimação. O Eu, em busca de sentir-se novamente amado como antes assume, os traços do objeto. A libido, que antes estava destinada ao objeto, muda de destino e passa a ser destinada a si mesmo, já que o Eu agora está parecido com o objeto. Essa libido passa de libido objetual para libido narcísica, ou seja, libido retornada para o Eu. Mesmo sendo libido narcísica, ou seja, estando investida no narcisismo do indivíduo, essa libido é de natureza sexual. Vimos em relação a isso que Freud aloca as pulsões de autoconservação ou do Eu para o rol das pulsões de vida, que são sexuais.

Essa energia sexual, agora dirigida para o Eu, é deslocada para fora, para outros objetos e se comporta de maneira diferente. Os investimentos realizados não serão mais de cunho sexual com a mudança da meta, inibida, não há descarga direta. Na atividade sublimatória, por mais que na sua base esteja uma pulsão sexual, é uma atividade voltada para o não-sexual. O critério de escolha e como serão essas atividades sublimatórias dependerá de questões éticas do indivíduo e da sua relação com os seus ideais.

Outro ponto importante a respeito da sublimação é a sua relação com o segundo dualismo pulsional, ou seja, com as pulsões de morte e as pulsões de vida. A partir do momento em que descobrimos que o processo de sublimação consiste em uma dessexualização da libido objetual em libido do Eu após este eu identificar-se com os objetos, surge uma consequência que não pode ser deixada de lado. É a questão da disjunção pulsional.

(...) Parece que também ocorre, numa tal transformação, uma disjunção instintual. O componente erótico não mais tem a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. (...) (Freud 1923, p. 68-69).

É um problema que se coloca, pois essa disjunção pulsional pode implicar em um perecimento do Eu, do indivíduo. A partir do momento em que parte da libido é dessexualizada,

uma parte da pulsão de morte que estava nela amalgamada se desfusão, ou seja, fica livre no aparelho psíquico e pode ser destinada à agressão. Essa questão da desfusão ou disjunção pulsional ajuda-nos a refletir sobre a capacidade de sublimação de cada indivíduo. Qual seria a medida ideal ou a medida possível de sublimação de cada um? Freud em a “Moral sexual civilizada e o nervosismo moderno” (1909) já dizia que esse processo de sublimação possui um limite, já que o organismo necessita de uma descarga sexual direta. Como podemos entender melhor essa questão?

Acreditamos que uma possível resposta a esse problema poderia estar no Eu. Vejamos com Freud. “(...) A fim de prestar esse auxílio, [o Eu] teve de encher-se ele próprio de libido; com isso torna-se representante de Eros, e quer então viver e ser amado. (...)” (Freud. 1923, 71). O Eu, para ser amado, identifica-se ao objeto de desejo do Id e torna-se um reservatório de libido agora narcísica, dessexualizada. O próximo passo, que seria a sublimação propriamente dita, seria o deslocamento dessa libido dessexualizada no Eu agora para outros objetos que possuem um caráter também não sexual. O ponto que determina se o Eu tem risco de perecer ou não por causa das pulsões de morte desfusionadas é o equilíbrio entre a quantidade de libido no Eu e nos objetos.

É necessário haver um balanceamento para que as pulsões de vida tenham capacidade de lutar com as pulsões de morte desfusionadas na proteção do Eu. Digamos assim que o que determina a capacidade de sublimação de cada indivíduo é o tamanho do Eu, ou seja, a quantidade de libido que ele possui em si, sendo um reservatório. Se há um excesso de sublimação resultando em um empobrecimento do Eu, o indivíduo pode adoecer. Esse mesmo equilíbrio da quantidade e libido no Eu se faz necessário não apenas para o processo de sublimação, mas também para os investimentos objetivos de caráter sexual.

Antes de terminarmos esse percurso na obra de Freud falaremos da importância da sublimação para que os indivíduos possam lidar com o mal estar na cultura. Esse uso da sublimação é importante para a finalidade do nosso trabalho, pois investigaremos como a sublimação através da escrita desempenhou um auxílio a Luís da Silva na obra “Angústia” de Graciliano Ramos. A sublimação auxilia tanto a dar com o mal-estar interior, como também no mal-estar exterior como vemos abaixo.

O último texto de Freud para abordar a temática da sublimação é “O mal-estar na civilização” (1930). Nele Freud trata de questões-chaves sobre a vida do indivíduo em cultura. Vale destacar que existe nesse campo um problema, cultura tem o papel de auxiliar os seres humanos a lidarem com o mal-estar, ou seja, para que eles lidem melhor com as catástrofes, as dificuldades da vida, a morte, ela dita as regras de convivência para que não haja um estado de selvageria onde todos se voltem contra todos. O caso, porém, é que a cultura, mesmo buscando

esses objetivos de um bem-viver para os seres humanos, gera mal-estar para os indivíduos. Não se pode conceber uma vida que não seja dentro do aparato cultural, mas viver nele, como vimos no capítulo 1, implica a necessidade de fazer várias renúncias pulsionais, se privar e se frustrar da realização de vários desejos, da satisfação pulsional direta. Esse é o mal-estar no âmbito cultural.

Temos no mal-estar, do ponto de vista individual, o desamparo psíquico. O protótipo do desamparo é a situação do bebê quando nasce e está sem as competências necessárias para realizar ações específicas e lidar com o aumento das tensões. É preciso de um adulto cuidando para que esse bebê não definho. Derivado do desamparo infantil temos o desamparo psíquico, que Freud apresenta como a perda de amor, ou perda de amor do pai, do Supereu. “(...) Podemos enxergá-lo no desamparo e na dependência dos outros, e a melhor designação para ele seria medo da perda do amor. (...)” (Freud 1930, p. 60) O desamparo psíquico, que é esse medo da perda de amor do supereu, se manifesta através da angústia, do aumento das tensões e, são essas tensões sexuais ou agressivas, que o indivíduo precisa lidar.

A sublimação aparece assim, como uma das maneiras de lidar com o desamparo. Apesar de limitada, é uma das mais elevadas, de acordo com Freud. “(...) A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo. A sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda. (...)” (Freud 1930, p. 24). Já que, em várias situações da vida em cultura somos obrigados a renunciar às nossas pulsões em prol de uma convivência com o outro, que possui um papel importante para a nossa sobrevivência, por causa do desamparo, sublimar e produzir algo que seja reconhecido como elevado de acordo com os parâmetros da cultura pode ser uma maneira alternativa à satisfação ou descarga direta.

A energia pulsional que estava sem finalidade e precisa de um destino pode obter um meio de satisfação, ainda que não seja uma descarga direta pode livrar o indivíduo, mesmo que de forma limitada, do aumento das tensões, diminuindo o mal-estar. É importante salientar, como falamos em momentos anteriores desse texto, que a sublimação possui limites, assim como seus benefícios para a vida na cultura. Vejamos: “(...) A fraqueza desse método, porém, está em não ser de aplicação geral, no fato de poucos lhe terem acesso. Ele pressupõe talentos e disposições especiais, que não se acham presentes em medida eficaz.” (...) (Freud 1930, p. 24).

A questão econômica/ metapsicológica mostra que há a necessidade dos indivíduos de terem a libido disponível no Eu, para poder deslocá-la para a atividade sublimatória. Todos precisam de certa quantidade de satisfação direta para podermos viver, não podendo apenas sublimar, em prol da sua saúde psíquica. Portanto, a respeito dos limites do método da sublimação é preciso ter talento para algo. É preciso saber fazer alguma coisa para que essa atividade seja investida com a energia libidinal.

Faz-se importante salientar aqui que Freud diz isso em razão dos protótipos de sublimação que ele analisa: a atividade religiosa, a arte e a pesquisa científica. É preciso refletir se esses modelos são os únicos que podem ser ditos sublimatórios, ou seja, se existem mais formas de atividades nas quais os indivíduos podem investir sua libido sexual para obter um resultado não sexual e, em consequência, sublimar, lidar melhor com seu desamparo e realizar uma produção cultural.

Vejamos outro ponto: “(...) Também a esses poucos ele não pode assegurar completa proteção do sofrimento, não lhes proporciona um escudo impenetrável aos dardos do destino e costuma falhar, quando o próprio corpo é a fonte do sofrer. (...)” (Freud 1930, p. 24) A questão do corpo como fonte de sofrimento é um fator de peso na questão da eficácia da sublimação. O adoecimento do corpo é uma realidade do ser humano e pode impossibilitar a realização de determinadas atividades. Nesse caso, a sublimação não pode realizar muito em favor do indivíduo.

Para finalizar esse capítulo pontuamos sobre a felicidade. “(...) podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha no plano da “Criação”. (...)” (Freud 1930, p.21). O objetivo *de* “O mal-estar na cultura” (1930) é mostrar que o mal-estar é inerente a todos os indivíduos. Seja no âmbito individual do desamparo, em que precisamos do auxílio do outro e somos levados a criar vínculos e a desejar, seja no âmbito coletivo, das relações e instituições culturais, que, mesmo tendo a função de nos proteger, geram mal-estar e infelicidade.

Como diz a citação, não é possível a felicidade, a não ser em caráter episódico, vivendo em cultura, e, muito menos fora dela. Talvez fora dela não seja nem possível a vida, pensando de modo hipotético. A sublimação promove uma forma de lidar com o mal-estar, porém, é uma forma paliativa. Dizer que é paliativa, contudo, não quer dizer que não seja importante nem que não seja necessária. Freud mesmo afirma que os únicos meios que temos são essas construções auxiliares.

Passemos agora, no capítulo 3 para obra literária que analisaremos: “Angústia” de Graciliano Ramos: seu contexto, suas implicações psicanalíticas e como a noção de sublimação pode servir para a análise.

CAPÍTULO 3

A obra “Angústia” de Graciliano Ramos e a sublimação pela escrita

3.1 – O modernismo e o contexto da obra

Nesse capítulo faremos em um primeiro momento um breve histórico da obra literária “Angústia” publicada por Graciliano em 1936, em um segundo, uma investigação sobre as possíveis implicações dos fundamentos da psicanálise com o romance. É importante relatar que a publicação do livro foi realizada por mãos de outra pessoa, pois o autor tinha acabado de ser preso pela política ditatorial do presidente Getúlio Vargas. Nessa época, década de 30, estavam ocorrendo muitas transformações políticas e sociais no mundo e no Brasil. Como coloca Rangel:

A década de 1930 significou um marco na história brasileira por representar um período de incertezas e de instabilidade nos âmbitos político, econômico e social em meio a tentativa de legitimação do novo regime político, a ascensão da burguesia industrial, ao crescimento do proletário urbano e suas reivindicações, tendo como aliados os trabalhadores rurais. Diante deste quadro, o governo concentrava poderes e agia com morosidade na implantação de um regime constitucional democrático. (Rangel 2017, p. 40).

Esse período trouxe a mudanças muito acentuadas no nordeste brasileiro: o declínio das fazendas de engenho, o empobrecimento dos fazendeiros, a abolição da escravatura. A única possibilidade de mão-de-obra, que era em quantidades baixíssimas, passou a ser nas cidades, por isso o crescimento do proletariado urbano. Nesse momento também há um crescimento da burguesia nacional e a sua influência. Em meio a essas transformações os miseráveis tentavam se encaixar em alguma forma de sobrevivência. Aqueles que não conseguiam se encaixar nessa nova organização social do trabalho muitos viveram de esmolas e atividades insalubres. Sob essa condição muitos seguiram o banditismo, a exemplo dos cangaceiros, que saqueavam as vilas e aldeias para sobreviver. E mesmo aqueles grupos que foram integrados de alguma forma ao mercado de trabalho, viveram em condições de pobreza em um cenário de condição de melhora apenas pra quem pertencia à burguesia industrial, do comércio e outros setores elitizados. É nesse contexto que vários autores que escrevem romances caracterizados pela “geração de 30”. Nas palavras de Valadão:

Nos romances de 1930, os protagonistas eram geralmente os últimos herdeiros desta estrutura familiar e econômica que perdurou por muito tempo. Na maioria das vezes, são personagens que sofrem as consequências desta transformação socioeconômica pela qual

passava o nordeste brasileiro, sendo sujeitos jogados numa sociedade que se modernizava rapidamente, e que não conseguiam se adaptar aos novos modos de vida de uma sociedade modernizante. Muito se fala da importância dos escritores dos anos de 1930 no Brasil, porque eles de certa forma acabaram denunciando os problemas pelos quais muitas pessoas passavam naqueles tempos de incertezas. (...) (Valadão 206, p. 105).

O cenário, dos romances da década de 30, retrata de algum modo os acontecimentos históricos do período, as obras denunciam a realidade. Luís da Silva personagem principal era herdeiro da fazenda de escravos do avô que faliu, assim como ele, os personagens de vários outros romancistas dessa época eram herdeiros da estrutura econômica antiga de coronelismo. Nesse sistema, que era o dos antepassados de Luís, os grandes fazendeiros tinham grande influência na sociedade. Essa influência estava presente desde o campo econômico, o campo da política e até mesmo o campo da lei.

Os herdeiros desse sistema que fracassa não estavam acostumados à estrutura moderna que ali se formava. E essa modernização também estava acontecendo de maneira abrupta, o que trouxe dificuldades para os fazendeiros. Eram tempos de muita incerteza, miséria, fracasso, pobreza para grande parte da população. Os romances dessa fase da década de 1930 trouxeram “(...) obras que se aproximavam do “documentário social” pelo fato de salientarem “uma região sacrificada pelas desigualdades do modelo de desenvolvimento capitalista em implantação no país”. (Rangel 2017, p. 45).

É nesse contexto descrito acima que se insere o autor Graciliano Ramos e a sua obra “Angústia”. O autor não escreveu apenas a referida obra, mas outras igualmente importantes como São Bernardo (1934), Vidas Secas (1938), Caetés (1933) e outras. Nasceu em uma pequena cidade do estado de Alagoas, chamada Quebrângulo em 1892, faleceu em 1953. Foi um escritor “cujas obras de ficção retratam a realidade numa perspectiva característica do romance realista, trabalhando com um conceito caro à teoria da literatura: a questão da verossimilhança, ou da mimeses.” (Valadão 206, p. 105). E não é apenas em “Angústia”, mas na maior parte de suas obras, o escritor denuncia as questões sociais de sua época.

Destacamos que na narrativa do autor é frequente o aparecimento da crítica aos modos de produção capitalista, que estava se reconfigurando. O autor trata sempre das relações de exploração, exclusão e opressão sobre os “subalternos”. Indivíduos fraturados, com grandes desejos e aspirações, mas conformados, impotentes. O foco dos seus romances está voltado para “(...) os desfavorecidos dentro da esfera capitalista. Seus protagonistas sempre vivem à margem da sociedade e em ambientes marcados pela miséria, seja no plano material quanto no psicológico. (...)” (Valadão 206, p. 106).

Outro aspecto importante a respeito do romance “Angústia” é seu pertencimento à escola modernista brasileira. O modernismo brasileiro, que teve seu ponto de partida na Semana de Arte Moderna em 1922 em São Paulo, traz uma nova forma de enxergar o homem e a sociedade. O modernismo propõe novas concepções sobre a identidade nacional com a negação de perspectivas tradicionais e engloba aspectos do processo moderno das chamadas vanguardas. O movimento denominado de “Antropofagia” alimentou-se da modernidade cultural para romper com o tradicional na arte, trazer “progresso”, efervescente mundialmente. Em especial as influências modernas vieram pelas vanguardas europeias, e a partir da arte o movimento pôde criticar e repensar a ideia de Brasil.

Os modernistas se preocuparam não só em reproduzir ideias de inovação externos à nossa realidade, mas preocuparam-se com a constituição da nossa própria identidade na relação com a realidade cultural, histórica e social brasileiras. Ao invés de exaltar aspectos de fora, os artistas modernos propunham exibir e exaltar a realidade brasileira e todas as suas peculiaridades, suas riquezas e sua realidade. Aparecem nesse momento da arte nacional inclusive, elementos anteriormente exaltados, mas de outro modo, como o índio, a natureza brasileira, o jeito de ser e viver do nosso país, articuladas essas raízes culturais históricas com a maneira de ver o mundo, reelaborado pelos modernos.

Outro aspecto importante é que houve também uma mudança no uso linguagem. A linguagem coloquial, os arranjos de palavras e a criatividade para além do uso padrão da língua foram usados para a expressão artística. Os temas passaram a ser discutidos sobre a realidade do homem na cultura brasileira bem como a relação desse homem com a sociedade:

O Modernismo significou uma aproximação com as raízes brasileiras inseridas em uma nova concepção de mundo e de homem por meio da análise crítica da relação do homem com a sociedade, abrangendo novos temas, recorrendo ao uso da linguagem coloquial, à sátira e ao humor. Fatos estes que romperam com as normas e técnicas de criação artística pré- estabelecidas. (...) (Rangel 2017, p. 42- 43).

Vale ressaltar que a expressão artística nacional que o Modernismo busca esteve na pintura, nas artes plásticas, e também na literatura. Além de Graciliano Ramos, vários outros autores escreveram obras importantes com esse cunho de crítica social e denúncia em relação à opressão sofrida pelos regimes políticos, em relação à pobreza e à miséria da terra. Romancistas como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érico Veríssimo foram também grandes expoentes dessa segunda fase do período moderno na literatura brasileira, contexto em que se insere o livro “Angústia”:

(...) Angústia (1936) insere-se em uma fase da literatura nacional denominada de “era do romance brasileiro” – entre os anos de 1930 e 1940 – período que revelou grandes

romancistas brasileiros cujas produções apresentam técnicas novas de composição, uma forma diferente de representação da realidade, uma denúncia social com vistas a discutir a realidade do país, e que reforçou a relação viva dos homens com o mundo.“ (Rangel 2017, p. 61-62)

Inserido no contexto do Modernismo brasileiro, “Angústia” é uma obra híbrida do ponto de vista estético – literário que apresenta características distintas dentro da mesma obra. “(...) de um lado, a obra é representação ‘fiel’ de um mundo pobre e decadente, por outro, é também representação deformada, quase caricatural, aos moldes da pintura expressionista, deste mesmo mundo que cerca o narrador-personagem.” (Valadão 206, p. 106). O comentador afirma que essa deformação expressionista parece dar causa da situação sócia - psicológica do narrador. Ele ainda afirma a respeito do expressionismo em “Angústia”:

Em Angústia, o nível de fracasso parece ser muito mais elevado do que nos outros romances da mesma geração. Muito pela carga emocional extremamente negativa que o personagem Luís da Silva apresenta. O sentimento de frustração que ele alimenta faz com que tenha ódio de si mesmo e de todas as coisas que o rodeiam. E será, justamente nessas situações de desespero, ódio e negação dos desejos, que os traços estéticos do Expressionismo se apresentarão no romance. (...) (Valadão 206, p. 106).

Esses traços de deformação característicos do expressionismo aparecem em várias das descrições dos personagens da história de Luís da Silva. Dona Adélia, a vizinha e mãe de Marina gorda e mole, Julião Tavares com voz oleosa, a cara gorda, cheia de pelancas e espaçoso como um pavão, Marina com os cabelos de fogo, os pés inchados do cadáver de Camilo Pereira da Silva, etc.. E não eram apenas as personagens, mas Luís enxergava a realidade de forma deformada, a partir de suas emoções, seu sentimento de frustração e impotência. No último capítulo depois que o crime é cometido aparecem crises emocionais, tudo se deforma, semelhante às figuras vindas do Surrealismo. A linguagem na sua descrição também torna-se fragmentada:

Em várias partes da narrativa, existem esses tipos de descrições, em que as coisas se misturam e formam figuras grotescas. Neste caso, assemelham-se bastante com o estilo dos artistas, principalmente, os pintores, do Expressionismo. Não podemos descartar ainda a proximidade que tais descrições e imagens que aparecem no romance Angústia têm com as figuras oníricas de pintores e poetas surrealistas. Essa aproximação com o Surrealismo parece evidente no último capítulo da obra, no qual o personagem, num processo de memorização, mistura fatos do passado com o presente, visualizando personagens soltos que surgem em sua frente.” (Valadão 206, p. 107).

Vejamos como a história se desenrola. Luís da Silva é neto de um coronel, dono de uma decadente fazenda de escravos no interior do Alagoas no final do séc. XIX e início do século XX.

Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva tinha grande autoridade na vila que ficava ao redor da Fazenda. Seu filho, Camilo Pereira da Silva, pai de Luís, se dedicava apenas à leitura e passava o dia todo na fazenda, levando uma vida tranquila. Não há detalhes sobre a mãe do garoto.

Com a morte do avô, pai e filho vão morar na vila e abandonam a fazenda. Com a morte do pai, o filho fica sozinho no mundo, vagueia por todo o estado à procura de esmolas para a sua sobrevivência e, por volta dos seus trinta anos, consegue um emprego em uma repartição pública e nas horas vagas trabalha como escritor e jornalista e se instala em Maceió, capital do estado. Inicialmente mora em uma pensão insalubre, depois aluga uma casa onde tem uma empregada chamada Vitória e recebe alguns amigos seus com quem não tinha laços muito fortes. O emprego lhe dava condições básicas para viver. Tinha no máximo algumas economias no banco.

A virada na vida de Luís se inicia quando novos vizinhos se mudam para a casa ao lado da sua. Conhece uma moça chamada Marina, de quem se enamora, fica perdidamente apaixonado. Ele pede a sua mão em casamento, ela o faz gastar todas as suas economias, entrar em dívidas para pagar o enxoval do casamento, deseja produtos caros, porém, o abandona trocando por outro mais rico, Julião Tavares, burguês, de origem abastada, veio de uma família que possui um empreendimento. Luís fica desolado com a atitude de Marina, porém, mais problemas virão. Julião a engravida e some. O senso de justiça de Luís grita em seu peito e ele decide que Julião deveria morrer. Em um determinado dia, ele sorrateiramente o segue e enforca-o com uma corda pelas costas. Faz com que o crime se passe por um suicídio amarrando o cadáver em um galho de árvore e ninguém descobre. Luís não foi punido pela justiça da cidade, foi punido por sua consciência. Ele entra em um estado de angústia tamanho que o desestrutura mentalmente.

Porém Luís encontra uma saída: a escrita. O romance é seu relato em primeira pessoa contando sua vida desde a sua infância até o momento em que escreve. Na obra aparecem seus devaneios, suas fantasias - “desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias, e cada fantasia é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” (Freud 1908, p. 231) - que são uma mediação com a realidade, sua posição nela, aspirações, dores. O exercício do personagem na obra se aproxima da regra da associação livre, em termos psicanalíticos. Em associação livre propões-se dizer o que se deseja: “dizer tudo que lhe vier à cabeça”, sem nenhum tipo de censuras ou julgamentos de que algo não seja importante.

O exercício da escrita de Luís é a nossa aposta na pesquisa de mestrado. Sugerimos que Luís, para lidar com o mal-estar da sua autocondenação e da sua inadequação ao mundo em que vivia, realizou uma atividade sublimatória.

3.2 – A obra e a psicanálise

3.2.1 - O mal-estar do sujeito dividido: o cangaceiro *versus* o urbano letrado

A partir da apresentação da narrativa é importante demarcar sobre a questão do mal-estar e retomar as contribuições da psicanálise e dos demais temas de estudos que movimentamos nos capítulos. Mostramos que Freud conceitua na sua célebre obra de 1930, “Mal estar na civilização”, que a cultura é uma soma de realizações que nos diferencia dos animais, que nos protege dos ataques da natureza sob o qual estamos desamparados e que regulam as nossas relações enquanto indivíduos que coexistem.⁶

A cultura é uma forma de lidar com o nosso desamparo, seja ele, infantil, físico ou psíquico, no caso do adulto. Esse desamparo pode ser coletivo, como em uma catástrofe da natureza que pode matar ou ferir pessoas ou pode ser um desamparo individual e interno, que para nós é sentido como angústia. Essa angústia se dá de vários modos, mas no geral se coloca como a perda do amor do Supereu.

Vimos que a cultura tem a função de fazer suplência a esse vazio que nos defrontamos, externa ou internamente, porém, é um fato que a cultura não consegue satisfazer plenamente esse objetivo. Freud mesmo afirma que a natureza ainda não foi totalmente dominada, ainda somos reféns da sua fúria, mesmo com grandes avanços realizados. Ainda não conseguimos descobrir um remédio para a morte e o nosso corpo não está livre da deterioração provocada pelo tempo.

Outro ponto é também as nossas relações com os outros seres humanos. Sempre haverá uma cota de sofrimento, pois os homens são por natureza egoístas e agressivos e haverá sempre conflito. É importante lembrar que esses valores de agressividade e egoísmo existem a partir de uma leitura do ser humano realizada sob o ponto de vista da cultura. É preciso, contudo salientar que, por mais que ainda haja esses problemas, não será fora da cultura que eles se resolverão. Baseado nessa premissa que os homens são agressivos e egoístas naturalmente, uma das funções que a cultura promove é a regulação das relações entre eles. E como seria essa regulação?

A Kultur se revela assim edificada sobre a renúncia pulsional, sobre a não-satisfação, sobre a repressão (*Unterdrückung*) e o recalçamento (*Verdrängung*) das pulsões. Compreende-se que o “mal estar” e mesmo as formas mais graves de conflito entre o indivíduo e a cultura sejam sempre possíveis. (Le Rider, 2002, p. 109. Grifos do autor).

Essa regulação é realizada por meio da renúncia pulsional e o recalçamento. Freud vai dizer que existem determinadas pulsões no indivíduo que não podem ter satisfação sob pena de

que a cultura seja destruída. As pulsões mais básicas que precisam ser recalçadas são o incesto, a pulsão de matar e o canibalismo. Existem várias outras que daí derivam e que precisam ser renunciadas para o bem do coletivo e sua sobrevivência. O caso é que essa renúncia pulsional tem um preço para os indivíduos.

O preço de viver em cultura, já que não há vida fora dela, é o mal-estar, o sofrimento da neurose, a angústia e a culpa. Pela privação da agressividade contra os outros e contra os mandamentos da cultura, e também pela privação de dar vazão aos seus desejos sexuais, o ser humano desloca para si mesmo a agressividade que teria vazão no mundo externo e isso gera grandes problemas à sua economia psíquica.

Com base nessa breve recapitulação a respeito da cultura e do mal-estar que percorremos com mais detalhes no primeiro capítulo deste trabalho vamos tratar sobre Luís da Silva e sua posição em relação ao mal-estar como consequência da vida em cultura. Antônio Cândido, estudioso da literatura brasileira, ao falar de Luís da Silva, diz que:

(...) ele é por excelência o selvagem, o bicho, escondido na pele dum burguês medíocre.
(...) Passam a colidir no mesmo indivíduo um ser social, ligado à necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado contra elas, inadaptado, vendo a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo. Daí a incapacidade de viver normalmente e o nascimento do senso de culpa, ou autonegação. (Cândido 2006, p. 114).

Para Cândido, Luís da Silva é um homem dividido. É selvagem, agressivo, potencialmente assassino, bruto. Porém para poder sobreviver teve que se adaptar às condições da cidade e da nova lógica em que estava inserido morando em Maceió. Nessa lógica burguesa vigorava a lei jurídica diferentemente da lógica da vila e da fazenda do avô, onde passara a sua infância. A nosso ver, Luís era no fundo agressivo, selvagem e assassino como José Baía, queria driblar a lei e se posicionar como mandatário dela como seu avô Trajano, que desobedecera a ordem de prisão do delegado contra o seu amigo cangaceiro e derrubou a cadeia, que tinha relações extraconjugais com as mulheres escravizadas e que tratava Sinhá Germana como um objeto que deveria estar à disposição para amá-lo no momento em que ele quisesse.

Ele tenta adaptar-se. Traja-se como um cidadão respeitável, tem um trabalho na repartição e no jornal e ainda escreve para pessoas de fora que o solicitam, porém, se sente inadaptado. Não consegue atender aos seus desejos conforme a sua natureza, ser verdadeiramente um homem como ele diz forte, ativo, envolto com as mulheres e, ao mesmo tempo, não consegue se adequar totalmente aos costumes da sociedade urbana e burguesa a que pertence.

Vejamos como ele descreve a sua estada no café onde sempre estão presentes os grupos considerados da elite da cidade, como os empresários, literatos, homens da lei e outros. “Os olhos

estão quase invisíveis por baixo da aba do chapéu, e uma folha da porta oculta-me o corpo. Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem.” (Ramos 1936, p. 29). Seu lugar no café, junto com Moisés e Pimentel, é um cantinho apertado e desprezado por todos e fica na entrada. Todos que passam apertam suas pernas e ele tem que se encolher para dar espaço. Descreve-se como um sujeito magro, feio, nariz grosso, as suas palavras e que não é digno de um lugar junto às outras pessoas. Um percevejo social, como ele mesmo diz na citação, uma criaturinha insignificante. Luís é fragmentado, dividido, como diz Leonardo Almeida Filho:

Luís da Silva é o que é, um narrador torturado, fragmentado e obsessivo, em conflito permanente consigo e com os outros, pela sua incapacidade em adequar-se ao sistema social que o envolve. (...) um Supereu rígido e vigilante, que o faz sentir-se inferior a tudo e a todos, portador de uma tristeza profunda e uma descrença mórbida quanto ao futuro. (..)(Filho 2010, p. 22).

Luís tem um supereu bastante rígido. O supereu, como vimos no primeiro capítulo, é a internalização das regras paternas e culturais. Ele é o censor que mede se o indivíduo está longe ou perto de agir conforme os seus ideais inconscientes. E é também o supereu que pune severamente o indivíduo e desloca toda a agressividade que deveria ser dispensada para o mundo externo para o Eu do próprio indivíduo. Conforme as palavras de Filho (2010) acima, Luís era torturado pelo seu próprio supereu. Fragmentado, dividido entre sua real natureza e aquilo que ele deveria ser para tornar-se um cidadão urbano respeitável.

O contrário também se aplica. O seu lado civilizado demais, influenciado desde a infância por seu pai Camilo Pereira da Silva que o ensinou o caminho da literatura, o impedia de deixar fluir livremente o seu lado animalesco e bestial. Enfim. Vivia em um grande conflito interno, que parecia não ter saídas e que o paralisava individualmente e socialmente. Leonardo Almeida Filho completa essa descrição de Luís chamando-o de homem-parafuso:

Em Angústia, a visão do mundo é perpassada por profundo mal-estar, desassossego, revolta surda e dolorida. Luís da Silva, um Quixote amargo, ressentido de sua vida comezinha e projetada na realidade, que evita encarar, a razão de sua pequenez. Sente-se um bicho que deseja ser um bípede, mas lhe é impossível atingir essa posição, pois há sempre um chefe, um padre, uma farda, um sargento invisível, um olho mau e censor atentos para castrar-lhe essa ânsia utópica e indicar-lhe sua real posição: ser um reles Luís da Silva, homem-parafuso que obedece “a uma fatalidade cega e má”. (Filho 2010, p. 22).

Ele afirma que Luís é um homem-parafuso. O parafuso é algo que está preso em uma engrenagem, precisa cumprir a sua função no lugar que ocupa na sociedade e não consegue se

mover, alterar a sua trajetória, não possui outras saídas. Está sempre nessa circularidade, gira em torno de si mesmo. Um círculo vicioso do qual não consegue sair. Ele reclama que existem vários obstáculos que o impedem de sair desse círculo vicioso de mal-estar. Luís projeta seus conflitos nas pessoas que fazem parte do seu convívio. Com o desenrolar da história ele vai condensar todos esses obstáculos na pessoa de Julião Tavares, como veremos à frente.

Tratando-se dos conflitos presentes na psique de Luís da Silva, e sobre esse mal-estar do ponto de vista individual e coletivo presente em todos os que vivem em cultura, vamos falar, mesmo que brevemente, de alguns conceitos importantes do ponto de vista psicanalítico, que são a agressividade, a sexualidade e o recalque. Vamos iniciar a respeito da agressividade. Vejamos o que Freud diz a respeito:

Portanto, em tudo o que segue me atendo ao ponto de vista de que o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, e retorno ao que afirmei antes, que a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo. (Freud, 1930/2010, pp. 90-91).

De acordo com o fundador da psicanálise, somos originalmente propensos à agressão e à destruição. A maneira pela qual lidamos com essa pulsão agressiva é determinante para a cota de mal-estar presente em nós ao vivermos em cultura. A pulsão agressiva está presente naturalmente no ser humano e é irremovível assim como a pulsão sexual, ou pulsão de vida, por exemplo.

E também vale ressaltar que a agressividade tende a se expressar, não só para o externo, mas para o próprio indivíduo. Esse é o artifício que a cultura usa para poder se manter. Ela precisa inibir ao máximo que a agressividade dos seus membros seja destinada aos outros e para si. Vejamos:

A civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem, para manter em xeque suas manifestações através de formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, daí as restrições à vida sexual e também o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, que verdadeiramente se justifica pelo fato de nada ser mais contrário à natureza humana original. Com todas as suas lidas, esse empenho da civilização não alcançou muito até agora. Ela espera prevenir os excessos mais grosseiros da violência, conferindo a si mesma o direito de praticar a violência contra os infratores, mas a lei não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana. (Freud, S. 1930/2010, p. 78).

Outro mecanismo da cultura para inibir a agressividade entre os homens e também a agressividade direcionada a ela mesma, segundo Freud, é colocar restrições à vida sexual e instigar relações amorosas de meta inibida, condiciona nesse sentido vínculos sociais entre

indivíduos e vínculos de identificação desses com a cultura ao qual fazem parte. Retomamos aqui, em nossa breve contextualização, sobre o incentivo ao "amor ao próximo como a si mesmo", incessantemente salientado nos meios religiosos e também fora deles.

Vimos que esse mandamento de amor ao próximo, de acordo com Freud, contraria essencialmente a natureza humana original e não surte totalmente o efeito desejado para a cultura, ainda que seja fomentado como um valor fundamental. O máximo que esse mecanismo pode realizar é prevenir alguns excessos, pois existem várias manifestações da agressividade natural do ser humano que são mais sutis e que a manutenção cultural não consegue acessar e monitorar.

No contexto em que cresceu Luís da Silva a agressividade tem um grande peso. Como destacamos anteriormente, vigorava a lei do mais forte. Dominavam os homens da lei, o senhor de escravos e grandes fazendeiros, os cangaceiros e selvagens, etc. A agressividade era parte do poder e ponto nodal para se falar em virilidade, em ser um homem, em ter honra e ser respeitado. É nesse sentido que articulamos a afirmação de Antônio Cândido sobre o assassinato de Julião Tavares, era uma questão de honra e virilidade espezinhada, oprimida, reprimida para Luís. “Ora, a morte deste, como vimos, é expressão de virilidade espezinhada.” (Cândido 2006, p. 53). Está representada no enforcamento de Julião Tavares a compensação por toda a humilhação sofrida, pela vida subalterna que levou e foi condicionado a viver, pela abjeção de si, por ter sido um Luís da Silva qualquer. Agora seria um homem.

(...) Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessava os miolos. (...) Necessário que ele morresse. Julião Tavares cortado em pedaços, como o moleque da história que seu Ramalho contava. Logo me aborrecia da tortura comprida. Nojo, medo, horror ao sangue. Julião Tavares morreria violentamente e sem derramar sangue. Em sonhos ou acordado, vi-o roxo, os olhos esbugalhados a língua fora da boca. Pensei muitas vezes nos bíceps do homem acaboclado que ensinava capueira ao rapaz, no alto do Farol. Por uma aberração, imaginava que aqueles músculos eram meus. (Ramos 1936, p. 173).

Luís via a necessidade da morte de Julião também como uma questão de honra aos valores. Julião seduzia as moças pobres, prometendo-as casamento, porém, depois que tinha relações sexuais com elas, as abandonava. Muitas delas, inclusive eram deixadas grávidas, como foi o caso de Marina. O protagonista faz um paralelo entre Julião Tavares e um moleque que era escravo de uma fazenda e que foi punido com a morte por “deflorar” a filha do seu senhor. Ele ouviu essa história de Seu Ramalho, seu vizinho e pai de Marina. Então segundo a história do vizinho de Luís e pai de Marina, o rapaz teve várias partes do corpo cortadas, inclusive os seus

genitais. Estes genitais cortados foram introduzidos em sua boca enquanto ele agonizava até a morte. Luís acreditava em seu íntimo que a punição de Julião por este deflorar Marina e abandoná-la deveria ser semelhante à do moleque, porém, sem uma longa tortura.

Enforçar o burguês seria fazer justiça, seria ser homem, ter sua honra recuperada, derramar sangue seria sentir-se forte, imaginar que os músculos dos capatazes que puniram o jovem eram seus. “(...) Se eu fosse um cangaceiro sertanejo e encontrasse Julião Tavares numa estrada, meter-me-ia com ele na capueira e imprimir-lhe-ia no focinho, com ferro, algumas das letras brancas que lhe apareciam na pele e na roupa. (...)” (Ramos 1936, p. 190). Sua fantasia era fazer como os cangaceiros faziam. Ir para o confronto aberto impor-se a Julião, mostrar a todos a sua força e a reconquista de sua honra perdida com a traição recebida de Marina ao trocá-lo por Julião.

Luís, porém, não conseguiu realizar essa vontade. Não estava pronto para esse tipo de enfrentamento. Não conseguia dar a cara a tapa em público assim como os da sua época de infância faziam. Não tinha cacife suficiente para peitar a opinião pública e nem as leis da cidade. Mesmo que tivesse dentro de si o imperativo de matar o burguês Julião Tavares, não o faria abertamente. Ele ainda não era homem para isso. O seu recurso foi agir como José Baía, capataz da fazenda do avô, a quem admirava e respeitava. Agir silenciosamente pelas costas, na tocaia, assim como o cangaceiro fazia quando era mandado pelo avô de Luís.

Para aprofundarmos sobre a agressividade que Luís da Silva direcionou a Julião Tavares precisamos falar sobre como Luís enxergava seu oponente e enxergava a si mesmo. Perguntamos-nos o que Julião representava para ele, já que a sua presença lhe causava desconforto. Algumas passagens do relato de Luís mostram-nos o modo como ele se via e o que pensava a respeito de si mesmo. Após o primeiro encontro com Marina embaixo da mangueira do quintal percebe que ela estava mais distante dele, nesse momento ele se dirige a ela e traz para si a culpa: “A pequena estouvada não me prestava atenção. Descontentara-a provavelmente o exame da véspera. Um sujeito feio: os olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhão, o encolhimento que é mesmo uma desgraça.” (Ramos 1936, p. 42). Ele atribui a rejeição à sua aparência e ao seu modo de ser e se posicionar.

Ele não se encaixava entre os brutos, pobres e vagabundos e também não conseguia se adequar totalmente ao contexto urbano, burguês, considerado civilizado. O resultado desse desencontro é a sua postura atrapalhada, encolhida, acanhada, daquele que não consegue se posicionar e se impor. A sua aparência também não agradava, como vimos. Olhos, nariz, sorriso, tudo isso lhe incomodava e não estava aos pés de alguém que era considerado bonito, galante. Vejamos abaixo como ele enxergava Julião Tavares e como se sentia diante dele:

O outro sujeito inútil que nos apareceu era muito diferente. Gordo, bem vestido, perfumado e falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos. Em primeiro lugar o homem era bacharel, o que nos distanciava. Pimentel, forte na palavra escrita, anulava-se diante de Julião Tavares. Moisés, apesar de falar cinco línguas, emudecia. Eu, que viajei muito e sei que há doutores quartos, metia também a viola no saco. Além disso Julião Tavares tinha educação diferente da nossa. Vestia casaca, freqüentava os bailes da Associação Comercial e era amável em demasia. Amabilidade toda na casca. (Ramos 1936, p. 58).

A princípio há muita diferença entre os dois. Julião era bem vestido, perfumado, falava bem, bem articulado, teve uma boa educação, fazia sucesso com as mulheres, era bacharel, de família rica, etc.. Luís se sentindo inferior. Os amigos de Luís, Moisés e Pimental, ambos com muito talento, também se anulavam diante do burguês. Vejamos, como ele se sentia: “(...) Horrível. Diante dele eu me sentia estúpido. Sorria, esfregava as mãos com esta covardia que a vida áspera me deu e não encontrava uma palavra para dizer. (...)” (Ramos 1936, p. 59). Sentia-se estúpido, como um animal inferior, de quatro patas e focinho no chão. Não poderia fazer nada para ter de volta Marina porque se sentia incapaz de disputar com Julião. Não se via com atributos suficientes. Não se via como um “bípede como todos os outros”:

(...) Também não é possível manter a espinha direita. O diabo tomba para a frente, e lá vou marchando como se fosse encostar as mãos no chão. Levanto-me. Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes. Um cachorro como Julião Tavares andar empertigado, e eu curvar-me para a terra, como um bicho! (...) (Ramos 1936, p. 146).

Observamos que Luís projetou em Julião características que se encaixaram como uma luva, algo de seus ideais. Todos têm parâmetros, ideais do que é ser homem, ser mulher, de características que pensamos ser necessárias. Luís tinha vários ideais construídos na infância, de forma inconsciente. No caso do nosso personagem temos o avô, aquele que tem poder, está acima da lei e usa as mulheres ao seu bel prazer. José Baía, o cangaceiro, que é forte, bruto e que mata sem medo, covardemente e sem sentir culpa e Camilo, seu pai biológico, que o inspirou aos livros e estudos, a ser um homem das letras e civilizado.

Esses ideais vão aparecer na sua história, seja de forma separada ou entrelaçada. Julião se encaixa nesses parâmetros que Luís coloca como condicionais para ser um homem. Vejamos a partir de Freud como esses ideais se articulam no inconsciente do indivíduo. Falaremos de Ideal do Eu e, mais a frente, de Supereu.

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o

indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (Freud, 1914/2010, pp. 27-28).

Na infância há muito investimento na criança de todo tipo de amor, afeto e carinho. Com o tempo ela percebe que vai sendo tratada de outra forma. Aquele Eu ideal é substituído por uma Ideal de Eu que ela tem de alcançar para na fantasia obter a mesma ou alguma satisfação daqueles investimentos. Alcançar esse ideal de Eu torna-se um imperativo na fantasia do indivíduo. Esse ideal de Eu, diferente do Eu da infância, é projetado para o externo e se articula com as exigências da cultura, da religião, da escola e outras. Não atingir esse ideal é frequente e faz com que se volte para o indivíduo o sentimentos de culpa, sentimentos inconscientes. Mas qual instância mede se o Eu está se aproximando ou se distanciando dos ideais? De acordo com Freud, é o Supereu.

(...) O Supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (...) (Freud, 1923/2011, pp. 31-32).

O supereu é formado pelo indivíduo como introjeção da lei paterna fazendo com que se desenvolvam as questões éticas e morais. É o supereu que age no recalque das pulsões que não são compatíveis com a lei e com a cultura. Por causa da sua influência, o Eu recalca a sexualidade, a agressividade, por exemplo. É ele quem metaboliza a pulsão de morte, segundo Freud. Desse modo direciona-se a cota de agressividade para o próprio indivíduo, que pune a si mesmo, por seus desejos, mesmo que estes não tenham sido realizados de fato.

O indivíduo é cindido. Por um lado estão seus desejos e pulsões e por outro estão os seus ideais que tem de tentar alcançar, o que é impossível, pois só existe realização na fantasia, segue, então, a punição do supereu, causa do extremo mal-estar. É o que vemos em Luís da Silva. Segundo Antônio Cândido, “Luís da Silva se anula pela autopunição e só consegue equilibrar-se assassinando o rival, equilíbrio precário que o deixa arrasado, mas de qualquer modo é a única maneira de afirmar-se.”(...) (Cândido 2006, p. 49).

Vemos que Luís da Silva está sempre aquém de seus ideais. A questão é que ele não lida bem com isso e se pune severamente, não se enxerga como um homem, mas como uma criatura inferior, “um bicho do mato”, feio, indigno da vida, das mulheres e de várias coisas por não se

sentir suficiente, por não ter a força bruta dos seus antepassados cangaceiros e sertanejos e nem ter o traquejo social e a desenvoltura em relacionar-se com as mulheres como Julião Tavares.

Matar Julião Tavares é na fantasia de Luís, suprimir esse ideal. Pode-se pensar aqui inclusive que não se trata apenas da perda de Marina, mas outras várias coisas estão na cena do jogo, como a tentativa de compensar a sua sexualidade que é mal articulada, a sua falta de tato para o amor, que para ele sempre foi uma experiência dolorosa, o seu desejo de se adequar, além do sistema econômico/ social que o oprime. Julião representa também os valores burgueses opressores da sociedade nordestina daquele tempo. Cândido vai dizer que Luís:

(...) atinge, simbolicamente, a materialização do homem dilacerado, - isto é, a duplicação, a formação de uma alma exterior que adquire realidade e projeta o desdobramento do ser. Sob certos aspectos, Julião Tavares, como observou Laura Austregésilo, é uma espécie de duplo de Luís da Silva; encarnando a metade triunfante que lhe falta, é suscitado pelo vulto que o sentimento de frustração adquire na sua consciência. É um ente de superfície, ajustado ao cotidiano, que Luís odeia e secreta mente inveja; mas que vem agravar, por contraste, a sua desarticulação. Por isso é necessário matá-lo, esconjurar a projeção caricatural dos próprios desejos, que o reflete como um espelho deformante. Depois de lentamente amadurecido no espírito, o assassinio surge como ato de reequilíbrio, descrito magistralmente num dos passos mais belos da nossa prosa contemporânea, onde convergem todas as constantes da obra: devaneio, deformação subjetiva, associação de idéias trazendo o passado, visão fragmentária e nebulosa da realidade presente. (Cândido 2006, pp. 115 - 116)

Luís é dilacerado. Tem que lidar com esse conflito a partir da decisão de matar ou não Julião e nos dizeres de Cândido, o seu duplo, a sua metade triunfante, aquele que é espaçoso, o pavão, que goza livremente realiza desejos que Luís não se permite realizar. Julião é estranho, não faz parte dos costumes de Luís e do núcleo de convivência dele, mas é familiar demais de Luís. É estranho e familiar ao mesmo tempo. Como no belíssimo texto de Freud publicado em 1919, *O estranho*. Julião é o retorno dos desejos recalçados de Luís. Esse retorno do recalçado é, como esperado, caricatural, exagerado. Luís ressalta sempre essas características, que são nada mais do que a maneira que ele vê Julião e suas características insuportáveis para ele. Gordo, mole, espaçoso, suado, falador, voz oleosa, falso, etc. Tudo que vinha de Julião lhe incomodava.

(...) A voz oleosa de Julião Tavares continuava a perseguir-me. (...) Distanciava-me. As palavras gordas iam comigo. (...) Necessário dar cabo daquela voz. Se o homem se calasse, as minhas apoquentações diminuiriam. (...) (Ramos 1936, p. 115).

Luís demora cometer o assassinato, é difícil lidar com seus fantasmas, suas lembranças e emoções até a decisão. Antes de falarmos diretamente do episódio do assassinato e das consequências deste ato para Luís, vamos destacar alguns trechos a respeito da maneira que Luís lidava com sua sexualidade e traremos de alguns pontos a respeito do recalque da sexualidade na psicanálise.

3.2.2 - O crime, suas consequências psíquicas e a escrita

Vamos agora tratar mais especificamente do assassinato cometido por Luís e de forma metafórica do mal-estar que isso representa para o nosso protagonista.

Vimos que Luís pensava ser alguém insignificante, impotente, incapaz de se integrar com as outras pessoas na sociedade, deslocado, fraco, etc.. Diante de Julião ele se encolhia, baixava a cabeça e, mesmo que se sentisse extremamente irritado com sua presença e atitudes. Não tinha coragem de enfrentá-lo abertamente. Interessante notar o que Luís afirma no momento em que caminhava atrás de Julião na ferrovia de madrugada: “(...) Agora tudo mudava. Julião Tavares era uma sombra, sem olhos, sem boca, sem roupa, sombra que se dissipava na poeira de água. A minha raiva crescia, raiva de cangaceiro emboscado. (...)” (Ramos 1936, p. 234).

Julião nesse momento não era mais aquele mesmo popular, poderoso, espaçoso, mas torna-se um qualquer escondido pelas sombras da neblina noturna. Aquele Julião que despertava raiva e amedrontava, agora era impessoal, não tinha face para que Luís precisasse enfrentá-lo olho no olho. “(...) Donde vinha aquela grandeza? Porque aquela segurança? Eu era um homem. Ali era um homem. (...)” (Ramos 1936, p. 236). Ali, no escuro, pelas costas, Luís se sentia forte, se sentia homem. Estava deslumbrado, alegre, sem se importar se outros o viam, sem medo do perigo, todos da cidade eram insignificantes naquele momento e Luís se sentia vivo e livre.

Ali era igual José Baía da sua infância, cangaceiro que ficava de tocaia no meio da capoeira e atirava pelas costas quando o indivíduo que deveria matar passava despercebido. Ele mesmo afirma na penúltima citação acima, ali era um cangaceiro emboscado. Não precisaria lidar com o inimigo de frente e, então, não seria acuado. E como foi o enforcamento?

Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. (Ramos 1936, p. 237).

No momento em que Luís mata Julião usa uma corda que pode ser pensada como objeto fálico, como compensação da sua virilidade recalcada. Na infância era a cobra enrolada no

pescoço do avô e a corda do Laço de Amaro Vaqueiro enlaçando as novilhas. Também representam as cobras que Chico Cobra usava para defender-se da polícia em seu esconderijo na floresta, impedindo que os militares se aproximassem. Veio novamente a corda no suicídio de Seu Evaristo enforcado num galho de carrapateira.

Houve mais uma transformação, nos fios da Nordeste, companhia de energia elétrica, depois no cano d'água que passava pela parede da sala de sua casa, e, finalmente, no rolo de cordas dado de presente por Seu Ivo. Luís estava amedrontado, mas mesmo assim andava com essa corda nos bolsos e ficava apertando-a, manuseando-a e já pensava em usá-la para matar Julião Tavares. Julião depois de morto, enforcado, foi pendurado num galho de árvore, de modo que quem visse, pensaria que foi suicídio e Luís não seria acusado. O inimigo foi combatido. Agora estaria tudo bem. Será mesmo?

(...) Lembrei-me da garrafa de aguardente, mas quando fui pegá-la, senti a necessidade de lavar as mãos. Estava imundo e receava contaminar os objetos. Tomei um pedaço de papel, segurei com ele o ferrolho e abri a porta do quintal. Fui ao banheiro, meti as mãos no balde de água e lavei-as, muito lentamente porque as feridas começavam a doer em demasia. Deitei fora a água, mergulhei o balde no tanque e recomecei a lavagem. (...) Achei na borda do tanque um pedaço de sabão ordinário e esfreguei cuidadosamente as mãos e os cabelos. O corpo todo estava sujo, mas o que mais me preocupava eram os cabelos e as mãos. O banho durou uma eternidade. (...) (Ramos 1936, p. 254)

Depois do assassinato Luís vai embora e quando chega à casa a euforia já tinha passado e começam as perturbações por causa do crime cometido. Nesse momento retorna um dos seus sintomas, a atitude obsessiva de lavar as suas mãos, desta vez se estendendo para todo o corpo. Havia algo do qual ele precisava incessantemente se livrar. Se antes era o cangaceiro selvagem que estava recalçado dentro de si e sempre tentava retornar, agora ele havia retornado em ato e Luís tinha que lidar com a culpa da sua ação. Era preciso lavar, purificar as mãos que enforcaram Julião, livrar-se do corpo, cortar em pedaços todas as roupas, esconder, queimar, etc.. Consumir todos os vestígios do crime. Os medos, contudo, surgiram.

Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão? Findei a tarefa, ergui-me, desci os degraus e fui espalhar no quintal os fios da gravata. Seria tudo ilusão? (...) (Ramos 1936, p. 260).

A atmosfera que paira é a de um silêncio absoluto, o que angustiava Luís imensamente. Já durante o dia, quando estava sentado à mesa da sala, viu que uma pessoa parou no meio da rua, as biqueiras de seus sapatos se voltaram em direção a sua casa. Já imaginava nesse momento que era um investigador que estava à sua procura para fazer perguntas sobre a noite anterior e

conduzindo-o para os procedimentos da justiça. Porém a pessoa se virou e voltou a caminhar. Eventos como esses foram acontecendo de forma recorrente e isso o perturbava de maneira intensa. Luís já queria que isso acabasse. Que o capturassem logo. Que acabassem com aquela angústia.

(...) Porque não se acabava logo aquilo? Bati com a mão na mesa e isto me arrancou um grito que abafei e se transformou em praga imunda. Porque não me vinham buscar os miseráveis da polícia? Porque faziam comigo aquela brincadeira de gato com rato? (...) (Ramos 1936, p. 268).

Luís não seria punido objetivamente pela justiça e pela polícia. Não seria preso, não ficaria por trinta anos atrás das grades sujas e das imundícies da cadeia que tanto o amedrontavam. Não havia provas contra ele já que todos acreditavam que foi um suicídio. Porém não está livre de punições de outra ordem para além das punições objetivas da lei. Luís agora estava sendo punido por si mesmo, por seu Super-Eu.

(...) À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada. (...) (Freud 1930, p. 92).

O ideal do cangaceiro selvagem que foi posto em ato conflitava com o ideal do cidadão urbano, letrado, que cumpre as leis. Este cidadão de boa índole agora precisava de uma punição por causa de seu descumprimento das regras sociais. Era necessário arcar com as consequências de seus atos. O ato foi bem-sucedido, porém, a cisão não desapareceu. Ela é inerente ao homem.

Foi feita uma escolha e agora era necessário assumi-la, mantendo intacta a sua honra. A honra do cangaceiro que mata o oponente que roubou a sua mulher e a honra do cidadão urbano que não teme leis e não se permite cometer um crime. A fragmentação estava aí. Um homem dividido, perturbado. Luís ficou doente. “(...) Sem memória, um idiota. Chorava. Batia com a cabeça no ferro da cama, puxava os cabelos. (...)” (Ramos 1936, p. 275). Instaura-se aí uma gigantesca confusão mental que aparece em seu relato até o final do livro. Suas alucinações e delírios – não estamos falando aqui especificamente de delírios psicóticos – se prolongaram e foram expressos com maestria na sua escrita.

O material desse momento pós- crime é muito denso e não teríamos condições aqui de analisá-lo de maneira detalhada. Vejamos, contudo a descrição de sua situação quando estava de cama em sua casa após o crime.

Estava um galho por cima de mim, e era-me impossível alcançá-lo. Ia mergulhar outra vez, mergulhar para sempre, fugir das bocas da treva que me queriam morder, dos

braços da treva que me queriam agarrar. (...) Minha mãe me embalava cantando aquela cantiga sem palavras. A cantiga morria e se avivava. Uma criancinha dormindo um sono curto, cheio de estremeamentos. Em alguns minutos a criancinha crescia, ganhava cabelos brancos e rugas. (...) Um homem sem rosto, sentado na cadeira onde tinha ficado o paletó, falava muito. Que dizia ele? Esforçava-me por entendê-lo, mas tinha a impressão que o visitante usava língua estrangeira. Era como se me achasse num cinema. (...) Eu subia a parede novamente e corria atrás da réstia. Cairia no tijolo outra vez, achatar-me-ia ouvindo o monólogo incompreensível. Receava que o homem sem rosto me julgasse estúpido. (...) (Ramos 1936, p. 273).

Interessante notar que nesse momento de angústia o personagem faz menção à sua mãe, que não tinha sido feita em nenhum momento anterior. Há relatos de um homem sem rosto que o visita, sentado ao seu lado não para de falar, mesmo que Luís nada compreenda. Luís subia e descia pela parede como uma lagartixa que acompanha a luz do Sol, que entra pela fresta da janela do quarto, esta luz que inclusive era a única notícia que tinha das horas e dos dias que se passavam.

Ponto relevante sobre suas alucinações diz respeito ao momento que Luís retrata a presença de várias pessoas da sua infância, também da sua vida adulta e outras que eram estranhas, mas obviamente criadas por sua mente, apareceu, no final do relato, um personagem da sua infância que ele tanto admirava, era seu exemplo de homem. Esse era José Baía, que aparece já velhinho, com as gengivas banguelas e os cabelos brancos. E José Baía liderava a multidão de pessoas que estavam presentes nesse coro. “(...) - "José Baía, meu irmão, estás também aí?" José Baía, trôpego, rompia a archa. Um, dois, um, dois... A multidão que fervilhava na parede acompanhava José Baía e vinha deitar se na minha cama. (...)” (Ramos 1936, p. 284).

É neste estado de fragmentação de si mesmo que Luís da Silva escreve seu relato, o que dá magnitude à obra pelos modos da narrativa, que em primeira pessoa mostra os efeitos de cometer o crime. Por isso durante todo o livro notamos a confusão mental do narrador, as justaposições de passado, presente. Quando relata o momento que conheceu Marina e o presente recente são expressão maior da sua mente descompensada, logo após o crime em um processo de autopunição.

A história de Luís da Silva é uma mostra da psique humana a partir do trabalho do escritor. Luís da Silva mostra-nos que somos seres cindidos, divididos, que essa característica está inerente ao ser humano como diz Freud em 1930 na obra “O Mal-estar na civilização”. Que o princípio de prazer que rege até certo ponto o nosso psíquico é inexequível, está em desacordo com todo o universo e que, citando o fundador da psicanálise, “(...) podemos dizer que a

intenção de que o homem seja "feliz" não se acha no plano da "Criação." (...) (Freud 1930, p. 30).

Por que associamos esse relato escrito por Luís, a respeito das suas questões internas, à sua relação com os conceitos psicanalíticos? Junto dos aspectos do romance moderno, já mencionados no início do capítulo e na seção de contextualização da obra, podemos tomar algumas questões provindas da própria psicanálise relacionadas à escrita. Como sabemos, somos indivíduos divididos, o Eu não é senhor em sua própria casa, como afirma Freud. Há um inconsciente que nos move, que possui uma lógica própria. Esse conteúdo inconsciente, por mais que pareça ser algo sem sentido, não o é. Possui toda uma articulação própria e se revela através das chamadas formações do inconsciente, que são os sonhos, os chistes, os atos falhos, lapsos, etc..

Além destas formações do inconsciente há outro lugar privilegiado em que o inconsciente se revela: na escrita. A lógica do inconsciente, por si só, já é uma lógica simbólica, de linguagem. O sonho é uma articulação linguística que se traduz por meio de imagem, realizando o que Freud chamará de condensação e deslocamento.

Sendo o homem um sujeito dividido, que é onde não pensa e pensa onde não é, que é guiado por uma lógica outra que a lógica consciente, na escrita ele se defronta consigo mesmo, este eu que é um outro para si mesmo. No processo primário, em que a energia psíquica está não ligada, flui livremente sem barreiras, existe a possibilidade, na escrita, dessa energia ligar-se às representações. Quando o escritor se espanta com aquilo que escreveu, é porque o material é representação do outro, da sua dimensão simbólica inconsciente, estranho a ele mesmo. Aparece por meio da linguagem, mesmo que inicialmente deformado. Essa expressão do inconsciente através da escrita se articula com as características da arte moderna, a nosso ver.

A arte modernista é uma arte que tem uma tendência à fragmentação, à expressão livre, sem se ater aos padrões gramáticos e linguísticos, às tendências mais formalistas e rebuscadas. Na poesia os versos são livres, na prosa há o relato do cotidiano, da realidade dos personagens, principalmente falando aqui da realidade brasileira. Há um forte apelo ao subjetivismo em contraposição ao formalismo. Articulam-se elementos da subjetividade do autor com o ambiente, e nessa perspectiva se expressa realidades através das suas vivências e do seu modo de ver o mundo.

Essa é a posição do narrador Luís da Silva. Ele expressa uma visão de mundo distorcida. Inclusive através das descrições que faz dos outros personagens. O mundo para ele é hostil por natureza, e ele está sempre no lugar de vítima dessa hostilidade, sempre amargurado, frustrado, em conflito consigo mesmo e com os outros. O relato presente em "Angústia" é uma expressão

do inconsciente do seu autor, da sua subjetividade. No modernismo essa expressão é arte. Será também uma atividade sublimatória?

3.3 – Luís da Silva e a sublimação através da escrita

Destacam-se no nosso percurso na psicanálise as ideias de mal-estar e sublimação. Essas noções foram necessárias para responder a questão central da pesquisa. Faremos nela uma subdivisão: a) A sublimação é um mecanismo possível para lidar com o mal-estar? b) Luís da Silva, na obra de Graciliano Ramos sublimou ao escrever o relato da sua vida? Inicialmente vamos à busca das palavras de Freud a respeito do tema:

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possíveis às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Essas pessoas se tornam independentes da aquiescência de seu objeto, desviando-se de seus objetivos sexuais e transformando o instinto em um impulso com uma finalidade inibida (FREUD, 1914, p.112).

Esse trecho reforça o que já desenvolvemos a respeito da conceituação da sublimação. Nela ocorre um deslocamento da libido, energia sexual, para atividades que não possuem essa característica. Essas atividades podem ser atividades científicas, artísticas, ideológicas e que são de grande importância para a vida em cultura, ressalta-se que há nesses tipos certa independência em relação ao objeto.

Junto disso uma questão importante se coloca: qual seria a relação entre a criação artística e a sublimação? Recorremos a Barboza (2016), à luz do texto freudiano “O escritor e o fantasiar” (1908), Freud faz um paralelo sobre criação artística e o brincar infantil, ambos permeados pelas fantasias como vimos anteriormente.

Barboza diz que as brincadeiras infantis são uma forma de criação já realizada na infância. A criação literária é uma continuação do mesmo processo do brincar infantil em que a criança cria um mundo próprio baseado nas suas fantasias, elas são a mediação com a realidade. Segundo ele, tanto a brincadeira infantil quanto a criação artística são uma forma de dar um destino àquilo que não é representável. No texto “**Além do princípio do prazer**” (1920) a brincadeira do “Fort – Da” - “se foi” e “aqui está”, de seu neto jogando e buscando de volta o seu carretel de brinquedo. Na brincadeira a criança representa as idas e vindas de sua mãe que o deixa só. O carretel jogado e escondido simboliza a mãe que se vai. Quando puxa o carretel novamente para si, desfruta de um júbilo, que representa o regresso da mãe. A criança transforma energia livre em energia ligada, ou seja, busca na brincadeira uma forma de lidar com algo que

ainda não está representado em sua psique e traz desconforto a ela. É o que acontece na criação artística, como no caso do escritor literário, por exemplo.

Podemos estabelecer um paralelo entre o que fazem as crianças e os artistas, a arte se torna uma via através da qual o artista procura elaborar de forma mais direta conteúdos desprazerosos, dos quais o Eu prefere tomar distância. A sublimação das pulsões aparece na criação artística com esta mesma função de ligação da energia. Não é claro para nós porque a criação artística seria a via escolhida para a sublimação, isto nos parece ser conectado à vida de cada indivíduo, sendo complicada a busca de uma generalização. Como visto anteriormente a sublimação não exclui o recalque, como destinos para a pulsão, eles ocorrem em quantidades diferentes em um indivíduo. Nesse arranjo, o que não é recalçado pelo artista encontrará uma via através da sublimação, no caso, através da criação (na literatura, escultura, pintura, música, etc). O que vivencia o artista se aproxima da vivência da criança: “se apropria daquilo que não se interessa em saber sobre si, apenas podendo fazê-lo através desta construção de algo.” (...) (Barboza 2016, p. 14)

Nessa direção a sublimação acontece na criação com a mesma função de ligação de energia que acontece no brincar, uma busca de lidar com aquilo que está ainda não representado. Não temos acesso ainda às respostas de algumas questões como: porque algumas pessoas sublimam criando arte e outras não, algumas fazem esse processo nos estudos, em outras formas de trabalho, e, mesmo na arte, porque algumas se fruem em determinados tipos de atividades e outras não.

O que sabemos é que as pessoas sublimam, umas mais e outras menos, dependendo da quantidade de material recalçado em seu psíquico e da sua capacidade de deslocar certa quantidade de descarga direta da libido para outros fins não sexuais. O que sabemos até então é que, ao dedicar-se à criação de algo, o artista aproxima-se daquilo que não sabe sobre si mesmo, e muitas vezes nem o quer sabê-lo, como afirma Barboza (2016).

Outra autora Carvalho (2010), diz-nos de um apaziguamento e uma conciliação que a sublimação realiza. A saída sublimatória possui a:

(...) capacidade de promover uma espécie de apaziguamento do sofrimento psíquico, organizando-o numa direção construtiva e benéfica. (...) ali onde os sintomas são o resultado de um arranjo conciliatório _ nem sempre condenado ao fracasso, é verdade _ entre as forças antagônicas que fazem parte do psiquismo, a sublimação, não sendo propriamente uma conciliação, seria uma alternativa mais “saudável” do que as defesas desgastantes que possuímos para lidar com nossos conflitos. (...) (Carvalho 2010, p. 516).

É bem mais saudável para Luís da Silva sentar e escrever sobre a sua trajetória, colocar suas angústias no papel, criar uma história, fazer arte, do que simplesmente permanecer na sua angústia, permanecer na sua perturbação mental, ficar na imaginação de que a qualquer momento irão levá-lo para a prisão por ter matado Julião Tavares. É melhor criar, escrever, do que permanecer num gozo de remorso pelo crime cometido. Luís produziu com essa energia não ligada algo que seja valorizado socialmente, uma saída menos sintomática para os seus conflitos.

Nessa direção é interessante pensar sobre as possíveis vantagens para o escritor, se há na atividade sublimatória, por meio da criação de um romance, uma saída para o recalque. Vejamos a contribuição de outro pesquisador a respeito:

(...) a sublimação, diferentemente de outras defesas, garante, frente ao sofrimento, uma saída pulsional, não destruidora para o funcionamento psíquico e somático, ao passo que a repressão é limitante para o jogo pulsional. A sublimação é a condição pela qual os escritores literários conseguem transformar suas pulsões em energia criadora por meio das vivências literárias, que são formas terapêuticas de aliviarem suas angústias. (...) escritor literário mobiliza mecanismos sublimatórios para ativar seu processo criativo e, assim, dar vazão a sua produção literária. (Bueno 2012, p. 72).

Segundo Bueno (2012), o recalque limita o jogo pulsional, ou seja, parte da libido que fora separada de sua representação permanece no aparelho psíquico produzindo sintomas. Ela não pode ser deslocada para outras atividades. Na sublimação, há um ganho através da arte, do trabalho, e de outras atividades. Os escritores criam a partir das pulsões antes não ligadas e produzem arte para a humanidade, fazem laço social. Porém não podemos deixar de retomar o que já afirmamos, há limites dessa atividade sublimatória.

Gostaria de ressaltar que vários autores já a trouxeram em suas pesquisas casos de escritores que, em certo momento, se suicidam. É claro que devemos levar em conta outras questões contextuais e subjetivas para analisar essa questão, porém, o que é recorrente acerca do assunto é que a defusão pulsional tem um peso nesses suicídios e que a sublimação, em certo ponto, também pode causar problemas. Como seria isso?

Segundo Carvalho, na “(...) sublimação é preciso que o artista e o escritor mantenham algum grau de contato com a fonte desses perigos para poder criar. (...) (Carvalho 2006, p. 18)”. Diferentemente do recalque, em que os conteúdos desagradáveis para o indivíduo permanecem ocultos e revelam-se apenas nos sintomas e outras formações do inconsciente. Na sublimação, os conteúdos desagradáveis e conflituosos ficam acessíveis. Quando o indivíduo se debruça em uma atividade sublimatória, como escrever um livro, por exemplo, ele tem algum contato com esses conteúdos desprazerosos, como afirma Carvalho (2006).

Desse modo, essa proteção contra os perigos internos prometida pela sublimação não é completa. “(...) não parece, porém, que o indivíduo esteja protegido dos perigos internos por meio da sublimação, já que, como nos adverte Freud, ela própria é potencialmente desorganizadora. (...)” (Carvalho 2006, p. 18). Questionamo-nos aqui sobre como seria essa desorganização promovida pela sublimação. Para isso é válido trazer um esclarecimento a respeito da des fusão pulsional à luz de Freud na obra “O Eu e o Id” (1923).

(...) em O Ego e o Id, ressaltar a característica des fusão pulsional envolvida na sublimação, aspecto que, em decorrência da dessexualização, coloca o eu a serviço de objetivos opostos aos das pulsões de vida. A partir do momento em que a pulsão de morte é introduzida na teoria psicanalítica, Freud pensará que da sublimação resulta uma liberação das pulsões agressivas no supereu, pulsões que lutam contra a libido, ficando o eu exposto ao perigo de maus-tratos e morte. (Carvalho 2006, p. 17).

As pulsões de morte e de vida, já presentes nesse momento da obra de Freud, estão amalgamadas uma à outra, ou seja, não há uma atuação pura de cada uma delas. Todo investimento, mesmo de conteúdo sexual, pertencente ao campo das pulsões de vida, traz em si também certa quantidade de pulsão de morte. A sublimação, ao levar a um processo de dessexualização da libido, desloca essa última para atividades com fins diferentes dos fins sexuais a que estavam originalmente destinadas, liberam no aparelho psíquico uma quantidade da pulsão de morte que estava a ela ligada. Essa pulsão não ligada permanece no aparelho e é necessário lidar com ela.

Dependendo da maneira como é manejada, ela pode ser ligada a alguma representação ou pode levar a maus-tratos ao Eu. O indivíduo fica exposto a esses perigos, que podem, inclusive, levar à sua morte, ao suicídio, por exemplo, dado a força destruidora das pulsões de morte quando voltadas contra si mesmo. Ocorre “(...) uma disjunção instintual. O componente erótico não mais tem a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. (...)” (Freud 1923, p. 68-69). É preciso certo investimento de libido no Eu, para que este não possa tornar-se alvo.

Para finalizar destacamos sobre a noção de mal-estar, ele é inerente a todos os indivíduos viventes na cultura, mas não é igual para todos, existem diferentes formas de lidar com esse mal-estar. A quantidade de sublimação possível é variável em cada pessoa, assim como o modo de manejo das pulsões de morte que ficam livres no aparelho psíquico que o indivíduo deve lidar. Todas elas têm um caráter paliativo, auxiliar, mas que são importantes para a manutenção da vida. A sublimação é uma delas. Uma das mais importantes, ainda que não possa resolver de maneira plena os conflitos internos dos indivíduos.

Entretanto, mesmo com todos esses problemas levantados a respeito da sublimação, que, inclusive, merecem um estudo mais detalhado em outra oportunidade de pesquisa, advogamos em favor dela como uma operação psíquica de importância para lidar com as reverses do mundo interno do sujeito.

Vimos também que é possível sublimar através da escrita literária, como no caso da personagem literária Luís da Silva, objeto desta pesquisa, como uma forma alternativa, uma maneira, por mais que seja incompleta, paliativa, menos sintomática e menos desagradável e mais conciliadora de lidar com a angústia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do mal-estar é latente em todos nós. É inerente à nossa existência. Desde o começo nos defrontamos com os limites. Limites esses que o texto freudiano de 1930 “O mal-estar na civilização” nos traz com clareza. Os primeiros aparecem logo quando saímos do ventre. Há um mundo novo, ares novos, situações e condições diferentes que imperam cuidados específicos para que continuemos vivos. Temos fome, sede, dores, e outras necessidades que não podemos solucionar por nós mesmos e precisamos da ajuda de outrem. Somos inundados de cuidados e amor, e, mais tarde, percebemos que não somos tão especiais assim, que precisamos aprender a lidar com alguns entraves. Não somos mais aquele bebê que é tratado como se fosse o único e preferido objeto de amor de nossos genitores. Precisamos aceitar que não somos tão especiais assim.

Mais tarde percebemos que não podemos fazer e nem ter tudo. Que para viver em uma sociedade, para fazermos parte de um grupo, algo buscado pelos homens desde a pré-história em busca de satisfazer algumas necessidades, ter algumas oportunidades e uma razoável segurança, são necessárias algumas renúncias. Portanto, para uma vida melhor pagamos um alto preço à nossa subjetividade. Não dizemos isso apenas de uma forma proibitiva, mas de que certas coisas que almejamos e não podem ser realizadas, não existem condições para que o sejam. Não podemos retornar àquela situação fantasiosa de amor e completude e nenhum outro ser humano pode proporcionar-nos isso, nem mesmo os genitores que nos amamentaram e de nos cuidaram.

O outro grande ponto é a capacidade do nosso corpo. Não temos remédio para a morte. A cultura a cada dia desenvolve grandes esforços para evitá-la, para prolongar a vida, mas há apenas medidas paliativas e nosso corpo segue o seu percurso em direção ao inorgânico.

Psiquicamente falando também existem muitos desafios. A renúncia e a frustração a que estamos destinados a passar nos proporcionam sensações muitas vezes intoleráveis ao nosso Eu, como angústia, melancolia, recalques e outros sintomas que todos nós apresentamos. Sintomas que se renovam a cada dia conforme as mudanças culturais e interferem nos novos modos na subjetividade humana. Mesmo que pensemos que exista uma mesma estrutura social para todos, a subjetividade é única e cada um se posiciona de diferentes maneiras em relação à realidade. Eis o grande desafio. Não existe fórmula pronta. Todas são paliativas. E mesmo aquelas fórmulas que serviram ou servem para alguns, podem não servir para outros. Pelo menos não da mesma maneira. Somos indivíduos fraturados, cindidos, divididos. A completude é só uma fantasia e não está à nossa disposição. Resta-nos posicionar e escolher. Se posicionar e ser sujeito é doloroso. E se não há uma lei externa que puna a nossa transgressão, temos uma lei própria que faz isso.

A lei paterna, com a qual nos defrontamos desde a infância, e era externa, passa a ser interna. Introjamos essa lei em nós. Ela reaparece na forma de um ideal, o Ideal do Eu. E existe um juiz bastante severo que imprime grande quantidade de exigências para o cumprimento desse Ideal do Eu, como vimos. Freud chamou esse juiz de Supereu. Se os outros não nos punem, punimo-nos a nós mesmos. Como lidar com todo esse mal-estar? Freud sugere-nos alguns modos: religião, fruição da arte, substâncias entorpecentes, como medicamentos e recreativos, o álcool e outros, a fuga máxima da realidade na loucura, etc.. Mas um deles em especial chamamos a atenção. É o que ele denomina de sublimação. Este é um caminho. Um caminho que, mesmo que seja limitado e paliativo como os outros, é dotado de grandes atributos e de reconhecimento social. Muitos usaram dessa alternativa no seu trabalho, nos estudos, nas artes e, em especial, na literatura.

A arte literária, além de ser expressão de um povo, de um lugar, de uma época e de um contexto, é expressão também de um sujeito humano. O escritor, ao fazer a sua arte, coloca as letras no papel e emprega ali as suas fantasias. Aquilo que os escritores dizem que é apenas ficção é a expressão do seu ser. Aquilo que muitas vezes é caracterizado como sendo do campo do “não sentido” faz parte da história do sujeito. Não só apenas dele, mas do ser humano em geral. A arte expressa a natureza do sujeito porque é uma arte que expressa a divisão, a desordem. E não é menos bela por isso, e sim, mais humana.

Freud mostrou-nos que os escritores são pessoas que têm acesso privilegiado ao inconsciente. O escritor tem a capacidade de ler e representar um material psíquico que é considerado um não-saber. O não-saber da arte não pode ser alcançado pelos tratados e sistemas dos grandes filósofos e nem pelos scanners cerebrais dos médicos. É aqui que a arte e a psicanálise entram juntas, como uma nova e profunda leitura desse campo do sem-sentido. À arte e à psicanálise estão reservados aquilo que é visto como irracional pela filosofia e como patológico e digno de ser calado pela psiquiatria.

Existe algo que pode ser feito com esses conteúdos. Assim como a cifra do sintoma, os atos falhos, os chistes, as imagens criadas pelo sujeito ao tecer os seus sonhos, a pena do escritor tem a possibilidade de dar sentido a esse algo não nomeado e ainda não representado. A partir daí, da arte e da psicanálise, o sujeito pode reconhecer esses conteúdos como seus e tentar negociar com a angústia, que, mesmo que seja inerente à existência, também se coloca a dispor para o trabalho.

Nesse sentido apostamos em nossa pesquisa na obra de Graciliano Ramos como possibilidade de leitura da relação literatura e sublimação.

Luís, narrador e personagem da obra “Angústia” de Graciliano Ramos, é uma personagem modernista. Dividido e cheio das contradições. Cheio de obscuridade nas suas

emoções. A realidade que ele nos apresenta é uma realidade tão deformada quanto a sua própria visão de si mesmo. O relato que ele escreve na obra traz várias deformações expressionistas sobre si e dos outros, ele via-se como um bicho que andava arreliado. Já Julião, seu inimigo era gordo, mole, suado, cheio de papas balançando, tinha voz oleosa. Dona Adélia, sua vizinha e mãe de Marina, era gorda mole, Seu Ramalho, esposo da vizinha, explorado pelo trabalho braçal, andava com um ombro alto e outro baixo, Marina, a filha dos vizinhos e sua paixão, por outro lado, era descrita de uma forma esplendorosa, branca, com os cabelos de fogo. A obra é rica de descrições.

No último capítulo, é o momento em que aparecem as manifestações da cisão psíquica de Luís. Dividido entre a satisfação e orgulho de ter feito justiça matando Julião, se sente um homem corroído pelo remorso, isso não coaduna com a imagem de cidadão respeitável que levava. Ele já perturbado, com medo da punição pelo ato de Julião, começa a ter várias alucinações, se vê como uma lagartixa na parede. Até “recebe” a visita de várias pessoas, chineses, seus amigos, os personagens que fizeram parte da sua infância. Segundo ele, todos cabem na sua cama, com um grande destaque para José Baía, sua grande inspiração da infância.

Luís teve que posicionar-se diante de um problema de ordem transcendente. Agir conforme a sua linhagem de sertanejos e cangaceiros, que resolviam as suas questões nos moldes da violência, ou agir conforme as regras sociais no contexto que estava inserido. Ele não era apenas aquele homem que fora criado na fazenda do avô admirando as virtudes de José Baía, mas era, nesse momento de sua vida, também um funcionário público, homem das letras, que escrevia em jornal, textos literários, etc.. Esse homem das letras, cidadão respeitável, não era compatível com o sertanejo e vice-versa. Diante de Julião, sobre o qual se concentram suas frustrações, ele teve de se posicionar. Na coragem inédita do assassinato, o homem sertanejo que viva em tocaia para matar retornou. O oponente foi enforcado pelas costas e morto.

O cidadão respeitável e polido, contudo, não deixou de resistir. Este ainda existia dentro de si. Como não houve uma punição legal, coube a Luís ser seu próprio inquisidor. Ele deveria assumir a sua culpa e pagar o preço pelas suas escolhas. Esse preço foi a perturbação psíquica inconsciente. Não é possível fugir do sofrimento, como podemos ver claramente nos seus relatos, vive um martírio após matar Julião Tavares.

Neste ponto voltamos a falar de sublimação. O conflito psíquico que assolava Luís, assim como o que assola a todos nós seres humanos não pode ser cessado. Não há cura para esse conflito. Esse conflito pode, contudo, ser vivido de formas diversas. Pode haver formas sintomáticas menos causadoras de sofrimento psíquico que outras. Acreditamos que, mesmo com suas limitações, a sublimação pode auxiliar nesse papel. Mesmo ela sendo uma construção auxiliar, paliativa, como afirma Freud no texto de 1930, e esbarre em vários pontos limitantes do

sujeito, como recalque e capacidade sublimatória de cada um. É através dela que o sujeito pode dar um caminho sintomático menos desprazeroso, - quiçá prazeroso - ao seu conflito, ao seu mal-estar.

Tendemos a acreditar que o relato de sua vida escrito por Luís não é apenas um desabafo, mas um trabalho sublimatório, onde ali são expressos os porões da sua alma, em que, nem os sistemas fechados da filosofia e nem os scanners da medicina daquela época e da nossa atualidade, são capazes de chegar. O livro “Angústia” não é apenas uma expressão da estrutura linguística do inconsciente, mas é também uma atividade sublimatória que permitiu ao seu autor, Luís da Silva, transitar melhor através das suas questões e sintomas oriundos do mal-estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aristóteles (1991) *Poética*. In: Coleção “Os Pensadores Aristóteles - Ética a Nicômaco; Poética” (; seleção de textos ,Pessanha, J. A. M. Trad. Vallandro, L. & Bornheim G. da versão inglesa de Ross, W.D. ; Poética : tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. — 4. ed. —). São Paulo : Nova Cultural

Assoun, P. L. (2012) *Freud e as ciências sociais – Psicanálise e teoria da cultura*. São Paulo: Edições Loyola. (Obra original publicada em 2008)

Arteaga, C G. (2005) *A alma russa de um nordestino: Graciliano Ramos leitor de Dostoiévski*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Barboza. A. V.(2016) *A sublimação na arte e seus efeitos no artista*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,vCurso de Psicologia, Sobral.

Bueno, M. (2012). “*A arte de escrever, com a palavra o escritor*”: *as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia.

Cândido, A. (2006) *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul

Carvalho, A. C. *A toxidez da escrita como um destino da sublimação em David Foster Wallace*. Revista Psicologia USP, São Paulo, julho/setembro, 2010, 21(3), 513-530 .

Conte, F. (2015) *Projeção e desamparo – Religião, filosofia e metapsicologia em Freud*. Saarbrücken/ Deutschland: Novas edições acadêmicas.

Cruxen, O (2004). *A sublimação*. Coleção passo a passo. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed.

Enriquez, E. (1990) *Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*. (Carretero, T. C. & Nasciutti, J. Trad. 1ª ed.). Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1983).

Freud, S. (2010). *A pulsão e seus destinos*. In: S. Freud. Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (2010) *Além do princípio de prazer*. In: Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil (O Homem dos Lobos), Além do princípio do prazer e Outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (2010) *Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica: criminosos por um sentimento de culpa*. In: In: Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1916).

Freud, S. (2015) *Delírios e sonhos na Gradiva de W. Jensen*. in: Sigmund Freud Obras Completas, vol. 8: Delírios e sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. São Paulo : Cia das Letras. (Original publicado em 1907).

Freud, S. (2010) *Dostoiévski e o parricídio*. In: Obras completas, volume 18: mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1928).

Freud, S. (2014) *Inibição, sintoma e angústia*. in: Sigmund Freud Obras Completas, vol. 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo : Cia das Letras.

Freud, S. (2010). *Introdução ao Narcisismo*. In: S. Freud. Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (2015) *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*. in: Sigmund Freud Obras Completas, vol. 8: Delírios e sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. São Paulo : Cia das Letras. (Original publicado em 1908).

Freud, S. (2011). *O Eu e o Id*. In: Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed). São Paulo: Cia das Letras. (Original publicado em 1923).

Freud, S. (2015) *Análise fragmentária de uma histeria*. in: Sigmund Freud Obras Completas, vol. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso dora") e outros textos. São paulo : Cia das letras. (Original publicado em 1908).

Freud, S. (2016) *O escritor e o fantasiar*. in: Sigmund Freud Obras Completas, vol. 8: Delírios e sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. São Paulo : Cia das Letras. (Original publicado em 1908).

Freud, S. (2015) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. in: Sigmund Freud Obras completas, vol. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso dora") e outros textos. São paulo : Cia das letras. (Original publicado em 1905 [1901]).

Freud, S. (2013) *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. in: Sigmund Freud Obras completas, vol. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O homem dos ratos], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. São paulo : Cia das letras. (Original publicado em 1910).

Freud, S. (2010) *O mal-estar na civilização*. In: Obras completas: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (Souza, P. C. Trad. 1ª ed) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).

Freud, S. (2012), *Totem e tabu*. em: Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. (Souza, P. C. Trad. 1ª ed.) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1913)

Gabbi Jr. O. (2003) *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanalise*. Rio de Janeiro: Imago.

Garcia-Roza, A. (2008) *Freud e o inconsciente*. 24ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1994)

Garcia-Roza, A. (2008) *Introdução à metapsicologia freudiana 2 – A Interpretação dos sonhos*. (8ª ed.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1993)

Garcia-Roza, A. (2008) *Introdução à metapsicologia freudiana 3 – Artigos de metapsicologia*. (7ª ed.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1995)

Gerez Ambertin, M (2009) *As vozes do supereu : na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. (Chebli, S. Trad. 1ª. ed.). - Rio de Janeiro : Cia de Freud.

Laplanche, J. (1987) *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1989) *Problemáticas III – A sublimação*. São Paulo : Martins Fontes.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001) *Vocabulário de psicanálise*. (Tamen, P. trad. 4ª. ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1982).

Le Rider, J. (2002) *Cultivar o mal-estar ou civilizar a cultura?* In: Rider, J. L., Plon, M., Raulet, G. & Rey-Flaud, H. Em torno de *O mal-estarna cultura* de Freud. (Oliveira, C. L. M. & Koltai, C. Trad. 1ª ed.) – São Paulo : Escuta.

Mello, D. M. (2001) *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro : Editora UFJF.

Mezan, R. (1982) *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Mezan, R. (2006) *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das letras.

Metzger, C. (2008) *Derivações da sublimação em Freud*. Dissertação de Mestrado. Insitituto de Psicologia USP – São Paulo.

Monzani, L. R. (1989) *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.

Nakasu, M. V. P. (2007) *Sublimação, pulsão de morte, Supereu: o papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas*. Tese de doutorado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos – São Carlos.

Pisetta, M. A. A. M. (2008) *Considerações sobre as Teorias da Angústia em Freud*. In: *Psicologia Ciência e Profissão*. Vol. 28, pp. 404-417.

Platão (1991) *Fedro*. In: Coleção “Os pensadores – Platão - Diálogos”. Seleção de textos Pessanha, A. M. o Motta; trad. e notas Souza, J. C., Paleikat, J. e Costa, J. C.. — 5. ed. — São Paulo : Nova Cultural.

Quinet, A. (2015) *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanalise*. Rio de Janeiro : Zahar.

Ramos, G. (2005). *Angústia*. São Paulo: Record.

Ranciere, J. (2009) *O inconsciente estético*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34.

Rangel, R. P. S (2018). *A estética literária de Graciliano Ramos: a formação da personagem Luís da Silva em Angústia (1936)*. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Maceió.

Raulet, G (2002) *As duas faces da morte. Sobre o estatuto agressividade e da pulsão de morte em O mal-estarna civilização*. In: Rider, J. L., Plon, M., Raulet, G. & Rey-Flaud, H. Em torno de *O mal-estarna cultura de Freud*. (Oliveira, C. L. M. & Koltai, C. Trad. 1ª ed.) – São Paulo : Escuta.

Rey-Flaud, H (2002) *Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estarna cultura*. In: Rider, J. L., Plon, M., Raulet, G. & Rey-Flaud, H. Em torno de *O mal-estarna cultura de Freud*. (Oliveira, C. L. M. & Koltai, C. Trad.) – São Paulo : Escuta.

Robert, M. (1991) *A revolução psicanalítica*. São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1968).

Santos, A. (2005). *A tragédia grega: um estudo teórico*. Revista Investigações, Vol. 18, no 1, 41-67.

Silva, L J M (2016) *O totemismo e o desamparo psíquico como fontes da religião em “O futuro de uma Ilusão”*. Monografia. Universidade Federal de Lavras.

Strachey, James. (1996) *Comentários do editor inglês*. in: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago.

Suassuna. A. (1972/2013). *Iniciação à estética* [Recurso eletrônico]. 1ª. ed. - Rio de Janeiro: José Olímpio.

Valadão, J R.(2016) O expressionismo em Angústia. Revista A palo seco. ano 8, n. 8. pp. 104-111.